

Gilberto Cipriano do Nascimento
Alúcio Moreira da Silva Junior
Paulo Francisco Mota
(Organizadores)

HERÓIS DA FÉ



AYA EDITORA
2025

Ecos de Hebreus 11 para o Mundo Contemporâneo

HERÓIS DA FÉ



Gilberto Cipriano do Nascimento
Alúcio Moreira da Silva Junior
Paulo Francisco Mota
(Organizadores)

HERÓIS DA FÉ



AYA EDITORA

2025

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organização

Gilberto Cipriano do Nascimento

Aluísio Moreira da Silva Junior

Paulo Francisco Mota

Capa

AYA Editora©

Revisão

Dâmmarys de Araújo Lima Nascimento

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

Gerada por Gemini Pro

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kowaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.^a Dr.^a Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.^o Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.^o Dr. Rômulo Damasclín Chaves dos Santos (ITA)
Prof.^a Dr.^a Sílvia Gaia (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.^o Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.^o Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.^a Dr.^a Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.^o Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.^a Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.^o Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.^o Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.^a Dr.^a Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.^o Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.^o Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.^a Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.^a Dr.^a Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.^a Dr.^a Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.^a Dr.^a Lucimara Glap (FCSA)
Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.^a Dr.^a Pauline Balabuch (FASF)
Prof.^a Dr.^a Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.^o Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.^a Dr.^a Sílvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tássia Patrícia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2025 - **AYA Editora** - O conteúdo deste livro foi enviado pelo autor para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões do autor, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente ao autor da obra.

H559 Heróis da fé: ecos de hebreus 11 para o mundo contemporâneo [recurso eletrônico]. / Gilberto Cipriano do Nascimento, Aluísio Moreira da Silva Junior, Paulo Francisco Mota (organizadores) -- Ponta Grossa: Aya, 2025. 140 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-909-7

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502

1. Bíblia. N.T. Hebreus - Comentários. 2. Bíblia- História de fatos contemporâneos. I. Nascimento, Gilberto Cipriano do. II. Silva Junior, Aluísio Moreira da. III. Mota, Paulo Francisco. IV. Título

CDD: 227.87

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Prefácio	XI
Apresentação.....	XII
Carta aos Coautores – Gratidão e Convite.....	XIII

01

Abel: A História que nos Constrange	1
--	----------

Arthur de Souza Cunha

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.1

02

Enoque: O Homem que Andou com Deus	10
---	-----------

Giovanni Carvalhais de Oliveira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.2

03

Noé: Um Homem que Andou com Deus	17
---	-----------

Daniel Humberg de Uchôa de Jesus Melo

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.1

04

Abraão: Uma Biografia Histórica e Teológica do Pai da Fé25

Francisco das Chagas Barbosa Brandão

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.4

05

Sara: A Mãe de uma Grande Nação38

Miriam Moreira de Frias Nascimento

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.5

06

Isaque: Fé Silenciosa, Obediência Constante47

Elizabeth Brandão Oliveira Claudino Pontes

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.6

07

Jacó: A Jornada de um Patriarca51

Jorge de Abreu Lima

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.7

08

José: Um Herói da Fé que nos Inspira a Viver59

Dailton Moura Tofano

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.8

09

Raabe: A Fé em Deus Fez a Diferença na Família.....67

Ruth Queiroz de Medeiros

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.9

10

Gideão: Fé que Enfrenta Gigantes – Quando o medo se transforma em coragem nas mãos de Deus.....77

Gilberto Cipriano do Nascimento

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.10

11

Jefté: Uma Nova História Livre da Rejeição85

Ailton Fernandes

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.11

12

Sansão: Força, Fraqueza e Fé94

Aluísio Moreira da Silva Junior

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.12

13

Samuel: Do Clamor a Coroa: Lições de Samuel para uma Vida de Obediência102

Isaac Rúben Almeida Sales

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.13

14

Davi: Do Pasto ao Trono.....110

Paulo Francisco Mota

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.14

15

Baraque: Uma História de Fé e Superação120

Rivaldo Firmino dos Santos

DOI: 10.47573/aya.5379.2.502.15

Organizadores124

PREFÁCIO

O decoroso convite para apresentar o livro “Heróis da Fé” me trouxe uma inquietação curiosamente sadia na alma. Confesso que meu coração ardeu. Foi um ardor provocado pela honra de novamente prefaciar mais uma arrojada e moderna obra literária, sobretudo do ponto de vista da hermenêutica e da exegese bíblica nela aplicada. Já o outro inquietamento, foi o óbvio temor, porém gratificante, de representar todos os qualificados colaboradores desta empreitada da literatura evangélica. A incumbência me confiada pelo ínclito coordenador editorial professor pastor Cipriano, no propósito de traduzir em palavras o sentimento da altíssima responsabilidade que recaiu sobre cada coautor, de imediato, levou-me a impressão que não era só escrever um antelóquio (dicionário: antelóquio é o texto que antecede a parte principal de um texto, ou, de uma obra literária), mas sem dúvida, declarar o tanto de categoria e seriedade revelada nos pormenores dos capítulos a seguir. Está realmente deveras cristalino o nível elevado do trabalho realizado para fornecer a você leitor, um material relevante, substancial e porque não dizer, necessário. Sim, acredito ser muito necessário dado a gama de fontes duvidosas e sem legitimidade por aí, existentes em nossos dias. O livro “Heróis da Fé” nasce dentro de perspectivas e características teológicas judaico-cristãs, como deve ser a genuína teologia, com a proposta de contribuir com o público amante da verdadeira doutrina, mapeadas em cada figura elencada pela galeria da Epístola de Hebreus 11. Ali vemos exemplos e modelos de homens e mulheres que no exercício da fé, deixaram um legado extraordinário a ser estudado e copiado por todos os santos e gerações posteriores. Espero que sua leitura seja tomada por tempos de concentração, a fim de não perder nenhum dos códigos espirituais decifrados pelo escrete de coautores. Leia não somente por protocolo, mas com sua alma, e se debruce nas pérolas grafitadas nas páginas desta obra, que é um verdadeiro compêndio da nossa modernidade.

Pr. Aluisio Moreira da Silva Junior

Insagram e Twiter @PastorAluisioOficial

e-mail praluisio@hotmail.com

21-99915.0264

Escritor

Pastor da Igreja Batista Belém - RJ

Mestrado em Teologia com especialização em Ministério Pastoral pelo Luther Rice Seminary

(Atlanta/USA)

Pós-Graduando em Psicologia Pastoral pela FATIN (Faculdade de Teologia Integrada)

Professor do Seminário Teológico Evangélico Batista Nacional do RJ (CBN)

Professor do Seminário Bíblico Batista do RJ (CBB)

Ex-Presidente da CBN-RJ (Convenção Batista Nacional RJ)

APRESENTAÇÃO

Todo projeto que nasce no Reino de Deus carrega uma história antes mesmo de ganhar forma. Este livro não surgiu apenas de uma ideia editorial, mas de conversas, inquietações espirituais e do desejo sincero de ver a fé cristã sendo novamente apresentada com profundidade, esperança e compromisso bíblico.

A inspiração inicial para esta obra nasceu a partir de uma conversa edificante com o Pastor Aluísio Moreira, da Igreja Batista Belém, em Olaria/RJ. Foi ele quem lançou a semente, provocando-me a olhar para o capítulo 11 da Epístola aos Hebreus não apenas como um texto clássico da fé cristã, mas como um convite vivo à escrita, à reflexão e à edificação da Igreja nos dias atuais. A ele registro minha gratidão, respeito e reconhecimento.

Ao aceitar esse desafio, compreendi que Heróis da Fé precisava ser mais do que um livro informativo. Precisava ser uma obra que unisse gerações, experiências, vozes e chamados. Assim nasceu a proposta de uma coletânea escrita a muitas mãos, reunindo autores e autoras comprometidos com a Palavra, com a reflexão responsável e com o testemunho cristão.

Como organizador e mentor deste projeto, acompanhei de perto cada etapa: o convite aos coautores, o direcionamento temático, a definição da estrutura e o cuidado com a fidelidade bíblica e teológica. Dei liberdade para que cada autor escrevesse com sua identidade, mas sempre sob o mesmo eixo: apresentar homens e mulheres que viveram pela fé, conforme o testemunho das Escrituras.

Os personagens aqui retratados não são heróis idealizados, distantes da realidade humana. São pessoas comuns que confiaram em um Deus extraordinário. Alguns venceram com grandes feitos; outros perseveraram em silêncio. Todos, porém, deixaram um legado que atravessa séculos e continua falando ao coração dos que creem.

Desejo que este livro seja lido com atenção, oração e abertura espiritual. Que ele inspire líderes, professores, estudantes, membros de igreja e todos aqueles que anseiam por uma fé mais madura, consciente e viva. Que cada capítulo lembre ao leitor que o mesmo Deus que agiu no passado continua chamando pessoas hoje — talvez o próprio leitor — a caminhar pela fé e não pela vista.

Que toda glória seja dada a Deus, o Autor e Consumador da fé.

Pr. Gilberto Cipriano do Nascimento

*Organizador e Mentor do Projeto
Heróis da Fé*

CARTA AOS COAUTORES

GRATIDÃO E CONVITE

Queridos coautores,

Escrevo esta carta com o coração cheio de gratidão. Cada um de vocês aceitou fazer parte deste projeto em um contexto que, humanamente falando, exigia confiança. Muitos não me conheciam pessoalmente, outros apenas de forma pontual, e ainda assim decidiram caminhar juntos, acreditando na proposta, na seriedade do trabalho e, sobretudo, no propósito maior que nos uniu.

Isso não é algo pequeno. Em um tempo marcado por desconfiança, superficialidade e projetos vazios de essência, o simples ato de dizer “sim” já foi, por si só, um gesto de coragem e maturidade espiritual. Vocês confiaram não apenas em uma ideia, mas em um chamado.

Cada capítulo entregue carrega mais do que palavras: carrega experiências, dores, inquietações, convicções e esperança. Este livro não nasceu de vaidade acadêmica nem de ambições pessoais. Ele nasceu do chão da igreja, do ministério vivido, das conversas pastorais, das lutas silenciosas e do amor pelo Evangelho. Por isso, ele é verdadeiro. Por isso, ele tem peso.

Quero agradecer profundamente pela generosidade de cada um. Generosidade de tempo, de reflexão, de entrega e de coração. Vocês não escreveram para aparecer, mas para servir. Não escreveram para agradar, mas para confrontar, exortar e, acima de tudo, chamar à restauração da fé e ao retorno à essência.

Como organizador e mentor deste projeto, aprendi muito ao caminhar com vocês. Este livro me confirmou algo que carrego como convicção: Deus continua levantando pessoas sérias, comprometidas com a Palavra, que não negociam a verdade nem diluem o Evangelho para se adaptar ao espírito do tempo.

Finalizo esta carta deixando não apenas um agradecimento, mas um convite sincero. Este projeto não precisa — e não deve — ser o último. Há muito ainda a ser dito, escrito e compartilhado. Se em algum momento vocês sentirem novamente o desejo de caminhar juntos em novos projetos editoriais, saibam que as portas estarão abertas e o coração também.

Que este livro seja apenas o começo de outras parcerias frutíferas, sempre com o mesmo propósito: glorificar a Deus, edificar a Igreja e permanecer fiéis à essência do Evangelho.

Com respeito, admiração e gratidão!

Pr. Gilberto Cipriano do Nascimento

*Organizador e Mentor do Projeto
Heróis da Fé*

Abel: A História que nos Constrange

Arthur de Souza Cunha

Escrever sobre a história de Abel não é uma tarefa fácil, nem deveria sê-lo. A história de Abel, na Bíblia, contém pouquíssimas passagens, mas escrever sobre esse personagem se torna uma tarefa difícil não por causa da ausência de informações biográficas sobre ele. O que torna essa escrita desafiadora é o seu testemunho e a forma como ele nos confrontam acerca da adoração, do testemunho e do martírio.

Existe uma frase atribuída a Tertuliano em que ele afirma que o sangue dos mártires é a semente da Igreja. A história da nossa fé é marcada por mártires, homens e mulheres que deram suas vidas por causa do evangelho e da verdade divina. Paulo, ao escrever à comunidade de Filipos, afirmou: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro”.¹ A história da nossa fé é fundamentada em Jesus Cristo, que, ao morrer na cruz do Calvário, teve seu sangue inteiramente eficaz para salvar seus filhos da condenação eterna.

A história de Abel nos traz muitas reflexões. O mais interessante é que Abel não “fala” na Bíblia; as informações que encontramos vêm do próprio Deus, do autor de Gênesis, de Jesus Cristo e do autor da Primeira Epístola de João, que dão voz ao seu testemunho, mas nunca a partir de uma fala direta. Isso o diferencia de seu irmão Caim, que se torna o personagem mais intrigante do capítulo 4 de Gênesis. Ainda assim, o testemunho de Abel ecoa profundamente. Ele nos fala sobre uma vida ética e relacional com o Criador. Banido do jardim com sua família, Abel reconhece que Deus é o Senhor da criação e que a Ele se deve prestar o verdadeiro culto.

Observe que, talvez, Caim possua esse mesmo entendimento, mas não a prática genuína de uma vida espiritual. Sabemos onde Caim se perdeu, o pecado dominou seu coração, diferente de seu irmão que foi a fé que inundou o coração de Abel, não é por menos que o autor de Hebreus o cita logo após o descrever o conceito de fé no capítulo onze. Já parou para imaginar que vivemos em mundo em que adoração se tornou algo mecânico, por vezes achamos que somos Abel, mas vivemos como Caim, cumprindo a tabela da fé, mas nunca uma vida relacional genuína, assim como fez Abel. Boa Leitura

¹ Fp. 1.21

GÊNESIS 4.1-16²

A história da humanidade se inicia em Gênesis, primeiro livro do Antigo Testamento e que faz ecos para figura de Jesus Cristo em toda a sua estrutura, a história de Abel em Gênesis se encontra no que é considerado de história primeva³ da bíblia e que demonstra em sua narrativa que ela se conecta dentro da criação da humanidade, bem como da construção da sociedade pós-queda. O debate teológico existente sobre o livro de Genesis ocorre em compreender suas formas literárias, bem como o conteúdo teológico do livro.

A compreensão do conteúdo e da forma literária do livro de Gênesis possibilitará compreender como a história de Abel se conecta dentro da estrutura do livro como um todo, bem como com toda a bíblia, como afirmou o teólogo Tremper Longman III, “Genesis não é um livro fácil de se entender” (2009, p.20) nele encontramos diversas formas literárias; o narrador utiliza de prosa, poesia, narrativa e encontramos sagas heroicas, genealogias e narrativas históricas. Ao lermos a história de Gênesis nos deparamos com a criação do universo, pura cosmogonia, nele Deus habita sem a humanidade, então o eco da sua se espalha por toda vastidão, “– Haja luz” e assim a criação surge, Ex nihilo, a partir da vontade de Deus, a cada sequência de criação do universo, Deus termina afirmando que isto é bom! O início do livro de Gênesis não foge de modelos gerais existentes na antiguidade e nas mitologias do antigo oriente próximo.⁴

Ao utilizarmos o conceito mito, não estamos afirmando que a história da criação não seja real, mas utilizando o termo correto para explicar textos antigos que eram comuns na antiguidade. Devemos lembrar que o escritor de Gênesis, não pensa a criação do universo da maneira que cientistas modernos⁵, o livro de Genesis não se trata de um tratado de física moderna, mas antes de um texto antigo que descreve um Deus criador que se relaciona com a humanidade e que esse autor ou redator⁶ ao coletar informações, irá compelir os dados coletados ao seu contexto.

Os detalhes dentro do livro são importantes para compreendermos a narrativa de cada capítulo que busca se conectar com o seguinte, ainda com pausas proposital por parte do autor.⁷ Após criar o universo, animais, águas, terra, Deus cria o homem, nesse caso, Adão. A narrativa de Gênesis irá de distinguir das demais narrativas da antiguidade a partir desse momento, ao criar o homem Deus declara

2 A Bíblia de Jerusalém (Ed. Paulus) foi a tradução utilizada para os textos bíblicos aqui abordados.

3 A sequência de Gn 1-11 conhecida como história primeva trata de sequência sobre criação, queda, dilúvio e dispersão dos povos

4 O mito criacional de Gênesis fazem parte de um conjunto maior, que incluem literatura egípcia e mesopotâmica.

5 Essa afirmação não irá de encontro com o conceito de Sola Scriptura, pois não fere a inerrância do texto, apenas uma reflexão sobre o texto.

6 Sobre a autoria ou não mosaica do livro, leia o capítulo dois do livro do Tremper Longman III, Como ler Gênesis (Ed. Vida Nova)

7 Robert Alter discute essas pausas estratégicas em seu livro a Arte da Narrativa Bíblica (Ed. Companhia das Letras)

que “façamos nossa imagem”, em linhas gerais a criação do homem representava a essência da divindade criada, nesse caso do próprio Deus. Após criar Adão e depois Eva, Deus declara que ambos devem multiplicar e que dominem sobre todas as coisas, exceto que não comam do fruto da árvore que estava no meio do Jardim (Gn 3.4).

Eis a tentação, após a serpente oferecer o fruto a Eva, ela come e oferece ao seu marido Adão, que ao comerem o casal desobedece a Deus, nesse momento o conceito de “queda e pecado” passam a fazer parte de toda história humana até nossos dias. A partir da queda e da saída do homem do Jardim do Eden, Deus fará uma série de promessas ao casal. Parte dos teólogos compreendem que Gn 3. 15 a promessa de Deus para Eva, se trata da figura de Jesus e da destruição de Satanás, já que no entendimento posterior, a serpente representaria Satanás personificado no animal⁸. Eva acredita que o descendente que cumprirá a promessa será seu filho Caim, como afirmar Walter Kaiser Jr “Eva equivocou-se e o texto bíblico apenas registra anseios dela, e talvez indique clara compreensão que ela tivera de Gn 3. 15” (1980, 81).

É a partir desse contexto, de criação, queda, consequências e promessa, que surgem a figura de Caim e Abel. Caim irmão mais velho, se torna protagonista nesse capítulo, mas é Abel o mártir, que encontramos no capítulo de Gn. 4 o primeiro homicídio. A cena da narração nos conta que Eva dá a luz primeiramente a Caim e posteriormente a Abel, Abel se torna pastor de ovelhas e Caim um agricultor, ambos se apresentam a Deus suas ofertas, esse cenário nos revela algo interessante, o contexto não cita uma lei clara sobre ofertas para a divindade (mas o contexto de um texto antigo pode sugerir que é prática comum) John Walton afirma que as “ofertas não se tratam de pagamento pelo pecado ou uma busca por purificação” (2018, p.39) possivelmente tal prática servirá nos ritos de ofertas descritos em Levítico 2.

Bruce Waltke demonstra uma possível relação de continuidade ⁹dentro do livro do Gênesis nos âmbitos familiares, uma relação entre pais e filhos, Adão, Caim e Abel, Isaac, Esaú e Jacó, Jacó, seus filhos e José. Em ambos os contextos alguns elementos se destacam, sacrifícios, morte, perseguição e no fim redenção. Os textos para além de narrativas de fatos também parece a pontar para a fragilidade humana dentro do seio familiar, brigas internas e o desejo da aprovação de Deus de toda maneira. É o que ocorre com Caim em seu sacrifício e com Esaú ao vender sua primogenitura e posteriormente se arrepender.

Abel surge nesse contexto de uma narrativa de redenção pós-queda, comentaristas bíblicos sugerem que Caim e Abel poderiam ser gêmeos, pelo fato do texto bíblico omitir que Adão coabitou com Eva após o nascimento de Caim, seja como for, Abel nasce e se torna pastor de ovelhas, esse detalhe é importante pois aponta para outros personagens bíblicos vivendo em uma sociedade agrária que também foram pastores de ovelhas, mais com indicativo de serem tementes a Deus, Abel, Jacó, Moisés e Davi são exemplos dessa relação. A etimologia do nome Abel

⁸ Walter Kaiser Jr apresenta elementos reflexivos sobre esse trecho, em seu livro *Teologia do Antigo Testamento* (Ed. Mundo Cristão)

⁹ *Comentário do Antigo Testamento – Gênesis* (Ed. Cultura Cristã)

ainda é uma incógnita para linguistas e teólogos¹⁰, em linhas gerais o nome Abel pode derivar da Suméria ibil(a), ou do Acádia ab/plu, “filho”.

O texto de Gênesis ao tratar sobre as ofertas de Abel e Caim descrevem que Caim trouxe ofertas a Deus (Gn. 4.3) ao passo que Abel trouxe as primícias de seu rebanho para ser oferecidos a Deus (Gn. 4.4) e que coube a Deus aceitar as ofertas de Abel e não se agradar das ofertas de Caim, o texto inicial parece não explicar o motivo da não aceitação ou até mesmo qual critério foi utilizado por Deus para isso. No Novo Testamento parece elucidar o motivo em que a oferta de Caim havia sido rejeitada, na carta de primeiro a João o autor do texto afirma que “não como Caim que sendo maligno, matou o seu irmão, e por que matou, porque suas obras eram más, ao passo que a do seu irmão eram justas”.¹¹

No versículo seis encontramos um diálogo interessante entre Deus e Caim, esse diálogo se trata de uma advertência do próprio Deus para com Caim, afirmando que o mesmo deve tomar cuidado com o pecado que está rondando seu coração. O texto vai afirmar que Caim ignora a orientação divina, seguindo os mesmos caminhos do seu pai em relação ao fruto no Jardim do Éden. Caim então convida o seu irmão para irem ao campo e lá mesmo o executa. O texto não dá voz para Abel, apenas deixa claro que Deus havia se agradado dele, sem voz ativa se torna o primeiro mártir. Na aplicação de seu comentário Bruce Waltke sugere que a Teologia de Caim era fraca, por isso fracassou em seu sacrifício. Waltke ainda sugere que:

O fracasso de Caim no culto, e a ira subsequente, são básicos para seu comportamento não-ético. O eleito e o não-eleito são diferenciados por suas atitudes básicas em relação a Deus. Ironicamente, Caim tenta ocultar seus pensamentos íntimos do Deus onisciente que conhece sua ira. (WALTKE, 2011, p 16)

O texto nos apresenta algumas reflexões importantes, entre elas o que oferecemos a Deus deve passar por uma atitude sincera e reflexiva, não é por menos que é o próprio Jesus que declara que Deus busca verdadeiros adoradores.¹² O texto nos aponta o próprio Deus corrigindo Caim antes e depois do fratricídio cometido contra seu próprio irmão. Durante toda a bíblia encontramos relatos parecidos como o de Caim e Abel, precisamente sobre a maneira correta de adorar ao Senhor, a adoração concreta e correta demonstra ser sinônimo de fidelidade. O povo de Israel ao longo do Antigo Testamento parece ter vivido em um eterno pêndulo entre a oferta de Caim e a oferta de Abel. O texto nos faz refletir sobre a maneira que podemos nos parecer com Caim, sendo que o nosso coração deve parecer com o de Abel, em que Deus se agradou profundamente de sua oferta, o primeiro mártir foi um adorador.

¹⁰ Derek Kinder discute esse aspecto no seu comentário do livro de Gênesis (Ed. Vida Nova)

¹¹ 1 João. 3. 12

¹² João. 4. 23

MATEUS 23:35 – LUCAS 11:51

Ao lermos os textos de Mateus e Lucas que falam sobre Abel em paralelo notamos que ambos utilizam a mesma fonte, o texto é desconhecido em Marcos e João, Mateus e Lucas são os únicos textos que citam qualquer informação sobre Abel e em ambos os casos são informações ditas pelo próprio Jesus em uma de suas pregações, valendo-se da hipótese de outros textos circulantes e não canônicos, a comunidade lucana e mateana podem ter guardado a memória dessa pregação ou tido contado com a Fonte Q¹³. Para além do debate sobre crítica textual e análises das fontes primárias, notamos que é Jesus que fala sobre Abel em um contexto de purificação e profecia.

Notemos que a crítica de Jesus em Mateus 23 e em Lucas 11 é de fato sobre a maneira como os fariseus decidiram viver uma vida religiosa sobre o aspecto da vaidade e hipocrisia, note que antes que Jesus citar Abel como exemplo do sangue do justo que clama, ele faz duras críticas ao modo como as ofertas por parte dos fariseus que são realizadas. No versículo 19 Jesus os chama de cegos e faz uma pergunta retórica, Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a oferta, ou o altar, que santifica a oferta? ¹⁴James Dunn ao analisar a estrutura de Mateus 23 demonstra que os fortes ataques sobre os fariseus listados por Mateus demonstram o fato de fracassarem em guardar a lei (2009, p.375)¹⁵

O Novo Testamento, precisamente os evangelhos quase sempre ao retratar os fariseus o fazem menção ao modelo de vida religiosa ligado a vaidade e sua hipocrisia, bem como a exploração das ofertas para como as comunidades mais pobres¹⁶, um sistema de exploração em que a verdadeira oferta a Deus parece ter sido negligenciada, não por menos Marcos e Lucas afirmam que os escribas devoravam as casas das viúvas. ¹⁷ D. A Carson ao refletir sobre as críticas de Jesus em Mateus 23 ele afirma que:

Os mestres da lei e os fariseus são “hipócritas”, uma vez que afirmam ensinar o caminho de Deus, mas recusam-se a entrar no reinado messiânico e atrapalham os que tentam fazer isso. Isso não se refere à casuística deles que obscurecia questões de conduta fundamentais e tomava difícil para as pessoas obedecerem completamente à lei de Deus (CARSON, 2011, p. 555)

Aos situar o conceito de oferta no Novo Testamento, devemos salientar que o conceito de oferta em vigor no Novo Testamento se baseava nos moldes no Antigo Testamento. Existiam pelos menos cinco tipos de ofertas que deveriam ser ofertadas

¹³ Raymond E. Brown faz uma excelente análise sobre a fonte Q no livro *Introdução ao Novo Testamento* (Ed. Paulus)

¹⁴ Mateus 23. 19

¹⁵ James Dunn discute sobre o cristianismo judaico no seu livro *Unidade e Diversidade do Novo Testamento* (Ed. Academia Cristã)

¹⁶ Greg Carey escreve uma ótima reflexão sobre o cristianismo primitivo no império romano no livro *Estudos sobre o Novo Testamento* (Ed. Thomas Nelson)

¹⁷ Mc 12.40 e Lucas 20.47

a Deus, são elas; o holocausto, a oferta de cereais, a oferta pacífica, a oferta pelo pecado e a oferta pela transgressão. Esse conceito de oferta ainda era praticado na época de Jesus, com uma grande questão, além das ofertas e tributos ao templo, havia ainda o tributo a Roma, a figura dos publicanos demonstra isso.

Os sermões de Jesus parecem demonstrar que a situação da Judeia e Galileia era de extrema pobreza, diversas pessoas se juntavam não apenas para ouvi-lo, mas para se alimentar, pois estavam passando fome. Essa informação é interessante ao situarmos sobre o conceito de oferta, pois parece existir um sistema de exploração. Devemos nos lembrar que parte dos discípulos de Jesus eram pobres.¹⁸ As ofertas nesse sentido se tornam ainda mais importante, pois aquisição de um animal de pequeno à grande porte¹⁹, está relacionada a condição econômica e ao tipo de pecado cometido pelo ofertante, nesse caso ao tratarmos de ofertas pela culpa. W. A. Quanbeck afirma que:

“Isso destacava o fato de que o sacrifício não é uma permuta em que Deus perdoa levando em consideração a oferta, mas tem efeito porque Deus, em sua misericórdia, decidiu aceitar a oferta como se o ofertante estivesse dando a sua vida. O sacrifício não é a compra de perdão, mas a reivindicação da promessa de misericórdia de Deus” (QUANBECK, 2010, p 316)

Não podemos perder de vista que a oferta, além de uma maneira de gratidão, também se trata de um apontamento para perdão. Ralph Smith ao refletir sobre o conceito de perdão no Antigo Testamento afirma que:

Perdão não é remissão de uma pena; é restauração de um relacionamento. Se alguém disser que perdão é a remissão de qualquer pena por qualquer ofensa, teremos de harmonizar isso com o funcionamento da lei natural rígida de causa e efeito, semeadura e colheita, ações e consequências. Perdão não significa meramente “soltar”. Perdão não significa ficar isento de todas as consequências ou castigos do pecado. Parte da pena do pecado é o dano irreparável que algumas ações pecaminosas causam, como a morte de alguém causada por um motorista bêbado. Todo o arrependimento do mundo não pode fazer alguém que morreu voltar a viver. (SMITH, 2001, p. 297)

É dentro desse contexto de crítica a maneira religiosa, afirmações contra o farisaísmo exploratório, a importância da oferta que encontramos a narrativa de Jesus sobre Abel e seu sangue derramado. A Culpa pelo sangue era extremamente grave, a culpa pelo derramamento afetava todos que estavam envolvidos de forma direta e indiretamente. O texto de Dt. 21. 1-9 declara isso, inclusive Deus afirmando que ele mesmo será o vingador desse pecado (Dt.32.43). O fato de Jesus colocar dois mártires no mesmo versículo demonstra seu conhecimento sobre a história judaica, alguns teóricos modernos compreendem uma visão de um Jesus

18 Craig Blomberg cita os primeiros seguidores de Jesus eram pobres, em seu livro, Introdução aos Evangelhos (Ed. Vida Nova

19 Reza Aslan em seu livro trata sobre esse aspecto, Zelota: A vida e época de Jesus de Nazaré (Ed. Zahar)

desconhecedor e iletrado, para além das aptidões divinas, devemos lembrar que Jesus é um homem²⁰ extremamente inteligente. A sequência em que Abel e Zacarias são mártires, remontam a tradição judaica,²¹ de martírios em nome da fé e de um culto autêntico a Deus.

Tanto em Lucas, quanto em Mateus encontramos a narrativa em que Abel é citado por Jesus como um homem que teve seu sangue derramado, sendo um homem Justo e que seu sangue será requerido²². Um sangue de um justo morto em virtude de sua oferta é um indicativo do que iria ocorrer na cruz do calvário posteriormente por Jesus Cristo, aqui encontramos nos detalhes uma conclusão soteriológica para humanidade, assim como Abel, o sangue de Jesus ecoa.

HEBREUS 11:4

O Capítulo onze de Hebreus é conhecido por conter a galeria dos heróis da fé, por apresentar uma sequência de homens e mulheres que se destacaram na história do Antigo Testamento por sua fé em Deus. A carta aos Hebreus também é conhecida como quinto evangelho²³ por parte dos pregadores por apresentarem as obras de Cristo, assim como os Evangelhos. A um grande debate sobre sua autoria²⁴, alguns afirmando que o texto foi escrito por Paulo, Lucas ou até mesmo Apolo, esse debate ocorre, pois, a carta não traz a informação do seu autor. O tema da carta parece demonstrar uma tensão e desejo por parte de grupos judeus e gentios que haviam reconhecido Jesus como Messias, mas que por algum motivo estavam buscando aplicar todos os aspectos da lei judaica nas suas vidas, Warren Wiersbe vai afirmar que se trata de uma carta com estimativas, exortação, exame, expectativa e exaltação (2006, p. 256-361).

Para seu público-alvo o autor da carta no capítulo onze irá expor uma série de personagens que não retrocederam em sua fé em momentos de crise. Donald Guthrie ao analisar o texto irá sugerir que o texto traz um forte elo, para as comunidades judaicas e judeus/cristão em que a vida dos homens e mulheres do passado representam uma fé genuína em um único Deus. Hernandez Dias Lopes afirma que:

20 Não devemos negligenciar a parte humana de Jesus, a união hipostática é um conceito importante para criptologia.

21 A um debate sobre qual Zacarias o texto está se referindo como martírio, Zacarias filho de Joiada ou Zacarias filho de Berequias, Craig Kenner explica que Mateus utiliza de uma técnica judaica para explicar o martírio, em seu comentário histórico-cultural da bíblia (Ed. Vida Nova)

22 A possibilidade que o conceito de geração ser aplicada já na destruição de Jerusalém no século 70 d.C, observem que esse texto em Mateus ocorre antes do sermão das dores no capítulo 24.

23 Hernandez Dias Lopes faz essa menção em seu comentário sobre a carta aos Hebreus (Ed. Hagnos)

24 Carlos Osvaldo Pinto apresenta essa análise no seu livro Foco e Desenvolvimento: Novo Testamento (Ed. Hagnos)

Certamente a intenção do escritor era não apenas encorajar seus leitores a permanecerem firmes na fé, a despeito das perseguições, mas também dar a eles um substancioso relato da história do povo de Deus ao longo dos séculos. Os que são de Deus permanecem na fé; os que retrocedem, viram as costas para Deus e apostatam, esses jamais conheceram a Deus nem foram por ele conhecidos. (LOPES, 2013, p147)

O capítulo onze inicia com apresentação do conceito de fé, é o único²⁵ local em toda bíblia em que o conceito de fé é apresentado de forma tão descritiva. Pois para o escritor aos Hebreus a fé é a confiança inabalável em um Deus provedor. O autor do texto no versículo dois aponta para a fé descrita no versículo um de como os antepassados confiaram plenamente em Deus. O escritor faz uma série de referências ao livro do Gênesis e precisamente trata de como o universo foi criado e a partir dessa relação, ele inicia a galeria dos heróis da fé, com o primeiro mártir da fé, Abel.

Abel é descrito como o primeiro testemunho de fé, veja, que o autor poderia citar o próprio Adão, o primeiro homem criado pelo próprio Deus ou até mesmo Eva, mas Abel é o primeiro testemunho de fé. O fato de Abel está presente no capítulo onze pode representar uma série de motivos²⁶. O primeiro deles, podemos destacar a natureza ética e espiritual de Abel, Abel compreendia que deveria entregar a Deus a melhor parte de seu rebanho em oferta a Deus, veja não se trata apenas do primeiro animal (posição ética) mas o melhor animal (compreensão espiritual) para que essa oferta fosse recebida pela parte de Deus. Deus aprovou a oferta de Abel, ao passo que rejeitou a de Caim, seguindo a mesma lógica e o que o texto de primeiro a João apresenta, a posição de Caim era má.

O segundo elemento que podemos destacar que levou a Abel a está na galeria dos heróis da fé, é que ainda que a morte e sofrimento chega na vida de um homem de fé, ela pode calar a voz ²⁷de um servo fiel, mas o seu testemunho continuará ecoar. A morte de Abel não representou o fim do seu testemunho, veja, ainda que seja um mártir que não tenha voz ativa verbal ²⁸dentro do texto, mas seu testemunho falou mais alto que sua própria voz. Surge uma reflexão importante sobre a ação de oferta sincera ao Senhor, como apresenta Hernandez Dias Lopes:

Não podemos prestar culto aceitável a Deus à revelia das prescrições divinas, nem podemos ser aceitos por Deus quando trazemos para o altar um coração cheio de ódio. Caim estava cheio de ira. Caim era do Maligno, e suas obras eram más (1Jo 3.12). (LOPES, 2013, p150)

Essa reflexão nos faz pensar a maneira do culto que prestamos ao Senhor, bem como nosso testemunho, veja Abel que apresentou sua oferta ao Senhor não por segundas intenções ou com desejo de ser beneficiado, antes por sua fé e amor ao Criador.

²⁵ Fritz Laubach apresenta esse argumento em seu comentário sobre a Carta aos Hebreus

²⁶ Hernandez Dias Lopes elenca pelo menos três motivos

²⁷ Leia-se morte física de Abel

²⁸ Não encontramos Abel falando, assim como encontramos Caim conversando com Deus.

CONCLUSÃO

A história de Abel por vezes pode nos passar despercebida, focamos tanto em Caim e a maneira errada em que ele prestou culto ao Deus que nos esquecemos de como Abel prestou o culto correto, o pecado não havia dominado seu coração ao passo que de seu irmão sim. Veja, Abel era pecador, não existe dúvida sobre isso, mas o pecado não havia dominado seu coração. Mesmo que sua voz não seja algo ativa no texto, seu testemunho é. Seu sangue clama, pois foi o sangue do justo que foi derramado. Abel foi o primeiro mártir de fé por exercer uma entrega genuína e uma vida espiritual.

Caim poderia ter refletido sobre sua oferta e a maneira que Deus não se agradou, o próprio Deus declara que ele não deveria deixar o pecado dominar seu coração. Caim não consegue dominar seu coração pois ele já estava dominado pelo pecado, existem tantas coisas ruins que podem ocorrer com o ser humano, nada mais ruim que deixar o coração ser dominado pelo pecado. O pecado nos engana, nossa visão fica distante e por vezes queremos “empurrar” com a barriga nossos erros, assim como Caim fez.

Ainda que sejamos tentados a vivermos como Caim, nosso coração deve ser igual o de Abel, que viveu até o último dia de sua vida não como um pastor de ovelhas, mas como um verdadeiro adorador e que foi chamado de justo pelo próprio Cristo, a sua oferta foi realizada fora do Jardim do Edem, mas sua vida está agora com Deus para toda eternidade, onde não existirá barreiras, apenas louvor eterno ao Deus de amor.

SOBRE O AUTOR

Arthur de Souza Cunha é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e em Ciências da Religião pela UNICV. Possui pós-graduação em História e Cultura pela Universidade Estácio de Sá e formação em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC). É mestrando em Teologia Instituto de Formação Acadêmica (FATEB). Atua como professor de Teologia no Ensino Superior e como docente no Ensino Fundamental e Médio na rede privada de ensino. É coautor do livro *Evangélicos e política* (Editora Recriar, 2023).

Enoque: O Homem que Andou com Deus

Giovanni Carvalhais de Oliveira

Conforme lemos em Gênesis 5.18-24 e em Judas 14, Enoque foi o sétimo a partir de Adão, pai de Matusalém na linha de Sete, cujo significado do seu nome mais aceito é “dedicado”, sendo um pregador da justiça, profetizou por revelação divina um evento futuro, onde o Senhor virá com muitos milhares de anjos para julgar e condenar a todos que o rejeitaram por todas as suas obras más que impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra Ele. Esses homens estão sempre resmungando e acusando os outros, seguem os seus próprios e maus desejos, vivem se gabando e bajulam os outros porque são interesseiros (Jd 14-16 NTLH).

Ainda segundo Gênesis, a descrição de todos os antepassados de Enoque e seus descendentes — após viverem longos anos e gerarem filhos e filhas — sempre se encerra com a palavra “morreu”. No entanto, sobre Enoque, não foi dito que ele morreu, pois ele não experimentou a morte como todos os homens.

No versículo 21 de Gênesis 5 está escrito que, aos sessenta e cinco anos, Enoque gerou a Matusalém e depois andou com Deus por trezentos anos. Aqui, podemos nos perguntar: não teria Enoque andado com Deus até os sessenta e cinco anos? O Dr Matthew Henry, em seu comentário do pentateuco, reflete que “Enoque não começou a se destacar pela devoção até por volta dessa época. No início, ele andava apenas como todos os outros homens, o que nos ensina que os santos notáveis alcançam a sua eminência subindo degrau por degrau.”

Algumas aplicações podemos extrair deste parágrafo: “O fim das coisas é melhor que o seu início” (Ec 7:8a), nunca é tarde para começar a andar com Deus. Ainda que você tenha vivido oitenta anos, o que conta são os anos que você andou em acordo com Ele. “No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora no presente ordena que todos, em todo lugar, se arrependam.” (At 17:30).

A DURAÇÃO DE SUA FÉ

Enoque andou com Deus o restante do tempo em que esteve na terra, ou seja, 300 anos. É desafiador viver todo este tempo de modo a agradar a Deus, santificando-se, abstando-se da imoralidade sexual, controlando o seu próprio

corpo de maneira santa e honrosa, não sendo dominado pela paixão de desejos desenfreados... Portanto, qual é o segredo para viver agradando a Deus?

O segredo de Enoque não foi a longevidade em si, mas o relacionamento íntimo com o Senhor. Hebreus diz que “antes de ser trasladado, obteve testemunho de haver agradado a Deus”. João Calvino, em seu Comentário em Gênesis 5, destaca que “andar com Deus” é conformar a vida à Sua vontade, em obediência prática e não apenas crença abstrata. Martinho Lutero via em Enoque o exemplo da vida pela fé, mesmo em meio a uma geração corrompida. Eugene Peterson descreve a espiritualidade cristã como “uma longa obediência na mesma direção” — que reflete bem o que foi a caminhada de Enoque.

SINGULARIDADE DE ENOQUE COM ELIAS

Elias fora separado de Eliseu enquanto andavam e conversavam, e subiu ao céu num redemoinho (2 Rs 2.11). Enoque, por sua vez, foi levado embora e transferido (Hb 11.5 e Gn 5.24). Nenhum destes dois personagens teve sua morte registrada, mas está escrito que foram levados, arrancados, subidos e tomados ao céu.

A singularidade desses personagens não reside apenas em não terem experimentado a morte, mas em também terem experimentado a realidade da transformação e do arrebatamento, num momento (unidade indivisível de tempo), assim como descrito pelo Apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 4:17, quando os salvos vivos serão transformados e arrebatados para encontrar com o Senhor nos ares.

Santo Agostinho (Cidade de Deus, XV, 19) vê que Enoque é sinal de esperança da imortalidade e da comunhão com Deus. Ele ensina que andar com Deus é viver na caridade (amor) e na esperança da vida eterna. Irineu de Lyon, por sua vez, via Enoque como ‘tipo’ da Igreja fiel, preservada por Deus, mostrando que quem caminha em aliança com Ele experimenta seu cuidado e no fim a eternidade

ENOQUE COMO SÍMBOLO DE FÉ PERSEVERANTE E EXEMPLO ESCATOLÓGICO DA IGREJA

Enoque viveu 365 anos, gerou filhos e filhas e foi anterior ao período da Lei e dos Profetas. Segundo Gênesis, Enoque andou sempre em comunhão com Deus. Essa caminhada fala de um modo de viver com disciplina e perseverança, até que um dia o profeta desapareceu, não experimentando a morte do corpo e não sendo mais visto na terra, porque Deus o levou para Si. Segundo Hebreus, pela fé foi arrebatado, mas antes de ser levado, recebeu o testemunho de que tinha agradado a Deus.

Enoque, com sua fé perseverante, serve como um tipo daqueles que são salvos por Jesus, destinados à transferência da vida terrena para a vida eterna

com Deus. Ele permaneceu inabalável em sua convicção da existência, realidade e fidelidade de Deus, que recompensa aqueles que buscam conhecê-lo mais profundamente por meio de Jesus, a fonte de nossa salvação eterna.

Enoque é um exemplo escatológico para todos os discípulos de Jesus, pois, após termos recebido o testemunho de que agradamos a Deus pela fé, também seremos recebidos na sua glória. Irineu de Lyon (Contra as Heresias V, 5) destaca que Enoque prefigura a imortalidade que Cristo oferece; andar com Deus significa participar antecipadamente desta comunhão futura. João Crisóstomo (Homilias) enfatiza que o profeta, vivendo em uma geração corrupta, caminhou em pureza, mostrando que andar com Deus é resistir às pressões do mundo.

A FÉ QUE AGRADA A DEUS

Hebreus 11.5 diz que “Pela fé Enoque foi arrebatado, de modo que não experimentou a morte; ‘e já não foi encontrado, porque Deus o havia arrebatado’, pois antes de ser arrebatado recebeu testemunho de que tinha agradado a Deus.” Mas então, Enoque não teria cometido pecado? Não teria em algum momento oscilado na fé? Não creio nisso, pois “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3:23), e “Na verdade que não há homem justo sobre a terra, que faça bem e nunca peque” (Ec 7:20). Não foi a perfeição moral que o fez receber o testemunho de que agradou ao Eterno, mas sim sua fé perseverante.

A palavra grega *euarestéō*, traduzida como “agradado” no dicionário Nepe Search, significa “ser agradável, agradar, estar muito contente com algo”. Isso sugere que Enoque deixou o Eterno extremamente satisfeito com algo, levando-o a poupar seu servo da morte e levá-lo para junto de si. A resposta para essa satisfação divina reside na primeira parte do texto: sua fé obstinada.

A prova da fé de Enoque manifestou-se em sua convicção inabalável, ao longo de toda a sua vida, de que Deus é real, o criador e governador de tudo, o provedor e doador da salvação, e que Ele recompensa aqueles que se dedicam a Ele. Por essa convicção, Enoque recebeu o testemunho do próprio Deus de que sua fé Lhe agradou, conforme Hebreus 11:6.

Entendemos que, assim como Noé, de quem foi dito que andou com Deus, o profeta Enoque era um pregador da justiça e profetizou sobre a segunda vinda de Cristo. Matthew Henry afirma que o objetivo de vida de Enoque consistiu em andar com Deus, sendo esta a ocupação da sua vida. Enquanto os outros viviam para si mesmos e para o mundo, ele vivia para Deus. Essa era a alegria e o sustento de sua vida, sendo para ele melhor do que a própria vida. Como disse Paulo, “Para mim o viver é Cristo” (Fp 1:21).

O ANDAR COM DEUS VERSUS CONHECER A DEUS: DISCIPLINA ESPIRITUAL

É dito que “Enoque andou com Deus” (Gn 5:22) e, como recompensa pela sua santa caminhada, ele foi transladado ao céu sem provar a morte (Hb 11:5). Dessa maneira, a imortalidade ou a vida depois da morte foi ensinada claramente no primeiro período do Gênesis.

Matthew Henry (Comentário Bíblico, Vol. 1, p. 59) define que andar com Deus pressupõe reconciliação com Ele, pois dois não conseguem andar juntos se não estiverem em acordo (Am 3:3).

Dessa forma, andar com Deus implica:

- Colocá-lo diante de nós e agir como aqueles que estão sempre sob o seu olhar;
- Viver uma vida de comunhão com o Senhor, tanto nas ordenanças quanto nas providências;
- Fazer da Sua Palavra o nosso costume e da sua glória o nosso objetivo;
- Ter como preocupação e empenho constante, em tudo, o desejo e a atitude de agradar a Deus, sem ofendê-lo em nada;
- Obedecer à sua vontade, contribuindo com os seus desígnios, e trabalhando ao seu lado;
- Ser seguidores dEle, como seus filhos queridos.

O patriarca Jó testemunha que conhecia Deus só de ouvir falar, só pelo que recebeu da tradição. Contudo, ao final do processo de dor e sofrimento, ele afirma que passou a ter uma nova percepção da realidade de Deus ao dizer: “agora viram-te meus olhos”. Para mim, isso é sinônimo de andar com Deus, pois o andar com Ele corrige o nosso entendimento sobre Ele.

John Piper, por sua vez, aponta que agradar a Deus e andar com Ele significa considerar Sua presença mais preciosa do que qualquer recompensa terrena.

FÉ PERSEVERANTE

Enoque andou com Deus por 300 anos, sendo fiel até o dia em que foi arrebatado. O verdadeiro santo que escolhe Jesus Cristo perseverará até o fim e andará com Deus enquanto viver. Pois, como alguém que vive em comunhão com Deus, não há morte que possa quebrar essa comunhão.

ENOQUE COMO TIPO DA IGREJA

Para este tópico, além do que já foi comentado acima, apresento o que os reformadores e autores cristãos contemporâneos disseram:

Martinho Lutero (*Lectures on Genesis*) considerava Enoque um tipo da Igreja fiel, que não conhecerá a morte final, mas será preservada por Deus, como prenúncio da vitória sobre a morte (1Co 15:51–54).

João Calvino (*Comentário em Gênesis 5*) afirma que, para ele, a trasladação de Enoque confirma a realidade da vida eterna. Calvino, porém, evita especulações sobre arrebatamento coletivo e enfatiza que Enoque é um testemunho particular da promessa de ressurreição.

Matthew Henry (*Comentário bíblico*, séc. XVII) entende Enoque como figura do arrebatamento da Igreja, pois, assim como ele foi levado, os crentes fiéis também serão levados para estar com o Senhor.

Hernandes Dias Lopes enfatiza que Enoque é um prenúncio do arrebatamento da Igreja – o crente que anda com Deus será, um dia, chamado a estar para sempre com Ele.

Warren Wiersbe diz que Enoque representa os crentes que serão arrebatados vivos na volta de Cristo, enquanto outros crentes, como os que já morreram, ressuscitarão.

John MacArthur vê em Enoque uma prefiguração da esperança futura da Igreja, quando a morte será vencida definitivamente.

A. W. Tozer destaca que andar com Deus aqui é preparação para andar com Ele na eternidade. Enoque é o símbolo da comunhão ininterrupta com Deus, coroada no arrebatamento.

Em resumo ao que foi dito, entendemos que Enoque como figura do arrebatamento, representa a vitória da vida eterna sobre a morte (Hb 11:5). A antecipação da promessa que Paulo descreve em 1 Tessalonicenses 4:17 é um sinal escatológico para os fiéis, pois quem anda com Deus não será vencido pela morte. É, finalmente, um testemunho para a Igreja atual.

A MENSAGEM PROFÉTICA DE ENOQUE

Enoque foi um pregador da justiça e juízo de Deus, profetizando que o Todo-Poderoso virá com Seus milhares de anjos para exercer juízo contra todos, condenando todos os ímpios por suas obras de impiedade e pelas duras palavras que disseram contra o Eterno.

Irineu de Lyon (*Contra as Heresias*, IV, 16) vê Enoque como testemunha do juízo divino — sua profecia confirma que desde o início Deus advertiu os homens sobre a condenação do pecado.

Tertuliano (*Apologeticum*, 22) menciona Enoque como exemplo da antiguidade da fé e da consciência universal do juízo.

Orígenes (*De Principiis*, II, 3) interpreta Enoque como símbolo da pureza e da vida profética, lembrando que Deus sempre levantou vozes contra a impiedade.

Agostinho (*Cidade de Deus* XV, 19) afirma que a profecia de Enoque mostra a continuidade da luta entre os “filhos de Deus” e os “filhos dos homens”, e aponta para a vitória final do juízo divino.

Martinho Lutero (*Lectures on Genesis*) destaca que Judas revela Enoque como um pregador da justiça e do juízo, combatendo a impiedade de sua geração. Para Lutero, isso mostra que desde o início a fé se manifestava também em denúncia do pecado.

João Calvino (*Comentário Judas 14*) ressalta que a profecia de Enoque é universal: todos os ímpios serão julgados. Para Calvino, Judas usa Enoque para mostrar a certeza do juízo e para advertir os falsos mestres.

Matthew Henry interpreta Enoque como o primeiro pregador que anunciou a segunda vinda de Cristo — mostrando que o juízo final é certo, embora demorado.

Hernandes Dias Lopes vê Enoque como um profeta que falou do juízo vindouro e aplicava sua mensagem à necessidade de a Igreja viver em santidade, aguardando a volta de Cristo.

John MacArthur destaca que a profecia de Enoque é uma antecipação da parousia, um anúncio da volta de Cristo em glória para julgar.

Warren Wiersbe ressalta que Enoque pregava contra a impiedade em sua geração, o que também serve de modelo para a Igreja anunciar a santidade e a esperança da vinda do Senhor.

A. W. Tozer sublinha que a mensagem de Enoque mostra que a verdadeira espiritualidade não é só comunhão, mas também voz profética contra a maldade.

LIÇÕES PRÁTICAS PARA A IGREJA HOJE

1. Nunca é tarde para começar a andar com Deus
 - Enoque iniciou sua caminhada de fé aos 65 anos. Isso ensina que não importa a idade ou passado: sempre é tempo de recomeçar (Ec 7:8; At 17:30).
2. A verdadeira espiritualidade é perseverante
 - Ele andou com Deus por 300 anos, mostrando que fé não é evento, mas um estilo de vida de constância (Hb 11:5; Jo 15:4).
3. Fé que agrada a Deus não é perfeição, mas confiança
 - Apesar das falhas humanas (Rm 3:23; Ec 7:20), Enoque agradou a Deus porque confiou n'Ele, vivendo em fé obediente.
4. Comunhão com Deus gera testemunho
 - Sua vida foi um exemplo público, não apenas experiência privada. Ele profetizou contra a impiedade de sua geração (Jd 14–15).
5. Enoque como sinal escatológico da Igreja
 - Assim como foi arrebatado, a Igreja fiel também será levada a estar para sempre com o Senhor (1Ts 4:17). Isso nos chama à esperança viva.
6. A vida cristã é “uma longa obediência na mesma direção” (E. Peterson)
 - Disciplina espiritual, obediência prática e amor perseverante são marcas de quem anda com Deus.

7. Chamado pastoral para hoje

- A Igreja precisa ser voz profética contra a injustiça e testemunhar que há recompensa em andar com Deus, mesmo em meio a uma geração corrupta.

CONCLUSÃO

Enoque é exemplo de fé perseverante, comunhão íntima com Deus e esperança escatológica. Sua vida nos desafia a buscar mais do que momentos religiosos: nos chama a uma caminhada diária com o Senhor.

Assim como Enoque agradou a Deus pela fé, somos chamados a viver de modo que o Senhor se alegre em nossa vida. Sua história aponta para o arrebatamento e para a necessidade de fé autêntica, capaz de transformar vidas e influenciar gerações.

“Você também pode andar com Deus.”

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Cidade de Deus**. São Paulo: Paulus, 2000.

CALVINO, J. **Comentário em Gênesis 5**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CRISÓSTOMO, J. **Homilias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

HENRY, M. **Comentário Bíblico**, volume 1. São Paulo: Hagnos, 2000.

IRINEU de LYON. **Contra as Heresias**. São Paulo: Loyola, 1996.

LOPES, H. D. **Andando com Deus: lições da vida de Enoque**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

LUTERO, M. **Lectures on Genesis**. Londres: Banner of Truth, 1996.

MACARTHUR, J. **Comentário Bíblico**. São Paulo: Vida, 2005.

NEPE SEARCH. **Dicionário de termos bíblicos gregos**. São Paulo: NEPE, 2025.

PETERSON, E. **A Mensagem da Vida Cristã**. Rio de Janeiro: Mundo Cristão, 2003.

PIPER, J. **O prazer de Deus e a vida do crente**. São Paulo: Vida, 2004.

TERTULIANO. **Apologeticum**. São Paulo: Paulus, 1998.

TOZER, A. W. **Conhecendo a Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

WIERSBE, W. **Comentário Bíblico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2008.

Noé: Um Homem que Andou com Deus

Daniel Humberg de Uchôa de Jesus Melo

INTRODUÇÃO: ANDAR COM DEUS EM TEMPOS DIFÍCEIS

Vivemos dias semelhantes aos de Noé — tempos de incredulidade, corrupção e afastamento de Deus. Mas a história de Noé nos convida a refletir: será que ainda há espaço para uma vida justa diante de um mundo corrompido? Andar com Deus exige coragem, disciplina e fé quando tudo ao redor parece contrário. A história de Noé nos desafia a permanecer firmes mesmo quando o mundo zomba da nossa obediência.

Hoje infelizmente no mundo que estamos vivendo andar em obediência e santidade é uma pessoa completamente antiquada e com certeza será excluída de qualquer convívio relacional, pois a geração presente dar mais valor em pessoas descoladas e que pareçam com este sistema totalmente corrompido, por isso a palavra nos fala que devemos ser luz, como dia as escrituras em (Fp 2.15 “ para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo;) . Também o Senhor nos encoraja e manter a mesma conduta em um mundo desgovernado (MT 5. 15 “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus).

Sendo assim para aqueles que desejam com todo seu coração agradar e andar para glória de Deus, tenham certeza que serão perseguidos e caluniados pela sua fé em Cristo (MT 5. 10-12 “bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; 11 bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. 12 Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós). Porém diante deste cenário temos a promessa que o nosso Deus jamais vai nos abandonar (MT 28.20b “e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!).

Aplicação Pessoal: Assim como Noé encontrou graça aos olhos de Deus, nós também somos convidados a viver uma fé que chama atenção do céu. Andar

com Deus não é seguir a multidão, é seguir o propósito. E algo que jamais devemos esquecer é que o nosso Deus não está preocupado em primeira mão com o nosso conforto e sim com o nosso desenvolvimento espiritual em meio às adversidades da vida.

Faça esta pergunta — “Estou andando com Deus, mesmo quando ninguém mais o faz? Ou faço para receber elogios e aprovação dos outros”

QUEM FOI NOÉ: O CONTEXTO BÍBLICO

Noé viveu em uma época em que a humanidade havia se corrompido profundamente. Gênesis 6 relata que Deus viu a maldade do homem multiplicar-se sobre a terra. Porém, Noé foi diferente — ele era justo, íntegro e andava com Deus. Em meio a um mundo caótico, ele se destacou por sua retidão e obediência.

Podemos observar que o autor de Gênesis deixa bem claro que Noé era completamente diferente das demais pessoas, pois aqueles se tornaram em sua essência homens cruéis, onde Deus diz em (Gênesis 6:7 “E disse o Senhor: Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até ao animal, até ao réptil e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito”). Porém Noé foi homem que chamou atenção de Deus (Gênesis 6:8 Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor”).

Diante deste relato será se estamos sendo como Noé ou como os homens perversos daquela época. Se analisarmos o contexto em que vivemos poderemos chegar a uma conclusão que uma grande parcela da população está igual aquela geração pecadora se distanciando do seu criador e devido a isto estamos vendo uma população egoísta e individualista.

Aplicação Pessoal: A vida de Noé nos mostra que é possível ser fiel a Deus mesmo diante de uma geração corrompida e perversa. Também nos ensina que por mais que a maioria ao nosso redor escolhem o caminho errado, devemos sempre optar em agradar ao nosso Deus.

Desafio: Seja a diferença em meio à multidão. Não tente buscar aplausos ou aprovação das pessoas Paulo na sua cartas aos Gálatas nos ensina algo preciosa (Gálatas 1:10 Porque persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo”).

A FÉ QUE CONSTRÓI UMA ARCA

Noé acreditou em algo que nunca havia acontecido: um dilúvio. Ele construiu uma arca por mais de 100 anos, obedecendo à voz de Deus, mesmo sem ver sinais imediatos. Sua fé era ativa e perseverante. Será se teríamos a mesma atitude deste grande homem ou será que a incredulidade entraria em nosso coração e começaríamos a questionar se realmente era Deus ou era coisa da minha imaginação. Acredito que muitos teriam as mesmas atitudes do irmão Gideão que duvidou se realmente era o Senhor que estava falando com ele.

Quando analisamos a vida de Noé percebemos um homem cheio de fé e que tinha uma profunda intimidade com seu Criador, devido a isto dúvida jamais foi cogitada se era ou não era Deus falando. Entretanto vivemos uma época onde as pessoas não tem mais tempo de qualidade com seu Senhor e, por causa deste distanciamento o homem se torna um incrédulo e passa a questionar.

Sendo assim se faz necessário buscarmos com mais intensidade desenvolver uma forte relação com o nosso Criador, pois o mesmo fala nas escrituras em (Jr 29.12,13 “Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. 13 E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração). Quando estivermos dispostos a nos relacionar com Deus, com certeza jamais nos tornaremos pessoas incrédulas e passaremos a ser mais cheio da sua presença.

Aplicação Pessoal: A fé que agrada a Deus não se apoia em evidências visíveis(palpáveis), mas em promessas eternas. Quando Deus fala, o crente age. E isto acontece só porque o grau de intimidade cresceu em relação ao seu Deus.

Desafio: Qual é a “arca” que Deus te pediu para construir hoje? Talvez seja um projeto, uma família, um ministério. Obedeça mesmo sem entender totalmente o propósito. O que acontece com muita gente é que quando iniciamos algo pensamos que estamos só, contudo o Senhor sempre está perto.

A OBEDIÊNCIA EM MEIO À ZOMBARIA

Durante anos, Noé enfrentou zombarias, calúnia e com certeza foi difamado por causa da sua postura em obedecer seu criador. Enquanto construía a arca, as pessoas riam de sua fé, porém nada disso serviu ou foi motivo para este homem para com o projeto de construir uma arca. Contudo, ele manteve o foco em Deus e, isto foi o grande segredo que levou ao término desta maravilhosa obra. Sua obediência era fruto de confiança, não de conveniência.

Podemos perceber que outro homem de Deus passou por está mesma situação no livro Neemias (Neemias 4:1-3 “E sucedeu que, ouvindo Sambalate que edificávamos o muro, ardeu em ira, e se indignou muito, e escarneceu dos judeus. 2 E falou na presença de seus irmãos e do exército de Samaria e disse: Que fazem estes fracos judeus? Permitir-se-lhes-á isso? Sacrificarão? Acabá-lo-ão num só dia? Vivificarão dos montões do pó as pedras que foram queimadas? 3 E estava com ele Tobias, o amonita, e disse: Ainda que edifiquem, vindo uma raposa, derrubará facilmente o seu muro de pedra”).

A vida cristã é uma batalha sem trégua. É impossível fazer a obra de Deus sem oposição. O reverendo Hernandes Lopes no seu comentário de Neemias nos orienta como devemos nos posicionar diante desses desafios: Em primeiro lugar, os inimigos se unem para paralisar a obra de Deus, segundo os inimigos estão cheios de ira por causa do progresso da obra de Deus. Em terceiro lugar os inimigos escarnecem do povo de Deus para achatar-lhe a auto-imagem, quarto a resposta à ira e ao escárnio do inimigo é oração e ânimo para trabalhar.

Diante disto devemos nos manter no Propósito que Deus nos chamou para

realizar e nunca parar quando a oposição se levantar como um animal feroz pronto para destruir sua presa, mas entender que cada desafio que enfrentamos nos tornará mais fortes e mais resiliente em meios aos desafios da vida.

Aplicação Pessoal: A verdadeira fé é provada na resistência. Só crescemos diante das fornalhas da vida e estas têm como objetivo nos tornar cristão preparado para toda boa obra. Obedecer quando ninguém mais acredita é o maior testemunho de fé. Sendo assim permaneça firme no seu propósito, Deus será glorificado.

Desafio: Continue obedecendo a Deus mesmo quando a crítica for intensa a palavra nos diz em 1 Coríntios 15:58 Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor. Lembre-se: a aprovação do céu vale mais que os aplausos e aprovação da terra.

A FAMÍLIA DENTRO DA ARCA

Noé não entrou sozinho na arca. Não teve uma atitude individualista foi um líder que se preocupou com os seus como diz as escrituras em (I Timóteo 5.8 “Mas, se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel). Sua família foi salva por causa de sua fé e obediência. Ele não apenas ouviu a Deus, mas Foi um homem que liderou sua casa pelo exemplo.

Noé foi um homem e que hoje ainda nos ensina várias lições de como devemos cuida da nossa família, e não somente as nossas, mas com o próximo que está perto mesmo sabendo que estes não se preocupem com sua salvação. Noé se esforçou com todas as forças para anunciar que o fim estava próximo e da mesma maneira não devemos esquecer da nossa missão como pregoeiro da justiça que é levar ao máximo as pessoas para dentro da arca.

Percebemos nos dias atuais que uma boa parte das pessoas pouco tem se preocupado em levar a palavra da salvação para os perdidos e, isso acontece devido a iniquidade no mundo a cada dia só crescendo como está escrito em (Mateus 24:12 E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará).

Outro ponto a ser levantado é que o problema não está no evangelho, mas sim na mente entenebrecida dos ouvintes. Assim como eles estão cegos para Cristo, Deus permanece oculto para eles. E desta forma muitos ficaram do lado de fora da arca, pois satanás têm cegado a mente destes, para não contemplarem a glória do evangelho (2 Coríntios 4:4 nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus).

Noé temeu o Dilúvio, e por isso preparou a arca. Na advertência que lhe foi dada, existe uma mensagem ainda mais solene concedida a nós: fugir da ira vindoura que varrerá os incrédulos do mundo, e os arrojará ao abismo da destruição. Cristo, o verdadeiro Noé, que nos consolará pessoalmente, já preparou a arca por seus sofrimentos e bondosamente nos convida a entrar, pela fé. Enquanto durar o dia de sua paciência, ouçamos e obedeçamos a sua voz

Aplicação Pessoal: Sua fé pode ser a salvação de toda a sua família em Atos podemos e chegar isso de forma clara quando o centurião reconheceu seu está de pecador e entregou sua vida à Cristo toda sua família também foi alcançada (At16:31-33 “E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa. 32 E lhe pregaram a palavra do Senhor e a todos os que estavam em sua casa. 33 E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus”). Viver em santidade não é apenas sobre você, mas sobre o legado que deixará.

Desafio: Seja um Noé em sua casa buscando ser um exemplo vivo para todos. Ore, interceda e construa um ambiente saudável, onde a presença de Deus seja o centro de tudo e principalmente nos corações das pessoas.

O DILÚVIO E A PROMESSA DO ARCO-ÍRIS

O dilúvio simboliza o juízo de Deus, porém aquele povo nem se quer parou para analisar o que Noé falou sobre esse grande evento que iria acontecer, entretanto todos levavam sua vida normalmente, pois na visão deles este homem (Noé) estava delirando. Encontramos na carta de Pedro que o povo da antiguidade não deram crédito no pregoeiro da justiça e, por isso todos pereceram (2 Pedro 3:5,6 “Eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste; 6 pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio”).

O arco-íris representa Sua graça e aliança. Deus prometeu nunca mais destruir a terra daquela forma, e o arco-íris tornou-se o sinal visível dessa promessa. A fé de Noé triunfou sobre todos os argumentos corruptos. Construir um edifício tão grande, como jamais dantes havia sido visto, e proporcionar comida para as criaturas vivas, requeria dele muita dedicação, trabalho e gastos. Os seus vizinhos iriam zombar dele. Porém, Noé superou todas estas objeções, pela fé; a sua obediência era imediata e resoluta. Tendo iniciado a construção, não a interrompeu até que a concluísse; foi assim que ele fez, e é assim que nós também devemos fazer.

Aplicação Pessoal: Mesmo após o juízo, Deus sempre oferece uma nova chance. Não podemos esquecer que servimos um Deus de misericórdia, onde na sua escritura nos fala em Lamentações de Jeremias 3:22 As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim. O arco-íris nos lembra que Sua misericórdia triunfa sobre o julgamento.

Desafio: Confie nas promessas de Deus, não seja como a onda do mar que um dia está lá em cima e depois em baixo, devemos ter uma fé constante e inabalável, mesmo quando as tempestades ainda estão passando.

APLICAÇÕES PRÁTICAS PARA HOJE

A história de Noé representa um modelo para o cristão moderno: fé, obediência, santidade e perseverança. Em meio a um mundo corrompido e perdido, Deus ainda procura pessoas que andem com Ele. A palavra nos chama atenção quando o próprio Deus diz em João “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (Jo 4.23).

Podemos perceber que no Velho Testamento Deus sempre encontrava homens que estavam dispostos a andar com Ele, porém no Novo Testamento, encontramos um Deus que está em busca de adoradores que possam se relacionar de forma íntima, entretanto poucos têm se alistados.

Algumas atitudes que devemos ter para os dias atuais:

1. Confiando em Deus em tempos difíceis.

A história de Noé é um poderoso lembrete de que confiar em Deus em tempos difíceis é essencial para o nosso crescimento espiritual e bem-estar. Assim como a arca protegeu Noé e sua família na tempestade, nossa fé nos sustentará em tempos de adversidade, desde que a coloquemos nas mãos do Criador. Lembre-se: dificuldades e incertezas fazem parte da vida. Não são apenas azar ou um sinal da desaprovação de Deus. Em vez de desistir em desespero, adote a mentalidade de que os momentos difíceis são uma forma de fortalecer sua confiança em Deus.

2. As consequências da desobediência a Deus no mundo de hoje.

Hoje, sofremos as consequências da desobediência às instruções de Deus de maneiras igualmente dolorosas. Especificamente, com o atual colapso da moralidade e da ética em nossa sociedade, assistimos ao aumento do crime, do terrorismo, da guerra, da pobreza e de outras formas de opressão e exploração.

3. Buscar o perdão de Deus pelos erros que cometemos na vida é a mensagem número 1 de toda a Bíblia.

A arca representa um refúgio em um mundo tempestuoso. Assim como Deus preservou o mais justo (Noé), Deus lhe oferecerá abrigo se você se voltar para Ele em arrependimento. E, assim, você se deleitará em Seu perdão e misericórdia, como Noé a bordo da arca.

4. Como a história de Noé nos ensina a ser gratos. No meu tempo estudando a história de Noé, uma lição fundamental que se destaca é a importância da gratidão. Quando as águas do dilúvio baixaram e Noé saiu da arca, ele não considerou sua salvação garantida. Em vez disso, construiu um altar ao Senhor e ofereceu um sacrifício de gratidão (Gênesis 8:20). Esse ato de gratidão nos ensina o valor de reconhecer as bênçãos da vida, mesmo em tempos difíceis.

Aplicação Pessoal: Assim como Noé construiu uma arca física, hoje somos desafiados e chamados a construir uma arca espiritual — um espaço de fé, oração e comunhão em nossos lares. Não pense que isso será fácil realizar em sua casa, ainda mais se na rotina de vocês isso era não praticável, contudo, persista e o nosso Deus dará uma estratégia para que isso possa acontecer em seu lar.

Desafio: Faça da sua casa um lugar onde o céu habita. Procure ter atitudes santas e seu ambiente se tornará um lugar desejável. Viva princípios que reflitam a presença de Deus diariamente. Faça esforço para que estas práticas se tornem hábitos e passem fazer parte da vivência de todos no lar.

TESTEMUNHO PESSOAL: MINHA “ARCA” DE FÉ

Assim como Noé precisou confiar em Deus sem entender o futuro, da mesma forma devemos ter esta atitude de não duvidar daquilo que o Senhor nos manda fazer. Vivi momentos em que tudo parecia incerto. Mas aprendi que, quando Deus dá uma direção, a obediência é o único caminho seguro. Em cada passo de fé, podemos perceber sua confirmação Sua presença e provisão.

Andar com o Senhor não é um caminho sem perigos, mas uma certeza temos sua presença sempre será constante, pois em sua palavra nos diz em (Mateus 28:20b e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!). Também encontramos outras afirmações que diante das circunstâncias o nosso Criador jamais nos deixará em vão: Hebreus 13:5b Não te deixarei, nem te desampararei. Em Isaías 49:15 Pode uma mulher esquecer-se tanto do filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, me não esquecerei de ti. 16 Eis que, na palma das minhas mãos, te tenho gravado; os teus muros estão continuamente perante mim. Diante destes textos podemos confiar que nosso Deus jamais nos deixará só na construção da nossa arca. Reflexão: Sua arca pode ser um sonho, passar em um concurso ter uma família estabilizada um ministério, um chamado. O importante é obedecer e confiar, pois Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?(Nm 23.19).

DESAFIOS PARA O LEITOR

1. O que significa “andar com Deus” nos dias atuais?
2. Que atitudes práticas posso tomar para viver com mais fé e integridade diante uma população incrédula e pecadora?
3. Como posso ser influência positiva e espiritual na minha família e comunidade?
4. Tenha como meta diária ter um momento devocional de qualidade na presença do seu Criador?
5. Busque criar um hábito com sua família de todos os dias terem o culto doméstico no lar?
6. Crie também o hábito de levar a mensagem de salvação para seus amigos e para os perdidos as margens da sociedade?

Desafio: Faça uma lista de áreas em sua vida diariamente que precisa construir sua “arca” de obediência e comece hoje mesmo, não seja um procrastinador.

PERMANECER FIEL ATÉ O FIM

A história de Noé termina com esperança. Deus cumpre Suas promessas e abençoa quem permanece fiel. A fidelidade nos nossos dias atuais é um grande desafio para muita gente, pois percebe-se que diante de algumas situações de escassez ou mesmo uma crítica muitos abandonam a caminhada com o Senhor.

Noé viveu de modo que o céu se alegrou com sua vida. E para a geração atual é um desafio que todos devem buscar para deixar um legado eterno para as futuras gerações.

É muito consolador saber que Deus vai adiante de nós em cada passo que damos. Noé teve muito trabalho para construir a arca, e agora ele mesmo iria conservar-se vivo nela. Tudo aquilo que fazemos em obediência ao mandamento de Deus e com fé, certamente nos trará consolo, mais cedo ou mais tarde. A chamada de Noé nos faz lembrar a mensagem que o Evangelho transmite aos pobres pecadores. Cristo é a arca, e somente nEle podemos estar a salvo quando chegam a morte e o juízo. A Palavra de Deus diz: “Vem”; os ministros dizem: “Vem”; o Espírito Santo diz: “Venha e entre na arca”. Noé foi tido como justo não por causa de sua justiça própria, mas como herdeiro da justiça que é pela fé (Hb 11.7). Ele creu na revelação de um salvador, buscou e aguardou a salvação somente através dEle. Assim foi justificado pela fé, e recebeu este Espírito, cujo finto é cheio de toda a bondade; porém, se algum homem não tem o Espírito de Cristo, não faz parte dos que pertencem a Ele.

Que sua vida seja uma arca de fé, construída sobre a obediência, sustentada pela graça e guiada pela presença de Deus.

“Mas Noé achou graça aos olhos do Senhor.” – (Gênesis 6:8).

Abraão: Uma Biografia Histórica e Teológica do Pai da Fé

Francisco das Chagas Barbosa Brandão

INTRODUÇÃO

A figura de Abraão ocupa um lugar central na constituição da fé monoteísta, sendo reconhecido como o “pai da fé” (Gn 17:5) e fundador da identidade espiritual de judeus, cristãos e muçulmanos. Sua trajetória oferece um modelo paradigmático de relação entre Deus e a humanidade, marcada por confiança e obediência. O percurso de Abraão começa em Ur dos Caldeus e se desenvolve até a promessa de uma descendência numerosa e de uma terra destinada a seus filhos. Cada episódio de sua vida é interpretado não apenas como narrativa histórica, mas também como paradigma teológico de fé e esperança diante do desconhecido.

Segundo Moltmann (2003, p. 105), a fé de Abraão é um exemplo inaugural de confiança escatológica, pois “a promessa não se cumpre imediatamente, mas projeta-se no futuro de Deus”. Dessa forma, a vida do patriarca transcende os limites de uma biografia pessoal, adquirindo significado universal e tornando-se arquétipo para todos aqueles que creem. A obediência de Abraão ao chamado divino reflete a centralidade da aliança com Deus. Brueggemann (1997, p. 118) observa que Abraão inaugura uma nova história, rompendo com estruturas religiosas e sociais preexistentes, e estabelece uma experiência de fé baseada na promessa e na confiança em Deus.

Barth (1958, p. 187) reforça que Abraão é “o homem do advento”, interpretando sua vida a partir da promessa divina, e não da posse ou do controle humano. Essa perspectiva destaca a dimensão escatológica e ética do chamado de Deus, que se projeta para além de sua própria história pessoal. A relevância de Abraão ultrapassa os limites confessionais, servindo de ponto de convergência entre tradições religiosas distintas. Ele se torna referência não apenas para o povo de Israel, mas também para comunidades cristãs e muçulmanas, sendo símbolo de fidelidade, esperança e perseverança. O estudo da genealogia de Abraão permite

compreender as origens históricas e espirituais do povo de Israel, bem como a articulação de memórias coletivas e promessas divinas que estruturam a narrativa bíblica. Essa análise conecta a história pessoal do patriarca com a história coletiva de fé.

A jornada de Abraão, incluindo suas migrações e peregrinações, exemplifica a prática da obediência e da confiança em Deus. Sua vida ilustra como a fé exige disposição para romper com a segurança material e cultural, assumindo riscos guiados pelo chamado divino. O legado de Abraão também se manifesta na dimensão ética e social, influenciando práticas de hospitalidade, solidariedade e justiça. Sua experiência de fé demonstra que a relação com Deus é inseparável da ação concreta no mundo e do cuidado com o próximo. O objetivo deste artigo é apresentar uma biografia histórica e teológica de Abraão, analisando sua origem, sua família, suas viagens e sua herança espiritual, destacando sua importância para as tradições abraâmicas e para o pensamento teológico contemporâneo, revelando como a vida de um patriarca antigo continua a influenciar a fé e a ética atuais.

HEBREUS, JUDEUS E ISRAELITAS

A compreensão da identidade do povo de Deus no Antigo Testamento passa pela distinção e pela conexão entre os termos “hebreus”, “judeus” e “israelitas”. Originalmente, a designação “hebreu” (‘ibrî) aparece em textos como Gênesis 14:13, referindo-se a Abraão como “Abrão, o hebreu”, possivelmente em relação à sua origem como descendente de Éber (Gn 10:21). Já o termo “israelita” surge a partir de Jacó, cujo nome foi transformado em Israel (Gn 32:28), sendo utilizado para descrever os descendentes diretos das doze tribos. Por sua vez, “judeu” é uma designação posterior, associada primeiramente aos membros da tribo de Judá e, mais tarde, ao povo que retorna do exílio babilônico (Ne 1:2).

Essa diferenciação terminológica não é meramente histórica, mas expressa a construção de uma identidade coletiva que tem em Abraão seu ponto de convergência. Como observa Moltmann (2008, p. 59), a fé de Abraão constitui o fundamento de uma comunidade que se compreende a partir da promessa, e não apenas da etnicidade: “O povo de Deus nasce da promessa feita a Abraão, promessa que transcende fronteiras nacionais e tribais”.

Walter Brueggemann (2001, p. 41) destaca que a figura de Abraão inaugura uma identidade narrativa, na qual o povo de Israel passa a se perceber como herdeiro de uma vocação: “Ser descendente de Abraão é, antes de tudo, viver da memória da promessa”. Karl Barth (1958, p. 213) acrescenta que, em Abraão, a eleição divina não se restringe a uma etnia, mas assume caráter representativo para toda a humanidade, pois “em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3).

Assim, ao mesmo tempo em que “hebreus”, “judeus” e “israelitas” indicam realidades históricas distintas, eles convergem na figura de Abraão como patriarca comum. Sua vida e sua obediência tornam-se o alicerce de uma identidade coletiva que se consolida na história de Israel e se projeta no horizonte da fé cristã.

UR DOS CALDEUS: O CONTEXTO ORIGINAL DE ABRAÃO

A narrativa bíblica apresenta Abraão como originário de Ur dos Caldeus (Gn 11:28.31), uma das cidades mais prósperas da antiga Mesopotâmia. No início do segundo milênio a.C., Ur era um centro urbano desenvolvido, com uma economia diversificada baseada no comércio de cereais, tecidos e cerâmica, e com uma administração complexa que organizava tributos, obras públicas e festivais religiosos (BRIGHT, 2003, p. 57). Ser uma cidade próspera nesse contexto significava não apenas ter riqueza material, mas também estabilidade política, infraestrutura urbana e redes comerciais extensas.

As famílias em Ur eram estruturadas de forma patriarcal, com o chefe da casa — geralmente o pai ou avô — exercendo autoridade sobre os membros da família extensa, incluindo filhos, esposas e servos. A subsistência da família dependia da agricultura, criação de animais, comércio e participação em atividades artesanais. As mulheres, além de cuidar da casa e da educação dos filhos, participavam da produção têxtil e de cultos domésticos, enquanto os filhos eram preparados para assumir funções religiosas, militares ou comerciais, garantindo a continuidade da linhagem e a estabilidade econômica. A cidade possuía templos dedicados a diversas divindades, com destaque para Nanna, o deus-lua, e outros deuses locais relacionados à fertilidade, à agricultura e à proteção da cidade. A prática religiosa permeava o cotidiano: rituais diários, oferendas de alimentos e incenso, festivais sazonais e sacrifícios de animais eram comuns. Cada atividade econômica ou social tinha um componente espiritual, reforçando a crença de que a intervenção divina estava presente em todos os aspectos da vida.

Outras tradições religiosas da Mesopotâmia incluíam cultos a Inanna, deusa do amor e da guerra; Enlil, deus do vento e da autoridade; e Ea, deus das águas e da sabedoria. Agricultores faziam oferendas aos deuses para garantir boas colheitas, comerciantes pediam proteção para suas caravanas e artesãos invocavam bênçãos sobre suas criações. A religiosidade mesopotâmica era, portanto, prática e integrada à vida cotidiana, moldando valores, comportamentos e decisões políticas. Neste contexto, a escolha de Abraão por parte de Deus adquire relevância teológica, pois marca uma ruptura radical com uma cosmovisão politeísta e inaugura a experiência de fé no Deus único. Brueggemann (2010, p. 117) enfatiza que “o chamado de Abraão representa uma decisão radical contra as formas estabelecidas de segurança política e religiosa, abrindo caminho para uma nova identidade fundada na promessa divina”. A decisão de Abraão reflete coragem ética e espiritual, ao se afastar de tradições consolidadas e de um sistema de segurança social já estabelecido.

Moltmann (2003, p. 104) interpreta o chamado como um ato criador de esperança: “A promessa a Abraão inaugura um futuro que não se fundamenta em realidades visíveis, mas no agir livre e soberano de Deus”. Assim, a saída de Abraão de Ur simboliza a transição de uma ordem religiosa e social consolidada para uma história aberta pela promessa divina, demonstrando que fé implica risco e ruptura com o conhecido. A eleição de Abraão em Ur, segundo Barth (1958, p. 215), revela o caráter universal da graça divina: não se trata de uma escolha baseada na grandeza

da cidade ou nos méritos do patriarca, mas na soberania do chamado de Deus. A biografia de Abraão, portanto, não pode ser compreendida isoladamente, mas deve ser analisada à luz do contexto histórico, econômico e religioso em que ele nasceu e cresceu.

O ambiente urbano de Ur ofereceu ao patriarca os recursos e a experiência necessários para sua formação, mas também representava um desafio à sua fé emergente. A complexidade social, a riqueza material e a diversidade religiosa ofereciam alternativas seguras de vida, tornando a escolha de Abraão um ato de obediência e confiança na promessa divina. Ur dos Caldeus representa, assim, mais do que um ponto geográfico: é o cenário de transição de um paradigma religioso antigo para uma nova experiência de fé. O patriarca se torna modelo de obediência, coragem e esperança, servindo como referência para as tradições abraâmicas e para comunidades de fé posteriores.

A história de Abraão em Ur evidencia que a fé não surge no vácuo, mas em diálogo com a cultura, a economia e a religiosidade circundantes. O chamado divino transforma a experiência urbana e familiar, mostrando que a aliança com Deus exige ruptura, discernimento e confiança no futuro prometido.

GENEALOGIA DE ABRAÃO

A genealogia de Abraão remonta à descendência de Sem, filho de Noé, conforme registrado em Gênesis 11:10-26. Essa linhagem apresenta uma continuidade histórica que conecta a era pós-diluviana ao chamado divino de Abraão. Do ponto de vista bíblico, a genealogia não deve ser compreendida apenas como um registro de nomes, mas como expressão da fidelidade de Deus na preservação da promessa feita a Noé e à sua descendência (Gn 9:1). A relação de Abraão com os povos vizinhos se torna evidente nas narrativas bíblicas. Os descendentes de Sem aparecem em contraste com as nações oriundas de Cam e Jafé, revelando tensões políticas, culturais e religiosas que marcam a história do Antigo Oriente Médio. Brueggemann (2003, p. 82) observa que “as genealogias em Gênesis funcionam como instrumentos teológicos para situar Israel entre as nações, destacando tanto sua particularidade quanto sua conexão com a humanidade”. Assim, a descendência de Abraão não o isola, mas o insere em um contexto relacional amplo, no qual sua eleição divina se manifesta em favor de todos os povos.

Do ponto de vista espiritual, a genealogia de Abraão assume um caráter paradigmático. Barth (1958, p. 222) afirma que a eleição do patriarca não pode ser entendida como privilégio étnico, mas como expressão da graça soberana de Deus que escolhe um homem e sua descendência para testemunhar entre as nações. Nessa perspectiva, a genealogia é mais do que uma sucessão de gerações: ela é sinal do agir divino na história.

Moltmann (2003, p. 119) reforça essa compreensão ao destacar que a promessa feita a Abraão transcende os limites genealógicos e nacionais, apontando para uma universalidade: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3).

Para o teólogo, a genealogia de Abraão inaugura uma esperança escatológica que não se limita à transmissão biológica, mas alcança todos os que vivem pela fé.

Assim, a genealogia de Abraão cumpre dupla função: histórica, ao situar o patriarca na linhagem de Sem e no contexto das nações antigas; e teológica, ao afirmar a continuidade da promessa divina e sua dimensão universal.

FAMÍLIA DE ABRAÃO

A compreensão da trajetória de Abraão está intimamente ligada à sua família. O livro de Gênesis apresenta Terá, seu pai, como figura central na migração inicial da família desde Ur dos Caldeus até Harã (Gn 11:27-32). Terá teve três filhos: Abrão, Naor e Harã, estabelecendo a base genealógica a partir da qual se desenvolve a narrativa patriarcal. A tradição bíblica mostra, contudo, que a história de Abraão ultrapassa a herança familiar, pois se define a partir do chamado divino e não apenas do vínculo de sangue.

No seio de sua família, Abraão experimenta tanto a promessa quanto o conflito. Sua relação com Sara é marcada pela promessa de um filho, apesar da esterilidade (Gn 18:10-14). A presença de Hagar e o nascimento de Ismael (Gn 16) revelam tensões internas, mas também a amplitude da promessa divina, que inclui bênçãos para Ismael e seus descendentes. Para Moltmann (2003, p. 132), “a história da família de Abraão mostra que a promessa de Deus não é anulada pelo fracasso humano, mas se cumpre em meio à ambiguidade da vida real”.

O nascimento de Isaque, o filho da promessa, constitui o ponto alto da narrativa. Barth (1958, p. 230) interpreta Isaque como sinal da soberania divina, pois sua existência não decorre da capacidade humana, mas do cumprimento da palavra de Deus. Essa perspectiva também é sublinhada por Brueggemann (1997, p. 141), ao afirmar que “a promessa do filho é o centro da narrativa patriarcal, pois é por meio de Isaque que se garante a continuidade da aliança”.

Os conflitos familiares — entre Sara e Hagar, entre Isaque e Ismael, e posteriormente entre Esaú e Jacó — revelam que a bênção divina não elimina a tensão humana. No entanto, a narrativa bíblica também aponta para reconciliações significativas. Em Gênesis 25:9, Isaque e Ismael se unem para sepultar Abraão, gesto que simboliza, ainda que de forma limitada, a possibilidade de restauração dos laços familiares. Nesse sentido, Brueggemann (2001, p. 47) ressalta que a família patriarcal é paradigma de uma comunidade marcada por conflito, mas também por esperança na promessa que supera divisões.

Portanto, a família de Abraão não é apenas cenário de sua história, mas parte integrante de sua vocação. As tensões e reconciliações familiares revelam a dimensão concreta da fé: um Deus que cumpre suas promessas em meio à fragilidade humana.

PRIMEIRA VIAGEM DE ABRAÃO

A narrativa bíblica descreve a primeira jornada de Abraão como um movimento de fé e obediência: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12:1). Essa viagem compreende inicialmente a saída de Ur dos Caldeus, seguida pela permanência em Harã, e finalmente a chegada à terra de Canaã (Gn 11:31; 12:5). Do ponto de vista histórico, o deslocamento de famílias patriarcais no Crescente Fértil não era incomum; contudo, o relato bíblico interpreta a viagem de Abraão não apenas como migração, mas como resposta à voz divina.

O sentido da obediência e da peregrinação é um dos aspectos centrais desse episódio. Para Barth (1958, p. 242), a obediência de Abraão não se explica por conveniência humana, mas pela soberania da palavra de Deus: “Abraão não parte em busca de uma terra, mas em obediência ao Deus que promete”. Essa obediência inaugura um paradigma de fé que marcará toda a tradição bíblica.

Moltmann (2003, p. 127) interpreta a peregrinação de Abraão como o início da esperança escatológica. Segundo ele, a saída do patriarca de sua terra natal representa “a abertura de uma história que não se fecha no passado, mas se projeta no futuro da promessa divina”. A peregrinação, portanto, é sinal de que a fé bíblica é sempre dinâmica, marcada pelo movimento e pela expectativa do cumprimento das promessas.

Nesse mesmo sentido, Brueggemann (1997, p. 150) destaca que a viagem de Abraão simboliza a ruptura com sistemas de segurança estabelecidos: família, terra e deuses locais. Para o autor, “o chamado de Abraão redefine os fundamentos da existência, pois desloca a confiança das estruturas sociais para a palavra de Yahweh”. Essa ruptura não é apenas geográfica, mas existencial, tornando a vida do patriarca modelo para a caminhada de fé.

Assim, a primeira viagem de Abraão deve ser compreendida como marco de sua biografia histórica e teológica. Ao deixar Ur, passando por Harã e alcançando Canaã, o patriarca exemplifica a fé e a esperança diante do desconhecido, inaugurando uma tradição de peregrinação que permanece como referência para a experiência de fé nas tradições abraâmicas.

ABRAÃO E MATUSALÉM: ENTRE A TRADIÇÃO E A MEMÓRIA

A figura de Abraão se insere em uma tradição genealógica que remonta a Matusalém, o homem de maior longevidade registrado na Bíblia (Gn 5:27). Essa conexão entre Abraão e as gerações anteriores evidencia a continuidade histórica e teológica da narrativa bíblica, mostrando que a promessa divina não surge isoladamente, mas se apoia em uma memória ancestral que preserva a fidelidade de Deus. Como observa Brueggemann (2003, p. 87), “as genealogias não são meramente registros cronológicos, mas instrumentos teológicos que articulam memória e esperança, vinculando passado e futuro”.

O simbolismo da longevidade reforça a percepção de que a fé transcende os limites temporais humanos. Moltmann (2003, p. 130) argumenta que a vida longa das gerações patriarcais, incluindo Matusalém, é entendida como sinal da promessa divina, oferecendo perspectiva escatológica: “A história da salvação se desenrola não apenas em eventos imediatos, mas em uma continuidade que abraça séculos e gerações”. Nesse sentido, Abraão representa a transição entre a era pré-patriarcal e a nova ordem da promessa, encarnando a esperança que se projeta além do presente imediato.

Karl Barth (1958, p. 235) enfatiza que Abraão funciona como elo entre os antigos e os novos tempos, unindo o mundo das tradições antigas às promessas de Deus para a humanidade futura. Sua vida simboliza a mediação entre a memória ancestral e a inauguração de uma história que se constrói pela fé, e não apenas pela herança biológica.

Dessa forma, a relação de Abraão com Matusalém e as genealogias antigas evidencia a interligação entre memória, tradição e promessa. O patriarca não é apenas herdeiro de um passado longo e venerável, mas também portador de uma esperança que se projeta para as gerações futuras, consolidando seu papel como referência central na história da fé abraâmica.

A VIDA E A MORTE DE ABRAÃO

A vida de Abraão é marcada por eventos que definem sua vocação e constituem o núcleo da tradição bíblica patriarcal. Desde o chamado divino em Ur dos Caldeus até a chegada em Canaã, passando pelas promessas de Deus e a instituição de alianças, cada episódio revela a centralidade da fé e da obediência na história do patriarca (Gn 12:1-7; 15:1-6). Brueggemann (1997, p. 155) observa que “a narrativa da vida de Abraão é estruturada por promessas que não se cumprem imediatamente, mas exigem perseverança e confiança na ação soberana de Deus”.

O episódio do sacrifício de Isaque (Gn 22:1-19) é um ponto culminante na vida de Abraão, simbolizando a obediência absoluta e a entrega da própria esperança à vontade divina. Moltmann (2003, p. 135) interpreta este evento como uma antecipação da fé escatológica, afirmando que “o sacrifício de Abraão não é o fim da promessa, mas a confirmação de que a fidelidade de Deus se realiza mesmo diante de provas extremas”. Para Barth (1958, p. 248), o episódio evidencia que a relação de Abraão com Deus se funda na confiança absoluta, tornando-o modelo de fidelidade para toda a tradição cristã.

A morte de Abraão, narrada em Gênesis 25:7-10, não encerra sua história; ao contrário, seu legado espiritual se prolonga através da promessa divina de descendência numerosa “como a areia do mar” (Gn 22:17). Essa metáfora enfatiza a continuidade da fé e a expansão da bênção divina, que se estende a todas as nações. Brueggemann (2001, p. 50) destaca que “Abraão morre como patriarca que confia na promessa, e sua descendência torna-se o testemunho vivo da fidelidade de Deus”.

Portanto, a vida e a morte de Abraão revelam uma biografia teológica em que o chamado, as alianças, as provações e a morte são instrumentos para manifestar a fidelidade de Deus e o cumprimento de suas promessas. O patriarca permanece como referência central para judeus, cristãos e muçulmanos, sendo paradigma de fé, esperança e perseverança diante das incertezas da vida.

O ESTADO DE ISRAEL E ABRAÃO

Abraão ocupa um papel central não apenas na tradição religiosa, mas também na construção da identidade nacional de Israel. Como patriarca fundador, sua figura é evocada para legitimar a continuidade histórica e espiritual do povo, consolidando vínculos entre passado, presente e futuro (Gn 12:1-3; 15:18-21). Moltmann (2003, p. 138) argumenta que “a memória de Abraão transcende a narrativa bíblica, tornando-se fundamento para a compreensão coletiva da identidade e da esperança do povo de Deus”. Esta perspectiva enfatiza que Abraão não é apenas uma figura histórica, mas um símbolo vivo da promessa divina e da aliança que estrutura a identidade do povo israelita.

O uso histórico e político da figura de Abraão é evidente ao longo dos séculos. Governantes, líderes religiosos e movimentos sociais frequentemente recorrem à memória do patriarca para justificar reivindicações territoriais, alianças políticas e coesão social. Brueggemann (2001, p. 62) observa que “a história de Abraão é apropriada como recurso de legitimação, mas seu significado original é teológico, centrado na promessa e não apenas no poder humano”. Essa distinção evidencia a tensão entre a instrumentalização histórica da narrativa e a sua dimensão espiritual e ética.

A narrativa patriarcal de Abraão tem sido frequentemente mobilizada ao longo da história como instrumento de legitimação política e territorial. Yakov M. Rabkin (2004, p. 21) observa que a figura de Abraão é usada para reforçar a ideia de continuidade histórica do Estado de Israel, conferindo legitimidade a reivindicações territoriais e políticas. Essa apropriação, embora baseada em tradições bíblicas, nem sempre considera as nuances históricas e teológicas originais, transformando um símbolo religioso em ferramenta de construção nacional. A instrumentalização política de Abraão não se limita ao plano histórico; ela também influencia discursos contemporâneos. Líderes religiosos e governamentais evocam sua memória para unir populações em torno de uma identidade compartilhada, usando o patriarca como referência simbólica de unidade e fé comum. Contudo, essa prática muitas vezes conflita com a compreensão ética e teológica do patriarca, cujo chamado enfatizava obediência a Deus e não a interesses políticos ou expansionistas.

Karl Barth (1958, p. 255) ressalta que a terra prometida não é meramente um território a ser conquistado por meios humanos, mas um dom divino, entregue pela fé. A tradição bíblica original sublinha que a posse da terra depende da aliança com Deus e do cumprimento das promessas divinas, não da força militar ou da política humana. Assim, qualquer interpretação que transforme Abraão em mero legitimador

político desconsidera o núcleo ético e espiritual de sua história, que é a confiança na fidelidade de Deus. Essa tensão entre simbolismo religioso e realidade sociopolítica exige uma análise crítica. Rabkin (2004, p. 21) enfatiza que compreender Israel contemporâneo exige separar o significado espiritual da narrativa patriarcal das estratégias de construção política moderna. Reconhecer a diferença entre promessa divina e conquista humana permite compreender o patriarca como modelo de fé e esperança, e não apenas como instrumento de poder.

Portanto, Abraão continua sendo relevante não apenas como figura histórica, mas como paradigma de ética, fé e responsabilidade espiritual. Sua história demonstra que a legitimidade verdadeira não se fundamenta em territórios ou em continuidade política, mas na confiança em Deus e na prática ética da aliança. Essa compreensão contribui para debates contemporâneos sobre identidade nacional, direitos humanos e o papel da religião na esfera pública, equilibrando herança religiosa e crítica histórica.

Barth enfatiza que a terra prometida não é apenas um espaço geográfico, mas uma expressão concreta da fidelidade divina, um sinal visível da aliança de Deus com Abraão e seus descendentes. Esta perspectiva destaca o caráter espiritual da promessa em contraste com interpretações meramente políticas. Moltmann (2003, p. 139) acrescenta que a atualidade dessa promessa se manifesta na esperança escatológica: o cumprimento final da promessa ultrapassa a territorialidade imediata, envolvendo toda a criação e todos os povos que vivem pela fé. Abraão, portanto, permanece um paradigma de fé e esperança, independentemente das fronteiras físicas.

A genealogia e a narrativa de Abraão demonstram a articulação entre história e teologia. O patriarca é lembrado como exemplo de confiança na promessa divina, sendo modelo de fé mesmo diante da incerteza e da ausência de posse imediata da terra. O estudo histórico e teológico evidencia que a figura de Abraão serve tanto como símbolo religioso quanto como instrumento de construção da memória coletiva. Sua história sustenta a identidade nacional de Israel, mas também oferece lições universais sobre obediência, ética e perseverança.

Rabkin (2004, p. 34) argumenta que a instrumentalização política da narrativa de Abraão deve ser analisada criticamente, reconhecendo que a história moderna de Israel envolve escolhas políticas, sociais e culturais que extrapolam o simbolismo bíblico. Brueggemann (2001, p. 65) reforça que a apropriação da memória de Abraão deve ser entendida à luz de sua finalidade teológica: afirmar a aliança de Deus com o povo e não apenas justificar ações humanas. Esta tensão entre espiritualidade e política é recorrente em todas as épocas.

Abraão funciona como elo entre passado histórico e realidade contemporânea, unindo elementos de tradição religiosa, identidade coletiva e narrativa de esperança. Sua memória fortalece o senso de pertencimento e continuidade, mas também desafia a compreensão de poder e legitimidade exclusivamente política. A tradição abraâmica demonstra que fé, esperança e aliança transcendem limites temporais. A promessa divina não é condicionada apenas à posse da terra, mas à vivência da confiança em Deus, à prática ética e à preservação da memória histórica e espiritual do povo.

Em síntese, Abraão simboliza a integração entre identidade nacional e herança religiosa. Seu legado continua a orientar a teologia, a ética e a compreensão histórica do povo de Israel, enquanto seu exemplo de fé e confiança permanece um paradigma para todas as tradições abraâmicas.

GENTE DAQUI, GENTE DE LÁ SÓ: SOLIDARIEDADE

Abraão é apresentado na narrativa bíblica como modelo de hospitalidade e acolhimento, especialmente no episódio da visita dos três homens em Gênesis 18:1-8. Sua recepção cuidadosa e a atenção às necessidades dos visitantes revelam não apenas uma prática social, mas também uma expressão teológica de fé. Brueggemann (2001, p. 73) destaca que “a hospitalidade de Abraão é paradigmática, pois a abertura ao outro reflete confiança na promessa divina e compromisso com a justiça e a bondade”. Esse exemplo evidencia que a fé se manifesta na prática concreta de relacionar-se com o próximo.

Do ponto de vista teológico, a hospitalidade e a solidariedade de Abraão ilustram como a fé se realiza em ações tangíveis. Moltmann (2003, p. 142) observa que “a fé que Abraão encarna não é abstrata, mas se realiza na prática de acolher o estranho, demonstrando que a promessa de Deus se traduz em cuidado e responsabilidade pelo próximo”. A tradição cristã entende que a atitude de Abraão possui implicações contemporâneas. Barth (1958, p. 260) afirma que a hospitalidade patriarcal inspira comunidades de fé a transcender fronteiras culturais, sociais e étnicas, promovendo inclusão, justiça e equidade.

A capacidade de receber “o outro” torna-se, portanto, marca distintiva do povo da promessa, reafirmando o caráter universal da bênção que Abraão recebeu. A solidariedade torna-se prática ética inseparável da fé genuína. Grenz (2000, p. 119), em *Theology for the Community of God*, reforça que a comunidade de fé é chamada a viver a hospitalidade como expressão da presença de Deus no mundo. Assim, a prática de Abraão é paradigmática para a vida da igreja e das comunidades contemporâneas de fé.

A narrativa bíblica mostra que a hospitalidade de Abraão não é apenas um ato de cortesia, mas uma manifestação teológica do cuidado de Deus. A atenção aos visitantes reflete a abertura à graça divina, indicando que o amor de Deus se traduz em compromisso social. Moltmann (2003, p. 145) argumenta que a solidariedade de Abraão antecipa a visão escatológica de uma comunidade inclusiva, na qual o cuidado pelos outros é inseparável da esperança que Deus oferece.

Brueggemann (2001, p. 78) reforça que o ato de receber o estrangeiro demonstra confiança na promessa divina e estabelece padrões éticos que permeiam toda a tradição abraâmica. O acolhimento é, portanto, inseparável da experiência da aliança.

A prática de hospitalidade e solidariedade de Abraão transcende seu contexto histórico, funcionando como paradigma para as relações humanas contemporâneas. Ela ensina que a fé se manifesta tanto na obediência às promessas de Deus quanto

na atenção prática às necessidades do próximo. Grenz (2000, p. 125) destaca que a comunidade de fé deve ser um espaço no qual a hospitalidade é prática central, refletindo a identidade de um povo que vive pela promessa de Deus e que busca a justiça e a inclusão social.

Barth (1958, p. 262) ressalta que a hospitalidade não é opcional para a comunidade de fé, mas requisito ético derivado da aliança divina. Abraão exemplifica como a obediência à promessa divina se manifesta na responsabilidade social e no cuidado com o outro. A narrativa também mostra que a solidariedade não se limita a conhecidos ou compatriotas, mas se estende ao estranho e ao marginalizado, antecipando princípios universais de justiça e compaixão.

Dessa forma, Abraão se torna modelo de uma fé que é dinâmica e engajada, que não se restringe à devoção privada, mas se expressa em atos concretos de acolhimento, proteção e generosidade. Em síntese, a hospitalidade e a solidariedade de Abraão demonstram que a fé verdadeira é inseparável da ética prática e do cuidado pelo próximo. Seu exemplo continua a inspirar comunidades de fé em todo o mundo, lembrando que a promessa divina se realiza através da ação transformadora e inclusiva (Brueggemann, 2001; Moltmann, 2003; Grenz, 2000).

CONCLUSÃO

A biografia histórica e teológica de Abraão evidencia a centralidade de sua vida para a fé monoteísta, consolidando-o como patriarca comum de judeus, cristãos e muçulmanos. Sua trajetória oferece um modelo paradigmático de relacionamento entre Deus e a humanidade, marcado pela confiança e obediência.

Desde sua genealogia até sua morte, cada episódio da vida de Abraão revela a manifestação da fidelidade divina. As narrativas bíblicas destacam como Deus opera por meio da promessa, da aliança e da orientação providencial, confirmando a importância de Abraão como intermediário histórico e espiritual (Brueggemann, 1997, p. 170). A análise das viagens e peregrinações de Abraão demonstra a coragem e a perseverança diante do desconhecido. Moltmann (2003, p. 145) afirma que “a esperança abraâmica não se esgota no passado, mas se projeta no futuro”, enfatizando o caráter escatológico da fé do patriarca. As alianças estabelecidas por Abraão, especialmente a aliança com Deus, reforçam a dimensão teológica de sua vida. Essa relação não é apenas histórica, mas serve de base para a compreensão do conceito de eleição e da responsabilidade ética do povo de Deus. A família de Abraão apresenta tensões e reconciliações que refletem a complexidade das relações humanas. Conflitos entre Sara e Hagar, bem como a promessa de Isaque, ilustram a ação de Deus em meio às imperfeições humanas, consolidando a narrativa da graça e da promessa.

A experiência de Abraão também inspira práticas de hospitalidade, solidariedade e fidelidade. Ao acolher visitantes e se preocupar com a justiça, ele demonstra que a fé genuína exige ação ética concreta, um princípio enfatizado por Brueggemann (2001, p. 73). Abraão permanece relevante não apenas para

judeus e cristãos, mas também para muçulmanos, formando um elo entre tradições abraâmicas distintas. Sua vida se torna um ponto de referência para a construção de identidade espiritual e comunitária. Barth (1958, p. 265) reforça que “Abraão encarna a relação entre a promessa divina e a resposta humana, sendo modelo de vida para todos os que buscam viver pela fé”. Essa perspectiva reforça a dimensão ética e teológica do estudo de Abraão. O legado espiritual de Abraão se consolida em três dimensões fundamentais: fé, obediência e esperança. Esses elementos fornecem um guia duradouro para a prática religiosa, a vida comunitária e a compreensão da aliança de Deus com a humanidade.

Em síntese, estudar Abraão como figura histórica e teológica permite compreender a construção da identidade coletiva do povo de Deus. Ao mesmo tempo, oferece inspiração contínua para a prática da fé nas tradições abraâmicas contemporâneas, mantendo viva a memória de um patriarca cujo exemplo transcende tempo e cultura.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. Church Dogmatics. Edinburgh: T&T Clark, 1958.

BRUEGGEMANN, Walter. Genesis. Atlanta: John Knox Press, 1997.

MOLTMANN, Jürgen. Teologia da Esperança. São Paulo: Loyola, 2003.

BRUEGGEMANN, Walter. The Land: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. O Deus da Vida. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRIGHT, John. História de Israel. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BRUEGGEMANN, Walter. Introdução ao Antigo Testamento: O cânon cristão. São Paulo: Paulus, 2010.

BRUEGGEMANN, Walter. Genesis. Atlanta: John Knox Press, 1997.

GRENZ, Stanley J. Theology for the Community of God. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

RABKIN, Yakov M. What Is Modern Israel? New York: Schocken Books, 2004.

DADOS SOBRE O AUTOR

Reverendo Francisco DCB Brandão é teólogo, linguista, educador, historiador, filósofo e poeta brasileiro-canadiano. Nascido em Santo Antônio dos Lopes, Maranhão, graduou-se na Universidade Federal do Maranhão e concluiu estudos avançados na University of Ottawa, em parceria com a Saint Paul University, no Canadá. Seus diplomas foram reconhecidos no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Ao longo de sua carreira, tanto no Brasil quanto no Canadá, Brandão residiu em diversas cidades, incluindo São Luís, Sherbrooke, Ottawa e Kingston. Nesse percurso, publicou livros, antologias e artigos acadêmicos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Entre suas obras mais destacadas estão Curso de Formação do Fazedor de Tendas e O Sacerdócio Cristão de Todos os Crentes, que exploram de forma profunda os fundamentos da fé cristã.

No campo da literatura, destacam-se os títulos O Trajeto (romance), Estórias de Maio e Meu Jardim Também Tem Flores.

Ordenado pastor na tradição Batista, Francisco Brandão atua como missionário “fazedor de tendas” junto aos Canadian Baptists of Ontario and Quebec (CBOQ) e como pastor de Missões e Discipulado na Primeira Igreja Batista de Kingston.

Contatos: franbran.org | YouTube: [@franbran](https://www.youtube.com/@franbran)

Sara: A Mãe de uma Grande Nação

Miriam Moreira de Frias Nascimento

POR QUE SARA ESTÁ NA GALERIA DOS HERÓIS DA FÉ?

Pela fé, Abraão — e também a própria Sara, apesar de estéril e avançada em idade — recebeu poder para gerar um filho, porque considerou fiel aquele que lhe havia feito a promessa (Hb 11:11).

Talvez você se pergunte: Por que Sara está na galeria dos heróis da fé? O que ela fez de importante? E até acredite e defenda que ela precisaria estar na galeria dos que atrapalharam os planos de Deus.

Começo a defesa de Sara como heroína da fé lembrando do modo e do propósito de Deus ao criar a humana mulher. Deus criou o ser humano com duas formas: macho e fêmea, para que fossem uma só carne. Sempre esteve no plano de Deus criar a mulher. A narrativa bíblica, e até mesmo algumas interpretações, fala que a mulher foi criada porque Deus notou a solidão do homem. Não! Sempre foi plano de Deus criar dois tipos de seres humanos. Até o homem reconheceu na mulher a si mesmo e fez a mais linda declaração de amor: “Esta sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem” (Gn 2:23). O criador extraordinário, o Deus onisciente, cheio de sabedoria, fez esses dois seres humanos com características complementares. Um não é completo sem o outro — Apesar disso, podem viver sós, serem abençoados e felizes, quando esse é o propósito individualizado de Deus. Mas, em qualquer lugar, seja na liderança da nação, na empresa, na igreja ou na família, ter opiniões que se somem e agreguem torna a vida um processo mais leve e com um resultado mais próximo do ideal. O escritor expressa os desígnios de Deus ao registrar que entre todos os animais, nenhum era semelhante a Adão. As palavras “auxílio”, “adjutora”, tradução do hebraico “êzer”, quer dizer ajuda e socorro. Assim, sempre é melhor serem dois.

Dentro dessa verdade bíblica, podemos inferir que os planos de Deus são realizados por homens e mulheres que se colocam em suas mãos. Se Abraão foi pai de uma grande nação, Sara foi a mãe.

QUEM ERA SARA?

Sara era uma mulher típica do seu tempo. Viveu em Ur dos Caldeus, cidade da antiga Suméria, localizada na Mesopotâmia, no atual sul do Iraque. Sua fundação remonta a cerca de 3800 a.C. Durante seu auge, especialmente na Terceira Dinastia de Ur (cerca de 2100 a.C.), a cidade foi um dos centros mais importantes da região. (REINKE, 2019, p.3).

Nesse sentido, Sara construiu sua identidade em uma sociedade patriarcal, onde as mulheres tinham uma posição complexa. Embora estivessem sujeitas a restrições sociais significativas, elas desempenhavam papéis fundamentais em diversos aspectos da vida cotidiana. Em algumas circunstâncias, mulheres podiam gerir negócios, ser comerciantes ou até atuar como escribas. Além disso, documentos antigos revelam que elas podiam possuir propriedades e assinar contratos, demonstrando sua influência e participação na sociedade de Ur, especialmente nos âmbitos religioso e comercial.

É bem possível que o pai de Sara, Terá (Gn 20:13), tenha sido comerciante por viver num centro comercial e cultural, e também ter exercido a função de pastor de rebanhos. Diante dessa possibilidade, acreditamos que Sara tenha experimentado a vida como comerciante, o que era facultado à mulher de Ur do Caldeus nesse recorte temporal.

Além disso, Sara, como mulher do seu tempo, com certeza atuava na produção de alimentos dentro da sua casa, moendo grãos, preparando alimentos, fabricando tecidos e sonhava em ser mãe.

O QUE ABRAÃO VIU EM SARA?

A descrição bíblica fala que Sara tinha uma grande beleza, que foi reconhecida por Abraão e notada por todos, sendo até desejada por reis. Abraão a escolheu para ser sua mulher e a mãe dos seus descendentes, pois a concepção e descendência davam a garantia da continuidade da família e da propriedade. Abraão viu uma mulher que poderia ser sua companheira de vida e administradora da sua casa. Ele enxergou uma mulher dócil, de aparência frágil, porém determinada em suas tarefas, principalmente nas domésticas.

O QUE DEUS VIU EM SARA?

Deus sonda o coração e conhece os pensamentos. Enquanto o ser humano se atém ao exterior, Deus vê a profundidade, a alma e o espírito. A beleza que Deus viu em Sara é inexpressável em palavras humanas, algo que só Ele poderia contemplar. Deus viu uma mãe que educaria o filho da promessa, uma mulher sensível que sabia o lugar que ocupava na família e no coração de seu marido, que acreditava em um ser supremo e que tinha grande potencial de serva. Deus

viu uma mulher que administrava sua casa e a mantinha em equilíbrio, prestando o socorro ao seu marido no momento certo e dando-lhe honra diante de todos em sua casa. Ele viu uma mulher que ouvia as narrativas dos Seus encontros com Abraão, que cria e se deixava ser dirigida por Ele através do seu marido, Abraão.

O Senhor reconheceu um grande potencial em Abraão e lhe fez a promessa de ser uma grande nação. Afinal, Deus nunca prometeria algo a um servo Seu que não pudesse cumprir. Deus articulou um plano no qual seria impossível de Abraão realizar sozinho. Plano esse que incluía a mulher que Abraão escolhera, Sara. Deus viu potencial em Abraão. Deus viu potencial em Sara.

PARA QUEM ERA A PROMESSA DE DEUS?

“Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3), estas foram as palavras que o Senhor Deus disse a Abraão. Uma família, inicialmente composta por Abraão e Sara, abençoaria outras famílias e povos. Deus apareceu novamente a Abraão quando este chegou a Canaã e disse: “Vou dar essa terra a tua descendência.” (Gn 13:15).

Sempre que Deus chama o homem, inclui sua esposa. Quando chama a esposa inclui o homem. Jesus afirmou que casa dividida não prospera (Mt 12:21), e é na unidade que Deus ordena a bênção (Sl 133). A missão é única, e cada um cumpre sua parte em unidade com o outro.

Deus falava a Abraão e, invariavelmente, incluiu Sara em seus planos. Quando a caravana de Abraão precisou peregrinar no Egito por causa da fome, o rei ficou fascinado com a beleza de Sara e a tomou, mas Deus guerreou a seu favor. As escrituras dizem que, por causa de Sara, o “Senhor Deus castigou o rei e sua família com doenças horríveis” (Gn 12:17). Esse episódio corrobora com a premissa de que Deus sempre incluiu Sara nos seus propósitos de abençoar a nação, a Terra.

Nesse sentido, quando mencionamos Abraão, logo nos lembramos de Sara, pois, sem ela, a promessa não se cumpriria. Abraão amou e se casou com Sara, uma linda mulher, e planejou uma família, compartilhando com ela as promessas de Deus.

Deus viu a mãe das nações.

Deus viu Sara como uma princesa.

COMO SARA SE VIA?

Sara se via uma mulher cumpridora de seus deveres de esposa e administradora do seu lar. Ela sabia viver na cidade, mas se adaptou à vida nômade em sua jornada até Canaã, acompanhando seu marido. Ao lado dele, se sentia forte e protegida, mostrando-se flexível e confiante. Sara era capaz de se alegrar em todas as situações, vencendo os desafios da escassez e celebrando os tempos de

abundância. Corajosamente acompanhou Abraão deixando sua casa para viver em tendas. Deixou o conforto conhecido pelo desconhecido.

Conforme os anos foram passando, Sara, já uma mulher envelhecida que não foi capaz de gerar filhos, sentia que não cumpriu a sua parte na promessa de Deus. Começou a acreditar que a promessa era só para Abraão e se viu como um impeditivo para que o seu amado recebesse a promessa.

Inteligente, conhecedora do código e a cultura local, Sara sabia que seu marido poderia ter filhos com uma concubina, porém, ele não o fez por amor a ela. Ela viu o tempo se esgotar, juntamente com as suas condições físicas e a de Abraão.

“Se alguém toma uma esposa e essa esposa dá ao marido uma serva por mulher e essa lhe dá filhos, mas, depois, essa serva rivaliza com a sua senhora, porque ela produziu filhos, não deverá sua senhora vendê-la por dinheiro, ela deverá reduzi-la à escravidão e enumerá-la entre as servas” (Código de Hamurabi, artigo 146°).

No desejo de preservar a honra do marido no meio da parentela, acreditando estar fazendo o melhor e cumprindo a promessa de Deus, Sara usou sua prerrogativa de mulher, dando sua escrava, Agar, a Abraão, para que, por meio dela pudessem ser pais.

QUESTÕES A PENSAR...

A primeira questão a ressaltar aqui é que a revelação que Sara tinha era através do seu marido. Ela vivia dentro de um contexto cultural onde a mulher era importante, embora o homem fosse o chefe do clã. Ela entendeu que Deus falava com Abraão e que promessa era para ele. A administração de Deus e sua revelação se davam através dos chefes e dos pais, mas isso não excluía os demais membros da família.

Outra questão, necessária para entendimento, é que esse era o meio do povo receber a revelação, já que não havia leis, escritos ou profecias de Deus. Sara precisava da palavra de ordem, certeza e fé de Abraão. Abraão concordou com a decisão dela. Ele não ponderou ou argumentou, simplesmente cedeu à ideia de Sara.

Mais uma questão a pensar: Será que Abraão estava com sua fé abalada? Desconfiado da promessa de Deus? Talvez não tivesse coragem de fazer a proposta a Sara, não queria magoá-la, porém, essa sugestão já havia ocupado sua mente?

Abraão percebia que sua vitalidade estava se esgotando e não era mais o homem viril, cheio de energia e vigor. Os anos se passaram e o tempo tentou afogar a fé de Abraão, que resistia intensamente. Ele reconhecia a fidelidade de Deus e teve encontros memoráveis com o autor da vida. Contudo, como homem, era sujeito às tentações, assim como nós.

Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa. Acaso ele fala e deixa de agir? Acaso promete e deixa de cumprir? (Nm 23:19).

Abraão e Sara não tinham esses escritos, mas tinham a promessa e a fé.

Deus nunca desistiu de Sara. O filho dela seria o filho da promessa. Para corroborar com a promessa, Deus apareceu a Abraão quando já tinha 99 anos, e expôs seu plano, deixando uma marca visível e uma marca espiritual da sua aliança com ele. A marca visível era a circuncisão: todos os meninos seriam circuncidados ao oitavo dia de nascidos. A marca espiritual foi a mudança do nome de Abrão. O nome, que significava “pai grande ou exaltado” e já era forte e nobre, foi trocado para Abraão, “pai ou chefe de uma multidão”. A troca de nome determina uma mudança de destino e de história, mas não se restringiu ao marido, ao chefe e ao homem. Deus também descortinou o que para Sara ainda era obscuro.

QUAL SERIA A GRANDE REVELAÇÃO PARA SARA?

Deus incluiu escancaradamente Sara em seus planos. Deus disse a Abraão, claramente, com todas as letras:

“A Sarai (era inicialmente o nome daquela que chamamos de Sara), sua mulher, você não chamará Sarai, porém Sara. Eu a abençoarei, e ela se tornará nações; reis de povos procederão dela” (Gn 17:15).

O nome Sarai significa minha princesa, uma princesa local, dentro da família. O nome Sara, traz a conotação de princesa de nação. Deus a honrou e a exaltou ao nível de princesa, mãe de uma nação. A partir dessa revelação direcionada a ela, sua fé na promessa de Deus foi revigorada.

A revelação direta a Sara não se restringiu ao recado de Deus, através de Abraão. Ele permitiu que Sara ouvisse a promessa diretamente dos anjos de Deus.

Abraão recebeu a visita dos anjos nos carvalhais de Manre. Um dos anjos perguntou por Sara e declarou que, em um ano, ela daria à luz um filho. Sara ouviu a declaração e, impactada, riu. Ela riu porque conhecia seu corpo e sabia que não tinha mais as características necessárias para abrigar um bebê no seu ventre. Riu porque seu marido já não tinha mais vigor. O anjo a repreendeu e falou: “Por acaso existe algo demasiadamente difícil para o Senhor? E reafirmou a promessa” (Gn 18:14).

Abraão e Sara creram na promessa. Mesmo reconhecendo suas impossibilidades, eles acreditaram que Deus faria o milagre e cumpriria o que havia prometido. O amor entre eles e a fé no Todo-Poderoso impulsionou-os a se entregarem aos planos, aparentemente impossíveis, de Deus. Só assim, Deus pôde cumprir sua promessa, trazendo à existência o que naturalmente não existia.

“Sem se enfraquecer na fé, reconheceu que o seu corpo já estava sem vitalidade, pois já contava cerca de cem anos de idade, e que também o ventre de Sara já estava sem vitalidade. Mesmo assim não duvidou nem foi incrédulo em relação à promessa de Deus, mas foi fortalecido em sua fé e deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido” (Rm 4:19-21).

Essa etapa foi vencida. Sara teve o filho da promessa. Isaque a fazia lembrar constantemente do Deus do impossível e seu riso transformou-se em gratidão e alegria.

Contudo, Sara tinha um grande desafio à frente.

QUAL SERIA O GRANDE DESAFIO DE SARA?

Um dos grandes desafios de sua vida foi a esterilidade. Durante anos, ela não conseguiu ter filhos, o que era uma grande fonte de sofrimento.

No entanto, seu maior desafio foi enfrentado em consequência de sua impaciência. Sara ofereceu sua serva Agar para gerar um filho com Abraão, resultando no nascimento de Ismael. A família projetada por Deus foi alterada por causa de sua precipitação.

Sara enfrentou o desprezo e a afronta de Agar. Embora não fosse plano de Deus que Abraão tivesse outros filhos, por amor Ele abençoou Ismael com uma descendência numerosa. (Gn 16:10). Deus protegeu Agar, orientando-a a se submeter a Sara.

Durante toda a sua vida, Sara precisou conviver com os desafios de uma família disfuncional. Enquanto o problema era direcionado a ela, compreendendo que o amor do seu marido era dedicado a ela e a Isaque, seu filho, conseguiu desconsiderar as pequenas atitudes de Agar. Mas quando a situação se voltou contra o seu amado Isaque, Sara não se conteve. Ela observou que Ismael estava ridicularizando Isaque, chamou Abraão e exigiu que ele mandasse embora a escrava e o filho. Abraão ficou constrangido. Ismael também era seu filho. Então, buscou em Deus uma resposta. Deus respondeu: “Abraão, não se preocupe com o menino, nem com a sua escrava. Faça tudo o que Sara disser, pois você terá descendentes por meio de Isaque. O filho da escrava é seu filho também, e por isso farei com que os descendentes dele sejam uma grande nação.” (Gn 21:12,13).

Isaque herdou de Sara e de Abraão os relatos das suas experiências e a fé no Deus único. Ele foi um filho obediente, aceitando a esposa escolhida por seu pai e amando-a. Tornou-se um homem equilibrado, persistente e temente a Deus (Gn 26:12-33).

Sara viveu até os 127 anos e foi enterrada em Macpela, na terra de Canaã. Ela cumpriu seu papel de “princesa de nações”, como matriarca do povo de Israel. Por isso, é lembrada como um exemplo de fé e obediência, merecendo ser citada entre os heróis da fé de Hebreus 11.

QUAIS ENSINAMENTOS PODEMOS EXTRAIR DAS EXPERIÊNCIAS DE SARA?

Primeiro ensinamento é que Deus não faz acepção de pessoas. Hoje, por causa do pecado, o plano original e equânime de Deus foi maculado, distorcido e

alterado, fazendo com que homens e mulheres percam a concepção de quem são. Assim, simulou-se uma grande guerra dos sexos, onde mulheres querem exercer, indiscriminadamente, o papel de homens e homens, o de mulheres. O que Deus determinou não tem sido levado em conta.

Nas comunidades de fé ao redor do mundo, vemos igrejas florescendo com ministérios frutíferos e impactantes, evidenciando a bênção de Deus sobre homens e mulheres. Um dos elementos marcantes dessas igrejas é a obediência ao plano divino original, no qual o casal pastoral — marido e mulher — serve em unidade, não como líderes isolados, mas como uma só carne, conduzindo o rebanho com propósito compartilhado e visão alinhada. Quando ambos caminham em harmonia, complementando-se em dons e responsabilidades, o ministério se torna mais forte, a igreja mais saudável e a missão mais eficaz. Essa parceria, fundamentada no amor, na fé e no compromisso mútuo com o chamado de Deus, transforma a liderança em um verdadeiro exemplo de serviço, inspiração e edificação para a comunidade.

Deus fez planos para que o casal se torne uma só carne. Ambos têm o mesmo valor diante de Deus, porém com papéis distintos. Portanto, não há motivos para dissensões, mas sim para cooperação, complementaridade e interdependência.

Outro ensinamento é que Deus perdoa as nossas desobediências, porém precisaremos administrar os resultados. Escolhas precipitadas produzem consequências que podem nos acompanhar por muito tempo ou até por toda a vida. A precipitação decorre da dificuldade em crer e esperar. O tempo pertence ao Senhor, Ele é o dono e, por isso, o papel do servo é aguardar.

A fé é crer na impossibilidade. A vida de Abraão e Sara ensina sobre esperança, mesmo em circunstâncias que parecem impossíveis. Não havia nenhuma possibilidade natural de um casal, por mais saudável que fosse, conceber aos 90 e 100 anos. Não existem explicações humanas para o nascimento de Isaque. O declínio hormonal tanto feminino quanto masculino inviabilizaria tal coisa. Se fosse fecundado, a gestação traria risco a Sara e ao bebê. Um corpo cansado e sem estrutura, além de todas as suscetibilidades a doenças, poderia resultar em um aborto espontâneo. O bebê poderia nascer prematuro, com malformação ou alguma síndrome. Com isso, entende-se que Deus não opera dentro do limite humano. Não existem limites para o Seu agir sobrenatural. Quando Deus tem um plano, não há o que o impeça. Seja cultura, hábitos, biologia ou ciência.

A vida de Sara inspira as mulheres a crer em um Deus que as olha com o mesmo olhar que dedica aos homens. Deus olha o coração e as intenções, e vê na mulher o potencial para que seja incluída em Seus planos. Mesmo entendendo que a mulher, junto com o homem, forma uma unidade no casamento, Deus tem planos individuais.

O LEGADO DE SARA NA MINHA VIDA

Para concluir, quero relatar um pouco da minha jornada como mulher e serva do Senhor que nasceu no século XX.

Nasci e servi na mesma igreja durante vinte e sete anos. Aos 15 anos fui chamada por Deus para fazer sua obra, acreditando, dentro da possibilidade à época, que deveria ser missionária. Por isso, me coloquei à disposição do Senhor, orando e achando que seria esposa de pastor. Conheci alguns seminaristas que serviam em minha igreja, sem, contudo, receber a confirmação de Deus para esse chamado.

Nessa igreja, conheci meu esposo e nos casamos. Ele sempre esteve comigo na igreja, acompanhando. Entendendo que devia me preparar para o propósito que Deus tinha na minha vida, fiz o curso de Educação Religiosa, me formando como Bacharel em Educação Religiosa. Trabalhei como professora de Ensino Fundamental, me especializei em Educação Especial e Deus me levou a ter experiências com o acolhimento das famílias com filhos especiais, coordenar professores com alunos especiais e a conhecer as necessidades diferenciadas das diversas escolas do Município do Rio de Janeiro, ampliando a minha visão do Sistema de Educação Municipal. Em 2009, ao me colocar em uma função que me possibilitou conhecer mais profundamente o coração humano, Deus alargou a minha visão de mundo, das pessoas e da capacidade do homem sem Deus.

Espiritualmente, como serva, dentro do espaço da igreja local, estive ajudando, servindo e trabalhando em diversos setores onde era possível uma mulher servir. Em uma das igrejas que atuei, vivenciei situações que me levaram de lugares altos até o vale. Passei da empolgação de ver o poderoso mover de Deus ao abatimento ao ver uma obra grande e crescente ser destruída pela altivez, inimizades, porfias e todos os sentimentos rechaçados por Deus.

E, por fim, fui participar da igreja onde meu pai era pastor. Lá, pude crescer e ser restaurada por Deus em uma igreja que pregava e vivia os princípios da Palavra de Deus. A igreja elegeu diversos vice-presidentes que não se comprometeram plenamente com a obra. Como sempre, na falta deles, eu substituí o pastor (meu pai), e acabei exercendo essa função. O pastor, já idoso, com a esposa doente (minha mãe) contava cada dia mais com a minha ajuda, substituindo-o em tudo. Deus começou a falar comigo a respeito do ministério pastoral. Em 2009, o pastor me chamou e me orientou a fazer o curso de teologia, dizendo que não havia substituto para ele. Como essa chama já ardia em meu coração, obedeci. Continuei a servir, como sempre, até que em final de 2020, após contrair a Covid-19 e iniciar um quadro de Alzheimer, o pastor não retornou mais aos trabalhos. A diretoria da igreja aguardou até o mês de março, quando foi necessário reorganizar a sua estrutura, prevendo um novo pastor. Em conversa com a diretoria, ela expressou o desejo que eu fosse a nova pastora. Como já era a vice-presidente e ainda estávamos cobertos pela eleição anterior, prosseguimos os trabalhos.

No final de 2021, precisávamos decidir o que fazer. Tínhamos batismo para realizar e estávamos sem orientação da Convenção da qual fazíamos parte.

Após diversas conversas com a liderança, sabendo que a Convenção não reconhece a mulher no cargo de pastora presidente, a igreja decidiu continuar com o antigo pastor como presidente, porém, sendo dirigida e administrada por uma mulher.

Hoje, em 2025, continuo respondendo pela igreja, junto com meu marido que não é pastor. Assisto às reuniões da ordem dos pastores e participo da associação. Sou reconhecida como pastora, embora não faça parte da Ordem de Ministros da minha convenção.

Por muito tempo me senti como Sara, acreditando que somente homens podiam exercer esse ministério e buscando servir no que me era permitido. Durante esse tempo como pastora, ouvi palavras duras de servos e servas do Senhor insinuando que estava em rebeldia e até propuseram que eu colocasse um homem à frente, mas continuasse a exercer o ministério.

Sem pedir e sem almejar, Deus me colocou nesse lugar, como Pastora vice-presidente para os homens, mas presidente para Deus. Que a história de Sara inspire a muitas mulheres como inspirou e inspira a minha trajetória.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA INTERLINEAR. **Núcleo de Estudo e Pesquisa do Evangelho** – Nepe Search. Disponível em: <https://nepebrasil.org/> Acesso em: 4 nov 2024.

CHARLES RIVER EDITORS. **Ur e Uruk**: a história e o legado das duas mais importantes cidades dos sumérios antigos. [S.l.]: Charles River Editors, [s.d.].

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia**. Rio de Janeiro: Melhor Vida, 2019.

Isaque: Fé Silenciosa, Obediência Constante

Elizabeth Brandão Oliveira Claudino Pontes

Este herói nos inspira a depositar nossa fé em Deus a cada passo, tanto nas batalhas que enfrentamos quanto na simplicidade da vida cotidiana.

INTRODUÇÃO

A história de Isaque ocupa um lugar especial no plano divino de redenção. Como filho da promessa, nascido da fé de Abraão e Sara em idade avançada, ele representa o cumprimento da fidelidade de Deus às suas promessas. O nascimento de Isaque não foi fruto da capacidade humana, mas da intervenção sobrenatural do Senhor. Isso sinaliza que o plano divino se estabelece não pelo esforço do humano, mas pela graça e soberania de Deus. Na narrativa bíblica, Isaque surge como elo fundamental entre Abraão e Jacó, sendo o segundo patriarca de Israel e parte da linhagem da qual viria o Messias. Sua vida, embora aparentemente menos grandiosa em feitos do que a de seu pai, possui lições profundas de fé, submissão e dependência de Deus. Este estudo busca compreender a importância de Isaque no contexto bíblico, sua tipologia cristológica e a aplicação de sua vida para os dias atuais.

O que você acha que Isaque representou, naquele tempo para o povo de Deus?

Deus pediu a Abraão que sacrificasse Isaque como prova de fé (Gn 22). Porém, Deus proveu um carneiro no momento do sacrifício. Isaque é um exemplo de Obediência e Fé do seu Pai a Deus.

CONTEXTO HISTÓRICO E BÍBLICO

Isaque foi filho da Promessa. O seu nome, em hebraico é Yitzhak, que significa “ele rirá”. Seus pais foram Abraão e Sara, e tiveram dois filhos gêmeos: Esaú e Jacó. Em Gênesis, nos capítulos 17 a 35, encontraremos as principais referências. Isaque casou-se com Rebeca, escolhida por Eliezer, servo de Abraão, através de oração. Jacó enganou o pai por causa da bênção da primogenitura, ocasionando

conflito entre os irmãos. Isaque, por sua vez, viveu como patriarca nômade, cavando poços, vivendo em tendas e prosperando. Conhecido como um homem pacífico, viveu até os seus 180 anos e foi sepultado pelos seus filhos (Gn 35:28-29). Isaque é um dos três patriarcas de Israel, juntamente com Abraão e Jacó. Ele representa o cumprimento da promessa de Deus e é tido como figura de esperança para os fiéis. Por isso, frequentemente é citado como exemplo de fé e obediência!

Isaque viveu aproximadamente no segundo milênio antes de Cristo, durante o período dos patriarcas, época em que as sociedades eram organizadas em clãs e tribos, com forte base pastoral e agrícola. Os povos da região de Canaã, onde Isaque habitou, eram formados por diferentes nações, cada uma com seus deuses e práticas culturais. No entanto, Abraão e sua descendência foram chamados a viver de forma distinta, seguindo a orientação do Deus único e verdadeiro. A narrativa bíblica sobre Isaque se inicia com a promessa de seu nascimento, em Gênesis 17 e 18, quando Deus anuncia a Abraão e Sara que teriam um filho, mesmo em idade avançada. O nascimento de Isaque (Gn 21) é visto como cumprimento direto da promessa divina. Ele é circuncidado ao oitavo dia, conforme o pacto estabelecido entre Deus e Abraão, confirmando sua inclusão no concerto. Um dos episódios mais marcantes de sua vida ocorre em Gênesis 22, conhecido como o 'sacrifício de Isaque'. Deus pede a Abraão que ofereça seu filho em holocausto, testando sua fé. Embora o sacrifício não tenha se concretizado, este momento revela tanto a submissão de Abraão quanto a disposição de Isaque em obedecer, sendo uma tipologia do sacrifício de Cristo. Mais tarde, Isaque se casa com Rebeca (Gn 24), em uma narrativa que demonstra o cuidado providencial de Deus em guiar os passos de Seu povo. Diferentemente de Abraão, que peregrinou extensivamente, Isaque viveu de forma mais estável, permanecendo em Canaã e enfrentando desafios como contendas por poços (Gn 26). Ele é lembrado por reabrir as fontes que haviam sido entulhadas pelos filisteus e por buscar paz, demonstrando caráter pacífico e resiliente. A história de Isaque também é marcada pela paternidade de Esaú e Jacó. Embora tenha favorecido Esaú, foi Jacó quem recebeu a bênção da primogenitura, cumprindo assim o propósito divino. Com isso, a promessa de Deus se estende por meio de Jacó, que se torna o patriarca das doze tribos de Israel.

ISAAQUE COMO HERÓI DA FÉ

No Novo Testamento, Isaque é mencionado em Hebreus 11, o capítulo conhecido como a 'galeria dos heróis da fé'. Ali, ele é lembrado como alguém que, pela fé, abençoou Jacó e Esaú em relação ao futuro (Hb 11:20). Esse destaque mostra que Isaque confiava na fidelidade de Deus, mesmo em meio às dificuldades e limitações pessoais. A fé de Isaque pode ser vista em diferentes aspectos de sua vida. Em primeiro lugar, sua submissão ao episódio do sacrifício revela confiança no Deus de seu pai. Ainda jovem, ele poderia ter resistido, mas aceitou a vontade de Deus, apontando para uma fé madura. Além disso, sua oração ao Senhor em favor de Rebeca, que era estéril (Gn 25:21), demonstra sua dependência de Deus e confiança no poder divino. Sua vida não foi marcada por grandes conquistas

militares ou jornadas longas como a de Abraão e Jacó, mas sim por uma fé perseverante no cotidiano. Ele nos ensina que ser herói da fé não significa realizar feitos extraordinários aos olhos humanos, mas sim viver em obediência constante, confiando no caráter de Deus. Assim, Isaque se torna um exemplo para todo cristão, pois mostra que a fé se expressa tanto em grandes decisões quanto na vida comum.

TIPOLOGIA DE CRISTO

O episódio do quase sacrifício de Isaque (Gn 22) é uma das mais belas tipologias de Cristo no Antigo Testamento. Assim como Isaque carregou a lenha do holocausto, Jesus carregou a cruz até o Gólgota. Isaque, o filho amado de Abraão, foi entregue em obediência; da mesma forma Cristo, o Filho amado de Deus, foi entregue para a salvação do mundo (Jo 3:16). A substituição de Isaque por um cordeiro preso pelos chifres simboliza a obra redentora de Cristo, que se tornou o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29). Esse acontecimento aponta profeticamente para o sacrifício perfeito de Jesus, demonstrando que desde os patriarcas Deus já revelava Seu plano de salvação. Portanto, Isaque não apenas faz parte da genealogia messiânica, mas também prefigura o Messias em sua entrega e obediência, revelando a profundidade do amor divino.

APLICAÇÃO PESSOAL

A vida de Isaque traz ensinamentos práticos para a caminhada cristã. Em primeiro lugar, aprendemos sobre a importância da submissão a Deus. Mesmo diante de circunstâncias difíceis e incompreensíveis, Isaque confiou no Senhor, e isso nos desafia a entregar nossas vidas sem reservas. Outro ponto é a perseverança na fé cotidiana. Nem sempre nossa vida será marcada por grandes acontecimentos, mas Deus se agrada de uma fé constante e fiel nas pequenas coisas. Como Isaque reabriu os poços e buscou a paz em vez da guerra, somos chamados a ser pacificadores e resilientes, mantendo firme nossa esperança em Cristo. Também aprendemos com Isaque a interceder em oração, como fez por Rebeca. Isso mostra que Deus ouve nossas súplicas e responde conforme Seu plano perfeito. O cristão é chamado a depender inteiramente de Deus, confiando que Ele é poderoso para transformar situações que parecem impossíveis de serem resolvidas. Assim, a vida de Isaque nos desafia a viver com fé prática, humilde e perseverante, sempre olhando para o Senhor.

Tudo isso tem um significado muito grande para nós cristãos. Os atos de Isaque, desprovidos de vaidades e soberbas, exaltam um homem tão cheio de exemplos. Isaque poderia ter sido pretencioso, mas escolheu seguir e obedecer a Deus! Isso nos revela uma reflexão: Em nossas vidas, conseguimos seguir a Deus sem valores morais negociáveis? Lembre-se: Valores morais não têm preço. Servir a Deus é uma obrigação e ato de fé cristã.

REFLEXÃO E CONCLUSÃO

A vida de Isaque nos revela que o agir de Deus não se limita a feitos grandiosos, mas também se manifesta na simplicidade da fé e na obediência diária. Ele foi herdeiro da promessa, herói da fé e figura profética de Cristo. Sua história nos inspira a confiar em Deus, mesmo quando não entendemos completamente os Seus caminhos. Assim como Isaque foi preservado no monte Moriá, nós também fomos alcançados pelo sacrifício do verdadeiro Cordeiro, Jesus Cristo. Por isso, que possamos viver com gratidão, submissão e confiança, sendo testemunhas fiéis do Deus que cumpre Suas promessas e conduz Seu povo até a eternidade.

Diante da história de Isaque e do que ela representa para nós, se pergunte: em quais aspectos você se assemelharia a ele? Por sua fé e obediência? Por sua conduta e atitude, sempre de humildade? Por ser uma pessoa pacífica? Como você faria para servir a Deus de maneira a agradá-lo?

TESTEMUNHO

Gostaria de enumerar diversos testemunhos de vida e exemplos do que é procurar ser uma serva de Deus. Primeiramente, não poderia gerar filhos, iniciei um tratamento que com quinze dias engravidei do meu primeiro filho. Na minha segunda gestação, fui informada que tinha um tumor no cérebro e estava grávida de apenas cinco semanas da minha filha Kaelyna. E, na gravidez do meu terceiro filho, o Pastor Anthony, fiquei os nove meses em repouso, por erro médico, através de um remédio prescrito para mim. Mas Deus é fiel! Isaque nasceu de um casal de idosos e os meus filhos nasceram de uma mulher que não poderia tê-los. Porém, esqueceram que Deus é o Médico dos Médicos e o Deus do Impossível!

Esse Deus operou milagre na vida dos pais de Isaque, operou na minha vida e ainda continua operando milagres nos dias de hoje!

Quando você serve ao Deus Vivo e crê verdadeiramente no Ser Supremo que Ele é, você pode ter a vida eterna, que só é oferecida e dada por Deus!

Deus é maravilhoso!

Deus é fiel!

Jacó: A Jornada de um Patriarca

Jorge de Abreu Lima

A história do Patriarca Jacó que teve seu nome mudado por Deus para Israel, é considerada por muitos como uma linda história de como Deus escolhe, trabalha, capacita e usa o homem. Jacó, posteriormente designado como Israel, foi o terceiro patriarca da Bíblia, filho de Isaque e Rebeca, neto de Abraão e Sarah, sua história ocupa vinte e cinco capítulos do livro de Gênesis, Jacó era irmão gêmeo de Esaú e sua vida foi marcada por eventos que moldaram a história das doze tribos de Israel.

Jacó, também conhecido como Israel, foi escolhido por Deus antes de nascer para ser o ancestral do povo de Israel. Jacó significa “aquele que agarra o calcanhar” ou “suplantador”. Isaque casou-se com Rebeca quando tinha quarenta anos de idade (Gen. 24). Rebeca, assim como Sarah, era estéril. As orações de Isaque em favor de sua esposa foram ouvidas e atendidas por Deus e ela ficou grávida de gêmeos, a Bíblia não cita a idade de Rebeca, mas quando os gêmeos nasceram, eles estavam casados a vinte anos (Gen. 25:26). Tudo aponta para uma gravidez muito difícil. Desde o ventre materno, Jacó demonstrou ser lutador, agarrando o calcanhar de Esaú ao nascer. Essa característica marcou o início de uma vida cercada por desafios e lutas.

Deus prometeu a Abraão que através de sua descendência, Isaque, faria dele uma grande nação. A questão era, através de qual filho, Jacó ou Esaú? Agora veja, Genesis 25:23 declara que pela escolha divina, Jacó seria o herdeiro da promessa, mas humanamente falando, tudo apontava para Esaú, por ser o primogênito de nascimento, mas dois eventos interessantes ocorreram para implementar o propósito de Deus nessa história. Essa escolha divina foi revelada a Rebeca durante a gravidez. Volto a lembrar, Isaque vendo que sua mulher Rebeca era estéril, orou a Deus em favor dela, o Senhor respondeu sua oração, e Rebeca, sua mulher, engravidou de gêmeos, diz o texto sagrado que os meninos se empurravam dentro dela, pelo que disse: “Por que está me acontecendo isso?” foi então consultar o Senhor que lhe respondeu dizendo: “Duas nações estão em seu ventre, já desde as suas entranhas dois povos se separarão; um deles será mais forte que o outro, mas o mais velho servirá ao mais novo” (Genesis 25:23). Seus descendentes seriam os edomitas e os israelitas, respectivamente. Jacó e Esaú tinham aspectos e personalidades completamente diferentes. Essa profecia moldou o destino de Jacó e sua família, seus pais e a comunidade percebiam claramente a estranheza dos dois.

A infância de Jacó foi marcada pela rivalidade com seu irmão, Esaú era o filho favorito de Isaque, enquanto Jacó era o favorito de Rebeca, essa rivalidade pode ter contribuído para a personalidade competitiva e determinada de Jacó que se tornou um homem determinado e persistente, bem diferente de seu irmão Esaú. Por causa deste favoritismo dos pais por determinado filho, notamos que a relação de Jacó com seus pais foi complexa. Ele era o favorito de Rebeca, mas também era visto como um rival por Esaú, isso pode ter ensinado Jacó a lidar com conflitos e a encontrar maneiras de se destacar em meio à rivalidade existente entre eles. Jacó cuidava da casa, enquanto Esaú se tornará um hábil caçador e isso era visto com bons olhos pelo Pai Isaque.

A vida de Jacó começou com um sinal de luta e determinação, quando ele agarrou o calcanhar de Esaú ao nascer e continuou a lutar ao longo de sua vida, isso pode ser visto e interpretado como um sinal de que Jacó seria um homem que não desistiria facilmente e que lutaria por seus objetivos. Dentro da convivência com essas rivalidades entre irmãos, em um determinado dia quando Jacó preparava um ensopado, Esaú chegou faminto, retornando do campo, e pediu-lhe: “Dê-me um pouco desse ensopado vermelho aí, estou faminto.” – Respondeu-lhe Jacó “Venda-me primeiro o seu direito de filho mais velho”. – Respondeu Esaú: “Estou quase morrendo. De que me vale esse direito?” – Jacó, porém, insistiu: “Jure primeiro”. Ele fez um juramento, vendendo o seu direito de filho mais velho a Jacó. (Genesis 25:29-34) através deste texto apresentado na Bíblia, podemos entender por que Jacó fica conhecido como “enganador” ou “suplantador” que significa, alguém que age com astúcia, enganando ou tomando o lugar de outro, seja por meio de subterfúgios ou de forma traiçoeira. O que podemos entender nesta passagem é que Jacó valorizava mais os direitos e benefícios proveniente da primogenitura do que Esaú que não se importava muito com isso, chegando a desprezar por um simples prato de lentilhas o direito da primogenitura. Interessante a frase que Jacó usou para com seu irmão: “Venda-me o seu direito de primogenitura”, poucas pessoas param para pesquisar sobre essa frase dita por Jacó: “VENDA-ME”, essa não era uma prática existente entre o povo de Deus antigo, comprar ou vender direito de Primogenitura, mas vamos entender aqui por que Jacó fez isso. Primeiro deixe-me explicar algo sobre o cumprimento da Promessa de Deus na vida de Jacó e Esaú entregue a Rebeca. Dois episódios nos chamam atenção para o cumprimento da profecia.

O primeiro fato é a compra do direito de primogenitura de Esaú (Gen. 25:29-34), quando Esaú retorna do campo sem ter conseguido capturar nenhuma caça, faminto, desejou saciar sua fome e desprezou a primogenitura em troca de um guisado vermelho que Jacó havia preparado. Jacó usa de sagacidade e astúcia e faz com que Esaú venda a primogenitura para ele, precisamos entender que as tábuas de Nuzu descobertas a sudeste de Nínive em 1926 mostra que na cultura mesopotâmica, o direito de primogenitura poderia ser comprado e vendido, assim como ocorreu entre Esaú e Jacó, isso acontecia com povos de outras culturas.

O segundo episódio que nos chama atenção é o roubo da benção da aliança (Gen. 27:1-46) isso aconteceu quando Isaque prevendo sua morte orientou seu filho Esaú a preparar para ele o seu prato favorito, para que ele pudesse transferir

a benção patriarcal contida em sua alma. Estando Isaque prevendo sua morte, chama seu filho Esaú e orienta que ele vá ao campo, traga uma caça e prepare uma comida que ele tem como favorita, Rebeca ouvindo toda a conversa, se antecipou e pediu a Jacó que fosse até o rebanho e escolhesse dois cabritos para que ela preparasse um prato para Isaque no lugar da caça que Esaú tinha sido instruído por seu pai para preparar, ela articula enganar Isaque que já estava fragilizado na saúde, com a visão turva, quase cego, quem sabe proveniente de uma catarata, enquanto Esaú estava no campo em busca de uma caça, sua mãe Rebeca, de maneira sórdida preparou Jacó para enganar Isaque e receber a benção no lugar de Esaú, Jacó, mesmo temendo, concordou com o plano de sua mãe, seguindo todas as orientações ele veste as roupas de Esaú e ela cobre os seus braços, pescoço e as partes lisas com pele de cabrito para enganar Isaque, já que Esaú era peludo e Jacó tinha o corpo liso, além de orientar Jacó a dizer ao pai que era Esaú, entre mentiras teve a audácia de declarar ao pai quando perguntado como conseguiu a caça tão rápido, respondendo: “Porque o Senhor, teu Deus, mandou a caça ao meu encontro”, tudo realizado conforme instruído por sua mãe Rebeca, vestiu-se com as roupas de Saul que tinha o cheiro do campo, e com as peles dos cabritos sobre os seus braços e pescoço para dar a entender para o fragilizado Isaque que era Esaú, seu filho mais velho e preferido.

Através deste ato de engano e mentiras, Jacó recebe a benção que era destinada a Esaú, isso tudo causou um mal-estar tão grande em Esaú a ponto de que ele prometera matar Jacó após os dias de luto do seu Pai Isaque, por causa deste episódio, sua mãe Rebeca providenciou que Jacó fugisse para a casa de seu tio Labão em Padã-Arã com a finalidade de escapar das mãos de seu irmão Esaú. Em Padã-Arã, na casa de seu tio Labão ele colhe grandes enganos, é como se Deus estivesse permitindo a Jacó experimentar uma colheita árdua do que plantou, ele se apaixona por Raquel, por quem trabalha sete longos e árduos anos, no dia do casamento seu tio e sogro Labão oferece uma festa e o embriaga com vinho, ao acordar quem esta deitada ao lado dele é Lia, irmã de Raquel e filha mais velha de seu tio Labão, ele fica bravo, mas resolve aceitar novo acordo para trabalhar por mais sete anos por Raquel.

Ao casar-se com Raquel, a quem ele amou desde o princípio, descobriu que ela permanecia estéril, enquanto Lia deu à luz o primogênito de Jacó, Rúben. Em seguida, nasceram mais onze filhos de Lia, de Raquel e de suas duas servas. Jacó teve doze filhos com suas esposas Lia e Raquel e com suas servas Bila e Zilpa, seus filhos foram: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom, José e Benjamim. Esses filhos se tornariam os ancestrais das doze tribos de Israel. Após o nascimento de José, filho de Raquel e o décimo primeiro de Jacó, ele solicitou a Labão que o deixasse retornar à sua terra natal. Labão sugeriu que Jacó ficasse oferecendo-lhe a possibilidade de escolher seu pagamento. Jacó solicitou apenas as ovelhas e cabras salpicadas e malhadas de todos os rebanhos de Labão para formar seu próprio rebanho. De alguma forma não explicada, Jacó colocou galhos listrados diante dos rebanhos durante o acasalamento, resultando em descendentes salpicados e malhados que ele poderia reivindicar como seus.

Jacó realizou esse processo apenas com os animais fortes, visando fortalecer seus rebanhos enquanto os de Labão permaneciam fracos (Gênesis 30:31-43). Jacó percebeu a mudança na atitude de Labão e dos seus filhos em relação a ele por causa da riqueza construída. Foi nesse momento que Deus instruiu Jacó a retornar à terra de seus pais com a promessa: “E eu estarei contigo” (Gênesis 31: 3). Jacó deixou Harã levando suas esposas, filhos e todos os rebanhos que havia adquirido. Ao saber da partida de Jacó, Labão o perseguiu. No entanto, Deus advertiu a Labão em um sonho: “Cuidado, não fales com Jacó, nem bem nem mal” «Deus, porém, veio a Labão, o arameu, em sonhos, de noite, e disse-lhe: Guarda-te, para que não fales com Jacó nem bem nem mal.», (Gênesis 31:24). Labão questionou Jacó sobre sua partida secreta e mencionou seu poder de prejudicá-lo, se não fosse pela intervenção divina. Ele também acusou Jacó de roubar seus ídolos domésticos. Seguindo a tradição de engano, Raquel, sem o conhecimento de Jacó, escondeu os ídolos de seu pai durante a busca. Labão e Jacó concordaram em se separar, jurando não invadir o território um do outro.

Depois de muito enriquecer, resolve enfrentar uma caminhada longa de volta a terra prometida levando suas esposas, filhos e todo o rebanho que o Senhor te abençoou durante todos esses anos que esteve em Padã-Arã servindo a seu tio Labão, devemos atentar para os tempos difíceis que Jacó viveu ao lado de seu tio e sogro Labão, sempre sendo humilhado com troca de acordos espertos por parte de seu tio Labão, mas Deus sempre o exaltou e o fez prevalecer, por dez vezes Labão modificou seu contrato com Jacó no intuito de levar vantagem, por outro lado Jacó também tramou tirar algumas vantagens, influenciando a genética dos animais colocando galhos descascados nos bebedouros de água, enquanto acontecia o acasalamento dos animais mais robustos e melhores do rebanho, tempos de espertezas e enganos experimentados e vivenciados pelos dois, Labão e Jacó a ponto de ambos ficarem amargurados, principalmente Labão e seus filhos que viam em Jacó atitudes de esperteza, mas o interessante de tudo isso é que Deus o estava abençoando e o homem se enriquecia mais e mais. Temeroso por sua vida e família, só tinha uma coisa a ser feita, retornar para casa de seus pais, ao lermos os textos sagrados vemos nitidamente o plano de Deus se cumprindo na vida de Jacó, é estranho para nós, mas DEUS era com Jacó, assim como estranhamente é conosco, afinal de contas quem somos nós para merecermos tantos favores de Deus? Não é verdade? Quantas e quantas vezes falhamos, erramos de forma sórdida, acrescentamos algumas poucas palavras, quando não deveríamos fazer nada disso, sermos apenas verdadeiros como diz a Bíblia: “Sim, sim. Não, não”. Olhando profundamente para Jacó percebemos que possuímos algumas atitudes peculiares.

Jacó percebendo que era hora de partir, ora ao Senhor e Deus o responde dizendo que era hora de retornar para Canaã (Gênesis 31:3-16). Nessa trajetória de retorno a terra prometida, soube que Esaú estava vindo ao seu encontro e foi tomado de grande medo por causa de sua família, Jacó teve que enfrentar seu irmão, Esaú. Apesar de terem se passado vinte anos desde o último encontro, a ameaça de Esaú de matar Jacó ainda o assombrava, então ele ora a Deus e pede:

«Livra-me, peço-te, da mão de meu irmão, da mão de Esaú, pois temo que venha, me ataque, a mim e às crianças.», (Gênesis 32:11). Jacó enviou mensageiros à frente com presentes, informando a Esaú que estava a caminho. Os mensageiros retornaram com a notícia de que Esaú se aproximava com quatrocentos homens. Temendo por sua vida, Jacó dividiu sua família em dois grupos, na esperança de que pelo menos um deles conseguisse escapar do ataque.

Jacó orou a Deus para salvá-lo, lembrando que Ele o havia direcionado a voltar a terra de Abraão e fazê-lo prosperar bem como a sua numerosa descendência (Gênesis 32:9-12). Jacó selecionou muitos presentes para Esaú, os quais ele enviou adiante e de pouco em pouco com seus servos, esperando pacificar Esaú. Naquela noite, ao chegar no rio Jaboque, fez passar toda sua família e tudo quanto possuía, e ficou sozinho onde se pôs a orar, nisso apareceu um homem que se pôs a lutar com ele até o amanhecer, quando o homem viu que não poderia dominá-lo, tocou na articulação da coxa de Jacó, de forma que lhe deslocou a coxa enquanto lutavam. Então o homem disse: “Deixe-me ir, pois o dia já desponta”. – Mas Jacó lhe respondeu: “Não te deixarei ir, a não ser que me abençoe”. – O homem então perguntou: “Qual é o seu nome?” – respondeu ele: JACÓ. – Disse então o homem: “Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu”. (Gênesis 32:22-30). Ele então entendeu que tinha lutado com Deus e prevaleceu. (Gênesis 32:22-31).

O que aprendemos nessa luta que Jacó travou com o Anjo do Senhor é que ele não tinha condições de vencer o anjo, mas DEUS apenas queria forçá-lo a ser perseverante em seus objetivos e fazer com que Jacó se libertasse da mentira lançada sobre o seu nome, por isso a pergunta do anjo a Jacó: “Qual é o seu nome?” – ele respondeu: JACÓ. Essa experiência de luta de Jacó com o anjo de Deus, é a mesma que enfrentamos no dia a dia diante de lutas ferrenhas, onde Deus está nos treinando a perseverar sem desfalecer.

Quando aprendemos a viver verdadeiramente para Deus, sem esconder quem éramos e quem somos agora após sermos transformados, isso honra, glorifica e exalta a Deus. Que através desta experiência que Jacó vivenciou, possamos cada um de nós vivermos, nos agarrando em Deus e não largando a mão d'ELE de maneira nenhuma, não importa as circunstâncias, as lutas ou dificuldades, não desista... procure prevalecer e permanecer com DEUS, mesmo em meio as lutas e tempestades da vida. Durante a Jornada de volta, Raquel enquanto dava à luz a Benjamim, veio a morrer (Gênesis 35:16-20), passado mais algum tempo Jacó sofre um novo impacto em sua vida, veio a morrer também seu pai Isaque com a idade de 180 anos e Esaú e Jacó o sepultaram na caverna de Macpela, que era o sepulcro da família (Gênesis 35:27-29; Gênesis 49:30-31).

A reunião com Esaú não foi o ataque que Jacó temia: “Então, Esaú correu-lhe ao encontro e o abraçou; arrojou sê-lhe ao pescoço e o beijou; e choraram” (Gênesis 33:4). Esaú ofereceu acompanhar Jacó pelo resto do caminho. Jacó se recusou, citando o tamanho de sua família. Jacó também recusou a oferta de Esaú para deixar alguns de seus homens com o grupo. Parece que Jacó não confiava plenamente em seu irmão Esaú. Em vez de encontrar Esaú em Seir, Jacó levou

sua família por outra rota. Finalmente, compraram um terreno e se estabeleceram em El Elohim Israel, que significa “Poderoso é o Deus de Israel”. Apesar de ter recebido um novo nome, Jacó, o enganador, ainda estava cauteloso com os outros que poderiam tentar enganá-lo.

Aqui vemos que aqueles que conspiram para enganar sempre desconfiam dos motivos dos outros e nunca estão totalmente em paz. É preciso fazer uma reconciliação, exercer o perdão e se perdoarem para que haja uma libertação dos medos por completo, quando verdadeiramente nos movemos em DEUS neste sentido, Deus se move em nos ajudar e nos favorece. O Perdão é libertador, Jacó passou a residir mais uma vez na Palestina. Já seu irmão Esaú foi a Seir, e lá formou uma nação (Gênesis 33:16). Os anos seguintes não foram fáceis para Jacó. Seus filhos Simeão e Levi tiveram sérios conflitos com os filhos de Hamor por conta do problema com Diná (Gênesis 34). Também, a ama de Raquel, Débora, que era importante para a família, morreu. Depois, sua tão amada esposa Raquel morreu no parto de seu filho Benjamin. Seu outro filho Rúben, deitou-se com Bila, sua concubina. Por fim, José, seu filho predileto, foi afastado dele, isso reflete a colheita de uma plantação de erros e enganos realizado no passado.

Percebemos assim como a desonestidade dos pais foi passada para os filhos, devido à maneira enganosa como venceram o inimigo. Jacó ficou zangado com seus filhos e, seguindo a orientação de Deus, levou sua família de volta a Betel, onde Deus reapareceu a Jacó e confirmou Sua bênção. No encontro de Jacó com Deus, ele recebeu a promessa de que reis e muitas nações viriam dele, e que a terra prometida a seus antepassados seria sua herança. Ruben deitou-se com Bila, concubina de seu pai Jacó e ainda teve o conflito entre irmãos com José, o filho amado de Jacó que foi afastado de forma trágica e dolorosa através de uma crueldade levando Jacó a sofrer grandemente por anos pensando que seu filho estava morto, depois veio a descoberta de que José estava vivo, trazendo grande consolo ao seu coração na velhice.

Os anos posteriores da vida de Jacó foram anos de muitas lutas no seio de sua família, tudo que ele levou de conflito a família de seu pai, estava acontecendo com ele em sua família, impressionante como a Bíblia se cumpre ao declarar que tudo quanto plantamos, também haveremos de colher.

Agravando-se a fome na terra, Jacó se muda para o Egito onde vai residir com seu filho José, que agora era o governador do Egito, lá ele viveu os últimos 17 anos de sua vida e abençoou os filhos de José, Efraim e Manassés. Jacó viveu 147 anos, morreu no Egito, mas seus descendentes retornaram à terra prometida, ele foi embalsamado e levado de volta à Canaã para ser sepultado na caverna de Macpela, ao lado de Abraão, Sarah, Isaque, Rebeca e Lia.

A Vida de Jacó é um exemplo de como Deus pode trabalhar através de pessoas imperfeitas para cumprir Seus propósitos. Jacó enfrentou muitos desafios e cometeu muitos erros, mas aprendeu a confiar em Deus e a obedecer à sua vontade. A História de Jacó é uma Jornada de lutas, erros e redenção. Ele passou por muitas provações, mas DEUS esteve com ele em cada passo do caminho. A vida de Jacó nos ensina sobre a importância da fé, obediência e confiança em Deus.

O que podemos aprender através da vida de Jacó? Que quando Deus escolhe alguém, não importa por aquilo que haveremos de passar, passaremos aprovados e os planos e propósitos de Deus não serão frustrados. Jacó apresenta algumas características que devemos estudar com calma, ele era ASTUTO, conhecido por sua inteligência e habilidade nas negociações, essa característica recebeu grande influência através de Labão, pelas inúmeras mudanças de acordos sofrido. Jacó também era muito AMBICIOSO, era determinado e tinha um forte desejo de obter bençãos e prosperidade para si mesmo e sua família, sua ambição não era maléfica, mas determinante e planejada. Outra coisa que nos chama atenção na vida de Jacó era o amor por sua família, ele trabalhou duro, incansável para cuidar e oferecer aos seus filhos o melhor, ele era provedor e protetor. Na caminhada ele teve um encontro com Deus e se permitiu ser transformado e passou a ser cada dia mais dependente de Deus, ele demonstrou compromisso com DEUS buscando viver debaixo de suas orientações nos momentos mais difíceis de sua vida.

Suas lições de vida nos permitiram vivenciar sua PACIENCIA, Jacó trabalhou muitos anos para alcançar seus objetivos, mostrando que a paciência é uma virtude valiosa a ser cultivada e vivida.

Outra grande lição de vida que aprendemos através da vida do Patriarca Jacó são as CONSEQUÊNCIAS DO ENGANO, a história de Jacó nos mostra que o engano pode nos trazer consequências graves e duradouras, devemos aprender com isso, que jamais devemos tramar em nossos corações de enganar uma outra pessoa, que façam conosco, mas que jamais o façamos com alguém, porque a tendência é o mal retornar para nós, somos arvores boas, e nossos frutos devem ser bons. Dentro destas lições uma outra coisa que nos chama atenção é o PODER DA RECONCILIAÇÃO, a reconciliação entre Jacó e Esaú mostra-nos que o perdão e a reconciliação trás paz e felicidade e deve ser buscado a todo custo em orações e atitudes por cada cristão que se diz filho de Deus, buscar a reconciliação, é não permitir que o mal tenha domínio em nosso coração.

As semelhanças nas vidas de Abraão, Isaque e Jacó são notáveis. Em suas narrativas, percebemos a relevância da família e a influência do exemplo. Temas como engano, favoritismo, conflitos familiares, bênção inesperada, reconciliação e fé permeiam as histórias. Acima de tudo, vemos que Deus é fiel às Suas promessas. Ele opta por realizar Seus desígnios por meio de indivíduos pecadores que estejam dispostos a crer n'Ele. Deus pode transformar esses pecadores — renomeando Abrão como Abraão, Jacó como Israel, e fazendo daqueles que creem em Jesus Cristo novas criaturas (2 Coríntios 5:17). Embora nossas tendências pecaminosas ainda possam nos assombrar, em Cristo encontramos perdão pelos nossos pecados, bem como a capacidade de triunfar. Somos chamados a participar da obra de Deus no mundo. Possuímos novas identidades e podemos confiar nas promessas do Deus que demonstra fidelidade repetidamente.

Que possamos aprender com a história do patriarca Jacó, observando algumas semelhanças de erros e acertos com a nossa vida e que possamos nos permitir ser conduzidos pela mão forte do SENHOR para nos transformar até que alcancemos a estatura do varão perfeito, Jesus Cristo.

Que possamos como pais, evitar ao máximo que nossos corações manifestem preferências visíveis ou invisíveis por determinado filho, que possamos amar nossos filhos e nos dedicarmos de forma igualitária para todos, quanto a isso, aconselho que sejamos cuidadosos na escolha de presentes para nossos filhos, lembre-se que a túnica feita por Jacó para presentear José, causou ciúmes em todos os irmãos, pense nisso, e evite ao máximo causar ciúmes em seus filhos com presentes muito diferenciados para todos os seus filhos, se for dar uma oferta em dinheiro, dê de forma igual para cada um e não diferenciada para que o ciúme não ocupe lugar entre os irmãos.

A história de Jacó tem muito a nos ensinar, aqui registrei algumas coisas, mas com certeza sua leitura ou releitura dos textos sagrados vai te trazer muito mais revelações para você, caro leitor, aconselho que faça suas anotações e acréscimos sobre a vida do nosso Patriarca Jacó.

SOBRE O AUTOR

Jorge de Abreu Lima; tem 65 anos; Pastor; Teólogo; PNL (Programação Neurolinguística); Psicanalista; Casado com a Pastora Itamara Campos há 43 anos; tem 3 filhos todos casados e servindo a Deus; 5 netos, sendo 3 netas e 2 netos; Ele e a esposa são Conferencistas Internacionais sobre família; Escritores com 3 livros escritos, “Eu e Ela – A arte de viver a Dois” – “SEXO! A maravilhosa criação de Deus” – “K-entre nós – Transformando seu casamento da água para o vinho”. Já ministraram na Alemanha, Suíça, Portugal, Espanha e diversas capitais do Brasil. Ele foi presidente da UMESE – União dos Ministros Evangélicos de Sergipe por 12 anos; Presidente da ACAESE – Associação de Capelania Evangélica de Sergipe; e 1º Vice-presidente do Instituto Internacional Doulos (servo).

José: Um Herói da Fé que nos Inspira a Viver

Dailton Moura Tofano

A bíblia define “fé como firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem”. (Hebreus 11:11)

“A fé é algo prático e não provém do intelecto, mas sobretudo, origina-se no coração de quem crê e confessa ao Senhor Jesus para a justiça”. (Romanos 10: 9-10) (5)

Pelo evangelho se descobre a justiça de Deus, como está escrito: “Mas o justo viverá da fé”. (Romanos 17: 1-17)

A fé em Deus nos motiva a prosseguir a carreira e crer no futuro de eterna glória com Cristo.

Obtemos a resposta de nossas orações mediante a fé segundo a palavra de Deus, e assim conquistamos patamares mais elevados nas diversas áreas de nossa vida.

Viver pela fé é ter ações compatíveis que exaltam a nossa vida cristã, e nos fazem fiéis seguidores de Cristo.

Viver pela fé é também tomar atitudes diferenciadas e coerentes com aquilo que acreditamos ser correto.

Essas virtudes e qualidades vamos encontrar em José, um grande exemplo de fé para nossos dias hoje.

UM JOSÉ CONFIANTE NA TRAJETÓRIA DE DEUS

Não basta apenas sermos sinceros, bem-intencionados ou preparados intelectualmente, precisamos crer na palavra de Deus. Como José que passou momentos de luta, dificuldade, tribulação, mas creu, teve fé em Deus e sua palavra sem nenhum tipo de dúvida, agiu de conformidade com a vontade de Deus.

Essa fé de José nos inspira e nos direciona a ter uma vida vitoriosa, de intimidade com Deus, de sonhos, de crer nas soluções dos problemas na vida.

Esse é nosso objetivo: que possamos aprender com a história e vida de José a vencer na vida os problemas, vivenciando e despertando essa fé que no passado

José teve para chegar na posição que chegou de vencedor. (Habacuque 2:4) “Mas o justo viverá pela fé” à 2. Timóteo 1:5 (Fé Genuína)

A VIDA DE JOSÉ BASEADO NA BÍBLIA

I. Infância e Favoritismo (Gênesis 37)

- José era o 11º filho de Jacó e o 1º filho de Raquel.
- Jacó amava José mais do que todos os seus outros filhos e lhe deu uma túnica de cores variadas.

- José teve dois sonhos que indicavam que ele seria líder sobre seus irmãos.

Vendido como Escravo (Gênesis 37:12-36)

- Os irmãos de José o odiavam e conspiraram contra ele.
- Eles o venderam como escravo para uma caravana de mercadores ismaelitas.

- José foi levado ao Egito e vendido a Potifar, um oficial do faraó.

Servo de Potifar (Gênesis 39:1-23)

- José se tornou um servo fiel e eficiente de Potifar.
- A esposa de Potifar tentou seduzi-lo, mas José recusou e foi falsamente acusado e preso.

Prisão e Interpretação de Sonhos (Gênesis 40-41)

- José foi preso, mas Deus estava com ele e o abençoou.
- Ele interpretou os sonhos do copeiro e do padeiro na prisão.
- Ele interpretou os sonhos do faraó e foi libertado da prisão.

Ascensão ao Poder (Gênesis 41:37-57)

- José se tornou o governador do Egito, responsável por armazenar alimentos durante os anos de fartura.

- Ele se casou com Asenate, filha de Potífera, e teve dois filhos, Manassés e Efraim.

Encontro com os Irmãos (Gênesis 42-45)

- Os irmãos de José foram ao Egito em busca de alimentos durante uma fome severa.

- José os reconheceu, mas não se revelou imediatamente.

- Ele os testou e, finalmente, se revelou e os perdoou.

Reunião com a Família (Gênesis 46-47)

- José recebeu sua família no Egito e os estabeleceu na terra de Gósen.
- Jacó abençoou os filhos de José, Efraim e Manassés, e os adotou como seus próprios filhos.

Morte de José (Gênesis 50)

- José viveu no Egito por 110 anos e viu a prosperidade de sua família.
- Ele morreu no Egito e seus ossos foram levados pelos israelitas durante o Êxodo e sepultados em Siquém. (1)

JOSÉ HERÓI DA FÉ

A bíblia fala de José no Egito, que tinha um sonho de ser grande. José pela fé consegue ser um gerador de riqueza.

Significado do nome José é “Aquele que acrescenta” ou “Deus multiplica” – Livro Geração de Riqueza (2)

- À Gênesis 41:33 “Procure um homem entendido e sábio”. José deu seu currículo ao rei, sugerindo uma solução:
- À José por meio da sua fé alcançou êxito por meio de suas atitudes.
- Crescia à medida que os problemas cresciam.

1) No poço, José pela fé descobriu seu valor pessoal;

2) Lidou com a rejeição e a exposição de Dotã no Egito;

3) Caminhou cerca de 800 km em torno de 16 dias, muito provavelmente nú, já que sua capa foi tirada.

Após essa trajetória, aprendeu a administrar abundância na casa de Potifar.

- Na prisão aprendeu a administrar escassez, forjando seu caráter nas adversidades.

- José pela fé, gerou riqueza em tempo de crise, (Gn 47: 18-19) “A fé nos possibilita isso”

Vivemos tempos difíceis, mas se colocarmos nossa fé em ação, iremos vencer essas crises, pela fé Deus vai dar a você sabedoria para saber administrar tudo isso como José fez, abençoar e multiplicar os recursos na obra de Deus e na sua própria vida.

JOSÉ UM HERÓI VENCEDOR

- à “José pela fé venceu a cova” Gn 37:24 “Livro Quatro Estágios da Vida de José” (3)

- à Pág: 22.26 Pastor Silas Malafaia – 1º Estágio de José na cova

Mas a fé remove montanhas.

A fé de José fez vencer e alcançar o livramento do Senhor.

A FÉ DE JOSÉ NOS MOSTRA:

- 1) José cresce apesar da luta que passa a fé nos faz crescer.
- 2) José aprende a honrar Faraó. V.40 A fé nos ensina a sermos temente a Deus e as autoridades.
- 3) José tem senso de organização. V.34 A fé nos traz confissão.
- 4) José tem a fé para arrumar as coisas. (Ver propósito nas coisas)
- 5) José tem uma fé disciplinada. Senso de autodisciplina - A fé nos ensina a ter controle. Ordem.

Pela fé José deu show eficiente, pois fez bem sua tarefa.

Foi eficaz, pois colheu resultado de tudo aquilo que havia planejado e foi efetivo, pois suas ações impactaram e mudaram a realidade. Você pode assim também sabia?

- Deus nestes dias atuais tem nos chamado também para aplicarmos essa fé e evidenciarmos essas qualidades que José herói da fé, demonstrou na administração do Egito. Pela fé, se tornou um gerador de riqueza. Creio que Deus pode levantar pessoas também pela fé com esse propósito.

JOSÉ UM SONHADOR COM FÉ - VERDADEIRO HERÓI DA FÉ

Escrever sobre José é muito inspirador, como conseguimos ver o cuidado de Deus, preparando e cuidando de José para que os propósitos do Senhor aconteçam na vida de José. Realização, (Fidelidade à Deus e o sucesso que José alcança são elementos e qualidades que mexem com nosso coração, como podemos aprender com atitudes de José e aplicam em nossa vida hoje com tantas injustiças, problemas sociais e uma opressão espiritual).

A história de José é um exemplo de fé, perseverança e perdão, mostrando como Deus pode transformar situações difíceis em oportunidades de crescimento e de benção.

1) Quem era José?

José era filho favorito de Jacó, que tinha 12 irmãos e foi vendido como escravo por eles devido a inveja e ciúme.

José era filho de Raquel e Jacó, e seu pai o amava profundamente, presenteando-o com uma túnica especial.

Isso gerou inveja e ressentimento em seus irmãos.

José teve dois sinais que indicavam que ele seria superior a seus irmãos, o que aumentou ainda mais inveja deles.

Irmãos de José o venderam para uma caravana de israelitas.

2) A perseverança de José

A perseverança de José, a importância da confiança em Deus e poder do perdão.

Apesar das dificuldades, todos os obstáculos, nunca perdeu sua fé e cuja vida exemplifica a verdade de Deus pode transformar as circunstâncias mais sombrias em luz resplandecente. José demonstra uma jornada de fé emocionante, cheia de lições valiosas que se aplicam nos dias de hoje.

Como me identifico com José e seus problemas, nascido em um lugar pobre, de família pobre, como a fé em Deus transformou minha vida e tudo que hoje tenho Deus me deu, em função dessa fé, Jesus como meu salvador pessoal.

É uma fé salvadora que vai crescendo cada dia na confiança em Deus para alcançar meus objetivos e sonhos como José que confiou, teve fé que Deus estava conduzindo sua vida.

- à José evidenciou uma virtude importante **Perseverança**.

Perseverança o que é?

José não desistiu diante dos problemas sua perseverança expressou sua fé.

A perseverança é muito importante para lutarmos para alcançar nossos sonhos e objetivos. Conquistas não caem do céu como a chuva, precisamos focar em nossos objetivos e sonhos, mas precisamos estar conscientes das lutas e dias difíceis, como aconteceu com José.

Em minha vida nunca me esqueço o dia que o apartamento aonde eu morava desabou. 6 andares desabaram da cobertura até o térreo, minha sala foi destruída, mas saímos dali vivos, a partir dali, como tivemos que perseverar para voltar a ter tudo e também o teto de volta a casa.

- José foi vendido;

José foi anunciado como alguém que morreu;

1) Nesta vida nossos sonhos são roubados

2) Muitos matam nossos sonhos e muitas das vezes morremos com eles.

3) Quem sabe você está num buraco. Não vê saída, esperança, expectativa.

Esperança de dias melhores. – Mas o segredo é perseverar, ter essa fé que José teve de continuar firme.

3) A vida de José

Aqui contamos um pouco da vida de José.

1) José, o filho favorito (Gn 37:1-35) Amor por seu pai (Gn 37:3)

2) Detestado por seus irmãos (Gn 37:1-35)

3) Razões quanto a ser odiado 37:1-11

A) A devoção de que ele é alvo (Gn 37:1-4) “Israel fez uma túnica de várias cores”

B) Seus sonhos (Gn 37:5-11) Irmãos se curvando a ele.

C) Resultado do ódio dos irmãos de José (Gn 37:12-35)

D) Viagem. Jacó envia José para checar como estão os irmãos

E) A deslealdade Gn 37:18-27. Irmãos com ódio de José planejam matá-lo, mas Rubens os convence a jogá-lo vivo numa cisterna.

F) A transação (Gn 37:28-30). Irmãos decidem vender José para um grupo de comerciantes por 20 peças de prata.

G) Fraude Gn 37:31-35. Os irmãos enganam à Jacó, fazendo-o crer que José foi devorado por um animal selvagem.

Aqui percebemos como José sofreu no controle de seus irmãos, mas a perseverança de José em não desistir foi surpreendente diante das atitudes dos seus irmãos.

4) José e você e seus sonhos

A persistência, constância e intimidade, são qualidades na vida de José do Egito.

Fé gera persistência, constância, perseverança e intimidade com Deus. José nos dá esse exemplo de vida.

Assim nossas ideias, sonhos e projetos serão alcançados pela fé.

- José herói da fé, mas Deus também deseja que sejamos, eu e você um herói da fé. Persistimos nunca desistindo, mas vencendo pela fé as lutas, a injustiça e o ódio, situações da vida que trazem dor e sofrimento.

5) José e sua fidelidade ao Deus fiel revela a grandeza de sua fé

José homem de fé temente a Deus. José nos dá o exemplo de um servo fiel. (Gn 37:36; 39:1-20)

Essa fidelidade é demonstrada por sua atitude. Se torna um ótimo e fiel empregado na casa de Potifar, capitão da guarda de Faraó.

Quando somos fiéis a Deus e sua palavra, seremos bons naquilo que estamos fazendo, e Deus sempre fala isso vai nos colocar numa boa posição. Somos tentados a perder a posição, seja por pressão ou tentação ou até provas, mas precisamos manter o controle. José teve o autocontrole pela fé e não caiu na armadilha da esposa de Potifar, que tenta seduzir José. Mas José foge dessas coisas. José mostra que se queremos sonhar e alcançar nossos objetivos, precisamos nos manter firmes e fugir das coisas que vem para tirarmos do alvo ou objetivo.

- Quantos se perdem no caminho por se deixar levar pelas coisas deste mundo, que nada tem a ver com o interesse de Deus e os valores do Reino dos Céus. José foi firme em sua fidelidade a Deus.

Ele foi acusa do falsamente por tentativa de estupro e jogado na prisão.

- à (Mt 5:11) fala da bem-aventurança. Que seremos bem aventureiros quando passamos por situações parecidas com essa que José passou.

JOSÉ O ESCRAVO ESQUECIDO, GN 39:21-40.23

Quanto de nós as vezes estamos vivendo situações que parece que Deus esqueceu de nós. Problemas e situações sem solução, prisão, verdadeiros descrentes, mas Deus não está parado. Ele pode estar em silêncio mas sempre estará agindo. Para tudo Deus tem um propósito. Deus tinha um propósito na vida de José, e Deus começa a agir. No tempo certo Deus age, com seu poder nossos sonhos serão concretizados.

- Mesmo nestas circunstâncias difíceis Deus age na vida de José. Usando José Deus tem um propósito. É necessário passar pelo processo. José vence essa etapa. José é esquecido pelo Copeiro Mor (Gn 40:20-33). Mas Deus não se esquece de José.

- Faraó tem sonhos, mas ninguém foi capaz de interpretar.

Deus tem pessoas certas para nos abençoar e o copeiro foi usado por Deus, copeiro lembra de José, José é usado por Deus para revelar seu sonho misterioso.

- à José é promovido Gn 41:37-57
- à É colocado como encarregado de todo governo do Egito.

A persistência, constância e intimidade são qualidades na vida de José do Egito.

Fé gera persistência, constância e intimidade com Deus, José nos dá exemplo de vida de fé, assim nossos ideais, sonhos e projetos serão alcançados pela fé.

6) José um herói da fé cheio de perdão “tudo está errado até que Deus endireite as coisas”

A. W. TOZER

1 - “O perdão não é um ato ocasional e sim um ato constante” (4)

Martin Luther King Jr

1 – Livro Perdão Total (4)

- à José perdoou seus irmãos

José foi traído pelos seus próprios irmãos, foi vendido como escravo, foi caluniado por uma mulher mentirosa e além de tudo isso foi esquecido dentro de uma prisão.

Mas mesmo assim José não deixou a dor corromper seu coração, sabe porquê?

Enquanto outros iam presos, Deus o leva a governador, enquanto outros o humilhavam, Deus estava levando-o à honra. Enquanto a prisão escondia José, Deus o amadurecia. Talvez você esteja passando por uma fase de humilhação, abandono e injustiça, mas a fé de José faz Deus tirar ele do poço e colocá-lo no palácio. O mesmo Deus através da sua fé, pode transformar sua dor em testemunho. Com essa fé que José teve você não vai morrer no poço, mas será um vencedor. O

palácio te espera, e o que é teu é teu e de mais ninguém.

Que possamos imitar essa fé de José e continuarmos confiando no Senhor Deus para alcançarmos nossos objetivos e sonhos.

José teve uma mentalidade vencedora.

“Lidere sua vida de um modo excelente e seja uma inspiração para outras pessoas por onde você passar” (4)

Pág.17 - Livro Mentalidade Vencedora (Fábio Oliveira) (6)

Acredite nos seus sonhos - Pág.22 Livro Mentalidade Vencedora (6)

“Toda realização começa com um sonho” (6)

PERCEBEMOS ALGUMAS LIÇÕES NA VIDA DE JOSÉ

Fidelidade a Deus: José permaneceu fiel a Deus em todas as circunstâncias, mesmo quando enfrentou adversidades.

Perdão: José perdoou seus irmãos e os recebeu de volta, mostrando o poder do perdão e da reconciliação.

Providência Divina: A vida de José demonstra que Deus tem um plano para cada um de nós e trabalha todas as coisas para o nosso bem.

A vida de José é um exemplo de fé, perseverança e perdão, e mostra como Deus pode usar as circunstâncias difíceis para realizar Seu plano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

A Bíblia em Esboço, Willmington, Hagnos.2002. (1)

Geração de Riquezas, Marins, Eliel, edição, Eber Marins. 2018. (2)

Quatros Estágios da vida de Jose Malafaia, Silas. Editora Central Gospel (3)

Perdão Total, Zágari, Maurício, Mundo Cristão (4)

Palavra de Vitória Devocional, Malafaia, Silas. Central Gospel (5)

Mentalidade Vencedora. Mello,Gilson. Ag. Publicações, 2015. (6)

Bíblia Sagrada

Raabe: A Fé em Deus Fez a Diferença na Família

Ruth Queiroz de Medeiros

A Bíblia Sagrada, no livro de Hebreus 11:1, define fé como: “[...] o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem.” Com base nessa definição, compartilha-se uma meditação sobre a Palavra de Deus, referindo-se à personagem bíblica Raabe, cuja fé foi determinante para a preservação de sua família.

A reflexão sobre narrativas bíblicas contribui para o enriquecimento da caminhada cristã, pois a meditação, orientada pelo Espírito Santo, permite extrair lições novas e distintas a cada contato com esse texto singular.

É possível experimentar a presença de Deus mesmo no século XXI, conforme afirma sua palavra: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28:20). Cabe a cada um buscar conscientemente e desejar profundamente essa presença transformadora e renovadora.

Diante do exposto, sugere-se adotar o Salmo 119:18 como oração: “Abre os meus olhos, para que eu veja as maravilhas da tua lei”. Dessa maneira, o Espírito Santo iluminará o entendimento, e haverá alegria ao ouvir Deus falar por meio de histórias como a de Raabe.

PERFIL DA PERSONAGEM BÍBLICA RAABE

Raabe era uma mulher cananeia que habitava a cidade de Jericó. Jericó localizava-se na região de Canaã, uma área fértil e próspera, habitada por povos idólatras, com cidades muradas e população dedicada à agricultura e ao comércio.

A figura de Raabe surge na narrativa bíblica do Antigo Testamento, no Livro de Josué, capítulo 2. Sua história continua no capítulo 6 do mesmo livro, e seu nome reaparece no Novo Testamento, no Evangelho de Mateus (1:5), além de ser mencionada nos livros de Hebreus (11:31) e Tiago (2:25).

O texto bíblico não menciona que ela teve filhos, mas descreve sua família

como composta por pai, mãe, irmãos e irmãs (Js 2:1 e 6:23). Em Josué 2:1, Raabe é descrita como uma prostituta. Em Mateus 1:5, seu nome integra a genealogia de Jesus. Entre comentaristas bíblicos, há diferentes interpretações: alguns sugerem que Raabe poderia ser proprietária de uma hospedaria para estrangeiros, enquanto outros consideram que a Raabe mencionada na genealogia de Jesus não seria a mesma personagem descrita em Josué. Até o momento, não há consenso sobre essas questões.

Independentemente das divergências, Raabe é apresentada no contexto bíblico como exemplo de fé (Hb 11:31). Conforme os relatos de Josué, capítulos 2 e 6, ela e sua família foram poupados da destruição da cidade de Jericó devido à sua fé.

A cidade era governada por um rei, cujo nome não é registrado nas Escrituras. Conforme o arqueólogo Rodrigo Silva (2023),

(...) a cidade de Jericó era uma importante cidade da região da Palestina, no Oriente Médio. Ela era considerada uma cidade estratégica por causa da sua localização, próxima do Rio Jordão e do Mar Morto, e era um importante centro comercial e religioso".

O Antigo Testamento relata que a cidade de Jericó era delimitada por uma muralha. Muralhas são construções muito sólidas que objetiva dificultar as possíveis invasões, uma prática comum na época. Dessa forma, invadir Jericó representaria uma tarefa extremamente ousada e praticamente inviável, devido às suas imponentes fortificações.

Na narrativa bíblica, os israelitas estavam acampados a certa distância da cidade de Jericó, com o objetivo de invadi-la e tomar posse da terra. É nesse contexto de cidade próspera e bem planejada, porém prestes a ser invadida pelos israelitas, que vivia a prostituta Raabe. Foi a partir desse momento da sua vida que ela saiu do anonimato para entrar na história bíblica de maneira extraordinária. Ou seja, como uma mulher de fé, tornando a reflexão sobre a Palavra de Deus viva, atual e pessoal.

Durante a meditação dessa narrativa, o Espírito Santo nos conduz a perceber a ação de Deus na realização de Seus planos, afirmando que tudo o que acontece na Terra, seja no passado ou no presente, é para Sua honra e glória. Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13:8). Ele transformou e continuará transformando circunstâncias e vidas.

VIDAS SÃO TRANSFORMADAS PELO ENCONTRO COM DEUS

A análise do capítulo 2 do livro de Josué permite identificar atitudes de Raabe que oferecem lições relevantes para a vida cristã. Dentre os aspectos observados, destacam-se três elementos: a onipotência divina, a prática da intercessão e o exercício da fé.

O presente texto abordará primeiramente a experiência de Raabe com Deus e, em seguida, relatará a minha experiência pessoal com o divino. Essas reflexões evidenciam que o encontro com Deus produz transformações significativas.

A EXPERIÊNCIA DE RAABE COM DEUS

Primeira lição: Reconhecimento da onipotência de Deus (Js 2:8-11)

Josué foi escolhido por Deus para assumir a liderança do povo israelita, com a responsabilidade de conquistar a terra de Canaã. Deus forneceu instruções detalhadas sobre como conduzir essa conquista. O primeiro passo essencial para Josué foi obedecer a Deus, começando por cultivar um relacionamento próximo com Ele (Js 1). A partir desse princípio, bastava seguir as demais orientações divinas para que os israelitas alcançassem a vitória na conquista de Jericó e de toda a terra de Canaã.

Ciente de sua responsabilidade, Josué seguiu as instruções divinas e enviou dois espias à cidade de Jericó para observar as condições da terra que seria ocupada (Js 2). Os espias conseguiram adentrar Jericó e se dirigiram à casa da prostituta Raabe. O texto bíblico não detalha os motivos dessa escolha. Nesta reflexão, o enfoque não recairá sobre esse aspecto específico, pois um fato mais relevante merece atenção: o diálogo entre Raabe e os espias israelitas.

O rei de Jericó foi informado sobre a presença dos dois israelitas na casa de Raabe e enviou seus emissários com a ordem para que ela os entregasse. De acordo com o relato bíblico, Raabe mentiu aos mensageiros do rei, afirmando que os israelitas já haviam deixado sua casa e sugeriu que os procurassem com urgência fora dos muros de Jericó, onde poderiam ser encontrados.

Na realidade, os espias não haviam saído da cidade, pois Raabe os havia escondido no terraço de sua casa. Ao mentir aos enviados do rei, ela arriscava sua própria vida. Orientá-los a buscar os espias fora da cidade ganhava tempo para proteger os espias. Essa estratégia foi intencional e tinha um objetivo específico.

O diálogo de Raabe com os espias oferece lições valiosas (Js 2:8-11). Após a partida dos guardas, Raabe dirigiu-se rapidamente ao esconderijo para falar com os espias. Suas quatro declarações são particularmente significativas:

1. “Sei que o Senhor deu esta terra a vocês”;
2. “O Senhor secou as águas do Mar Vermelho”;
3. “Vocês destruíram dois reis com seus reinados, Siom e Ogue”;
4. “O Senhor, seu Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra”.

As quatro afirmações evidenciam o reconhecimento de Raabe acerca do poder e da soberania de Deus. Ela deixou claro que compreendia as vitórias dos israelitas, desde a saída do Egito até aquele momento, como resultado do favor

divino, e não de estratégias humanas. O crédito pelas conquistas foi atribuído exclusivamente a Deus, sendo os israelitas os beneficiários dessa intervenção.

As colocações de Raabe são notáveis, considerando que, como habitante de Canaã, ela estava inserida em um ambiente espiritual desfavorável. As práticas religiosas locais contradiziam as ordenanças do Deus dos israelitas. Conforme a Wgospel,

Os habitantes daquela região eram extremamente depravados e idólatras. Sacrificavam seus filhos ao deus Moloque com requintes de crueldade. As crianças eram fritadas no ídolo de ferro incandescente. Uma das razões pelas quais a cidade foi destruída.

Embora vivesse em um ambiente hostil, Raabe demonstrou reconhecer a grandeza do Deus soberano. O contexto idólatra não parece ter afetado sua consciência, o que remete às revelações divinas registradas no Salmo 19 e em Romanos, capítulo 1. Esses textos indicam que os seres humanos não têm justificativa para ignorar a existência de um Deus poderoso que governa o mundo.

É plausível que, no caso de Raabe, essa consciência tenha sido cultivada pela fé, fortalecida pelas notícias que chegavam a Jericó sobre os feitos de Deus entre os israelitas. Esses relatos eram vistos como testemunhos milagrosos, atribuídos a um ser de grande poder.

Outro aspecto relevante das atitudes de Raabe, demonstrado em seu diálogo com os espias, refere-se à informação sobre o estado emocional dos habitantes de Jericó. Ela afirmou: “O pavor de vós caiu sobre nós, e todos os moradores da terra estão desfalecidos diante de vós” (Js 2:9), e complementou: “O que ouvindo, desfaleceu o nosso coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença” (Js 2:11). Nessas declarações, fica evidente o pânico e a crise emocional que se estabeleceram na cidade. A simples presença dos israelitas acampados além do Rio Jordão foi suficiente para que os moradores se sentissem ameaçados. Essa reação tinha fundamento, pois a ameaça era real: os israelitas de fato pretendiam conquistar a terra de Canaã, e Jericó seria uma de suas primeiras conquistas.

O aspecto incomum na história de Raabe é que ela ainda não tinha um relacionamento com Deus, mas mantinha a mente sensível e aberta aos relatos sobre as ações divinas em favor do povo de Deus. O reconhecimento de Raabe acerca da onipotência de Deus na vida dos israelitas nos leva a aprender com essa mulher cananéia a segunda lição, que se desenvolve em seu diálogo com os espias israelitas.

Segunda lição: A intercessão de Raabe para salvar vidas (Js 2:12-16)

A fé de Raabe em Deus e em seu poder absoluto motivou-a a buscar o auxílio divino durante a crise mais grave de sua existência: a necessidade de salvar sua

própria vida e a de seus familiares. Raabe não permitiu que sua condição social — a de uma prostituta — a impedisse de agir.

A partir das atitudes da mulher cananeia, infere-se que ela não hesitou em desobedecer às ordens de um rei que não honrava o Deus verdadeiro, mantendo-se firme em seu propósito. Sua determinação visava assegurar a sobrevivência de sua família, uma vez que a morte era uma ameaça iminente para todos em Jericó, diante da aproximação dos israelitas.

Ao dirigir-se aos espias, Raabe declarou, como narrado em Josué 2:12 e 13:

“Agora, pois, jurai-me, vos peço, pelo Senhor, que, como usei de misericórdia convosco, vós também usareis de misericórdia para com a casa de meu pai, e dai-me um sinal seguro, De que conservareis com a vida a meu pai e a minha mãe, como também a meus irmãos e a minhas irmãs, com tudo o que têm e de que livrareis as nossas vidas da morte.”

O diálogo de Raabe com os espias consiste em um pedido de retribuição pela misericórdia que lhes demonstrou. Seu apelo à bondade deles exigia uma garantia concreta, indo além da simples palavra do juramento: ela solicitou um sinal seguro como confirmação.

Inicialmente, pode causar estranheza o fato de Raabe não se contentar apenas com o juramento, insistindo em uma comprovação adicional. Embora não seja possível determinar com exatidão o motivo da exigência de um sinal, é plausível supor que ele representava uma confirmação de que a promessa seria cumprida, gerando dessa forma uma tranquilidade em Raabe. A convicção que ela tinha na bondade de Deus para com os israelitas levou-a a desejar também essa mesma proteção.

Ao comparar a atitude de Raabe com situações de nossas vidas, percebemos que, por vezes, agimos de maneira semelhante em relação a Deus. Em momentos de grande angústia e sofrimento, desejamos respostas imediatas. Ansiamos por alguma garantia de que seremos atendidos, desejando um sinal visível que nos permita seguir em nossa caminhada cristã. Assim, o pedido de Raabe por um sinal aos espias mostra-se compreensível e razoável.

A solução para a salvação da família está somente em Deus. A intercessão é uma ferramenta poderosa para superar as dificuldades diárias. Ao orar, afirmamos nossa crença no poder divino para transformar vidas, situações e vivenciar os milagres de Deus.

Terceira lição: A obediência como exercício da fé em Deus (Js 2:17-21)

Na continuação do diálogo entre Raabe e os espias, estes atenderam ao seu pedido por um sinal de que sua vida e a de sua família seriam poupadas na invasão de Jericó. Como símbolo do acordo, ordenaram que ela amarrasse um cordão vermelho na janela de sua casa, por onde eles desceram.

Ao analisar essa orientação, é possível questionar sua adequação, pois ela parece desproporcional para um contexto de tamanha gravidade. Considerando que os israelitas estavam prestes a invadir Jericó, seria razoável que um simples cordão vermelho garantisse a proteção de uma residência? Não seria mais prudente retirar Raabe e seus familiares de forma discreta antes do ataque?

Deus sabe como agir em cada situação. Sua maneira de conduzir os acontecimentos é superior às nossas escolhas. Raabe, por exemplo, não questionou as instruções dos espias. Ela obedeceu prontamente e amarrou o cordão vermelho na janela de sua casa, conforme descrito em Josué 2:21.

Ao seguir as orientações dos espias, Raabe demonstrou sua fé no Deus dos israelitas. Essa confiança estabeleceu uma diferença significativa entre ela e os demais habitantes de Jericó. Sua obediência constituiu a expressão prática de sua fé. Na sequência da narrativa bíblica, registra-se a invasão da cidade. Em Josué 6:17, 22 e 23, observa-se o cumprimento da promessa: sua vida e a de toda a sua família foram preservadas durante a destruição de Jericó.

A atitude de Raabe apresenta uma lição relevante para os dias atuais. Ela encontrou em Deus uma esperança de salvação e, motivada pela fé, estendeu sua intercessão à família. Muitas famílias atualmente necessitam de intercessores, pessoas dispostas a suplicar a Deus por libertação e salvação.

Fé e obediência caminham juntas para que os milagres aconteçam. É nesse contexto que, partindo da personagem bíblica Raabe, chegamos aos dias atuais e apresentamos a seguir a história de outra mulher de fé, que igualmente obedeceu a Deus e intercedeu por sua família até os 104 anos de idade.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NA FAMÍLIA

Esta seção descreve minhas experiências pessoais com Deus em três fases da vida: infância no contexto familiar, adolescência, juventude, vida adulta e campo missionário.

Primeira experiência marcante: aprendendo sobre Deus na infância

A educação ocorreu em um lar cristão com nove irmãos. Maria Rosa Queiroz, minha mãe, tornou-se cristã aos treze anos no interior do Ceará e desenvolveu convicções firmes baseadas na Palavra de Deus. Até seu falecimento aos cento e quatro anos em janeiro de 2023, manteve-se lúcida e testemunhou sua fé, amor e fidelidade a Deus, além de orientar filhos e netos sobre a importância da prática da Palavra de Deus.

Na infância, os cultos domésticos e os ensinamentos reiterados em diversas situações familiares transmitiam valores como compaixão, gratidão, fidelidade, honestidade, humildade, perdão, amor ao próximo e fé, todos fundamentados na Bíblia. Mamãe não apenas ensinava esses princípios, mas também os exemplificava em seu comportamento.

Minha irmã mais velha, Noemi Queiroz de Medeiros (in memoriam), aos 22 anos lecionava no Departamento Infantil da Escola Bíblica Dominical da Igreja Presbiteriana do Alecrim, em Natal/RN. Para facilitar a memorização do Salmo 1 pelas crianças, ela criou um álbum seriado. Por meio desse método, aos seis anos de idade, com minha irmã sendo a professora, memorizei todo o Salmo 1.

Durante toda a infância e adolescência, tive a oportunidade de frequentar regularmente a igreja, participando da Escola Dominical, cultos e outros eventos, sempre acompanhada pelos irmãos, já que a igreja se situava em outro bairro distante da residência familiar.

Segunda experiência marcante: na adolescência, ingressei na família de Deus

Em 1976, próximo à minha residência, ocorriam encontros de adolescentes e jovens todas as sextas-feiras à noite na casa do irmão Flávio Ataliba, membro da Igreja Presbiteriana de Natal. O grupo reunia cristãos e não cristãos ao redor de uma piscina para momentos de canto, oração, testemunhos e compartilhamento da Palavra de Deus.

Em uma dessas sextas-feiras, fui convidada de forma inesperada para compartilhar publicamente meu testemunho sobre o encontro com Jesus. Por não desejar mentir, recusei gentilmente o convite, explicando ao dirigente da reunião que preferia relatar minha experiência em outra ocasião.

Ao retornar para casa naquela noite, refleti bastante e percebi que, embora frequentasse a igreja, ainda não havia tomado uma decisão pessoal por Cristo. Foi quando o Espírito Santo começou a atuar em meu coração. Pela graça de Deus, fui convencida do pecado, do juízo e da justiça, conforme descrito no evangelho de João 16:8-11. Já de madrugada, ajoelhei-me e fiz uma oração de arrependimento, confessei meus pecados, pedi perdão e aceitei Jesus como meu salvador. Aos 16 anos, nasci de novo e ingressei na família de Deus.

Após minha conversão a Jesus Cristo, uma alegria profunda e completa tomou conta de mim. Minha perspectiva se ampliou e compreendi que o encontro com Ele promove grandes mudanças pessoais. Percebi que a transformação no ser humano é obra do Espírito Santo. Para consolidar essa experiência, tornou-se necessária uma entrega diária e integral de todos os aspectos da vida, incluindo mente, corpo e espírito. Isso implicou um compromisso com Deus, testemunhando sua graça e amor não apenas nos cultos, mas em todas as ações cotidianas.

Convertida e com grande desejo de servir a Deus, eu agora ansiava compartilhar meu encontro com Cristo. Nos intervalos das aulas, na Escola Estadual Presidente Kennedy, em Natal/RN, onde cursava o Técnico em Magistério, passei a fazer reuniões de oração e estudo da Bíblia com outras cristãs.

O propósito de servir a Deus permanecia firme em meu coração, o que me levou a tornar-me auxiliar de professora no Departamento Infantil da Igreja Presbiteriana do Alecrim. O desejo de aprender mais sobre Deus e atuar como

educadora cristã tornou-se intenso. Contudo, tinha a convicção de que precisava ser preparada para servir adequadamente na Seara do Senhor. Foi nesse período que recebi o chamado de Deus para a obra missionária.

Em 1978, concluí o Ensino Médio. No ano seguinte, 1979, minha segunda irmã mais velha, Miriam Queiroz de Medeiros (In memoriam), possibilitou a realização do meu sonho ao me enviar para estudar no Instituto Bíblico do Norte, em Garanhuns, Pernambuco. Ela teve um papel fundamental na concretização desse objetivo. Apesar de seu trabalho autônomo na época ser instável, demonstrou confiança em Deus e assumiu a responsabilidade pelas mensalidades, que foram pagas pontualmente à instituição, permitindo a continuidade dos meus estudos.

Terceira experiência marcante: juventude, vida adulta e o campo missionário

O Instituto Bíblico do Norte, situado em Garanhuns/PE, é uma instituição ligada à Igreja Presbiteriana do Brasil. Desde 1945, prepara obreiros para atuação em campos missionários. Em 1979, a instituição oferecia dois cursos: Música, com duração de dois anos, e Educação Cristã. Este último possuía duas modalidades: três anos para estudantes que ainda cursavam o Ensino Médio, ou um ano intensivo para aqueles que já haviam concluído essa etapa. Em ambas as modalidades, a grade curricular era a mesma.

Tendo concluído o Ensino Médio, participei do programa intensivo de Educação Cristã. O currículo incluía disciplinas como Teologia Sistemática e Teologia Bíblica – com ênfase em tópicos do Antigo e do Novo Testamento –, além de matérias didáticas, educação cristã e preparação ministerial. Os estágios eram realizados aos fins de semana em Igrejas Presbiterianas de Garanhuns ou em cidades próximas.

A experiência de estudar no Instituto Bíblico foi um período relevante para meu desenvolvimento pessoal e ministerial. Após retornar de Garanhuns para Natal, passei a atuar na minha igreja de origem, a Igreja Presbiteriana do Alecrim.

Nessa igreja, atuei como professora para crianças, adolescentes, jovens e senhoras na Escola Bíblica Dominical, congregações, retiros espirituais e Escolas Bíblicas de Férias. Também coordenei o Departamento Infantil e a União de Crianças Presbiterianas, além de exercer outras funções na igreja e na União de Mocidade Presbiteriana, tanto em nível local quanto regional.

Participei de atividades evangelísticas com grupos de jovens em iniciativas interdenominacionais, tais como: igreja da madrugada, ações noturnas nas ruas de Natal e eventos culturais, como carnaval e festas juninas. Atuei como coordenadora, professora e palestrante em cursos de formação de educadores cristãos no Rio Grande do Norte e em outros estados. Exerci a função de missionária responsável na Congregação Presbiteriana de Petrópolis, em Natal/RN, e na Congregação Presbiteriana de Jardim Aeroporto, em Parnamirim/RN.

Entre 2006 e 2009, fiz parte da membresia da Igreja Assembleia de Deus Ministério da Plenitude, em Natal/RN. Esse período também foi relevante para

minha trajetória pessoal e ministerial. Naquela comunidade, as oportunidades de serviço foram igualmente variadas e intensas, o que me permitiu continuar atuando como professora, coordenadora, palestrante e ministrante da Palavra em cultos evangelísticos e de celebração.

Alcansei a fase da maturidade e, nessa trajetória, iniciei um novo capítulo de minha história. Em dezembro de 2009, casei-me com Waldemar Roberto Moraes da Silva, pastor da Igreja Batista Nacional do Passo da Pátria, em Natal/RN. A partir dessa data, esse local tornou-se meu novo campo missionário.

Trata-se de um novo ambiente, com características próprias e bastante diferente dos campos anteriores onde atuei até então. Os desafios são novos, mas também são novas as oportunidades de servir ao Senhor. As atividades desenvolvidas são aquelas para as quais o Senhor da Seara já vinha me preparando, capacitando e aperfeiçoando em campos missionários anteriores. Mantenho o foco na obra colocada em minhas mãos, pedindo a Deus orientação para realizar o trabalho que me foi confiado. Que tudo seja feito para honra, glória e louvor a Deus.

Em 2012, tive a oportunidade de uma nova experiência de serviço: uma viagem missionária transcultural para a cidade de Luque, no Paraguai, acompanhada de estudantes da JAMI-CBN (Junta Administrativa de Missões da Convenção Batista Nacional). Foram quinze dias de imersão em uma cultura diferente da brasileira, o que proporcionou uma melhor compreensão das dificuldades de servir a Deus em outro país.

À medida que nos aproximamos do final de 2025, continuo no campo missionário assumido em 2009, completando, em dezembro, dezesseis anos nessa jornada, pela graça de Deus. Reflito sobre esse período, considerando o que já foi realizado e o que ainda precisa ser alcançado.

Expresso minha gratidão a Deus por permitir que eu e meu esposo sirvamos ao Dono da Obra. Embora os desafios ainda sejam significativos aos nossos olhos e os campos permaneçam prontos para a colheita, nossa alma encontra conforto em saber que não estamos sozinhos. Temos a companhia e a orientação do Espírito Santo, que fortalece nossa fé e nos permite afirmar com segurança as palavras do profeta Samuel: “Ebenézer... até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Sm 7:12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo apresentou uma exposição concisa sobre a importância da fé demonstrada por meio da obediência a Deus, mostrando como as vidas são transformadas por um encontro genuíno com o divino.

De forma resumida, foi compartilhada a história da personagem bíblica Raabe, que personifica a fé e a obediência a Deus. A escolha e análise dessa narrativa tiveram como propósito incentivar as famílias, tanto atuais quanto futuras, a interceder persistentemente por seus familiares, pois Deus permanece o mesmo e atende ao clamor humano, conforme indicado no Salmo 66:20.

Apresentou-se também um breve relato pessoal sobre os fundamentos da minha fé, que tem origem na matriarca Maria Rosa Queiroz. Ela criou seus dez filhos confiando apenas em Deus para prover suas necessidades e os instruiu na fé cristã na ausência do marido, que deixou o lar para seguir seu próprio caminho.

Ao final desta reflexão, sugere-se que o leitor cristão fortaleça sua esperança em Deus e interceda com fé por sua família. A fé atua como evidência de realidades que transcendem a percepção sensorial ou a comprovação científica, consistindo em uma convicção interior, gerada pelo Espírito Santo, de que Deus cumpre suas promessas, mesmo quando ainda não se concretizaram.

Que nossa oração seja contínua, apropriando-nos das palavras do salmista: “Desvenda os meus olhos, para que eu veja as maravilhas da tua lei” (Sl 119:18). E que, com toda a convicção, cada um declare, como fez Josué (Js 24:15), o líder dos israelitas:

“Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.”

REFERÊNCIAS

SILVA, E. R. **Como era a cidade de Jericó e curiosidades**. Disponível em: <<https://www.rodigosilvaoficial.com.br/como-era-a-cidade-de-jerico-e-curiosidades/>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

WGOSPEL. **Reedificando Jericó**. Disponível em: <<https://www.wgospel.com/reedificando-jerico/>>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Gideão: Fé que Enfrenta Gigantes – Quando o medo se transforma em coragem nas mãos de Deus

Gilberto Cipriano do Nascimento

INTRODUÇÃO

Quantas vezes Deus nos chamou enquanto ainda estávamos escondidos do mundo e de nós mesmos? Gideão não era um herói quando Deus o chamou. Era um homem comum, temeroso, que se via como o menor da sua casa. Ainda assim, foi com ele que o Senhor decidiu iniciar um grande livramento para o povo. Gideão estava malhando trigo no lagar, um local improvável para essa tarefa, pois era um tempo de opressão e medo. Israel sofria sob o jugo dos midianitas, e a sobrevivência exigia estratégias de ocultação. No entanto, foi nesse cenário de insegurança que o Anjo do Senhor apareceu, chamando-o de “homem valente”. O contraste entre a visão que Gideão tinha de si e a forma como Deus o via revela uma verdade profunda: o Senhor não se limita à nossa autopercepção, Ele nos enxerga à luz do propósito que já preparou para nós.

O chamado de Gideão nos lembra que Deus não procura os mais fortes segundo os padrões humanos, mas aqueles que, mesmo em meio ao medo, estão dispostos a ouvir e obedecer. O Senhor, pacientemente, trabalhou no coração de Gideão, fortalecendo sua fé por meio de sinais e confirmações. Essa caminhada de transformação não foi instantânea; foi um processo de lapidar um homem inseguro até que ele se tornasse um líder corajoso.

Assim como Gideão, muitos de nós olhamos para nossas limitações e concluímos que somos incapazes. Porém, Deus vê além: Ele considera a obra

completa, o resultado final de Sua intervenção. Quando Ele nos chama, não é para confiarmos em nossa força, mas para dependermos totalmente do seu poder. É nessa dependência que a vitória se torna inevitável, pois não é fruto de habilidade pessoal, mas do poder divino que atua em nós.

Portanto, a história de Gideão é mais do que um relato histórico; é um convite vivo para que deixemos de nos esconder, reconheçamos o chamado de Deus e nos levantemos para cumprir o propósito para o qual fomos criados. O Senhor continua encontrando “Gideões” em lugares improváveis, transformando o medo em coragem e a fraqueza em instrumento de libertação. Talvez, hoje, Ele esteja chamando você.

QUEM FOI GIDEÃO?

No Livro de Juízes, Gideão recebe mais destaque do que qualquer outro juiz — são cerca de cem versículos dedicados a ele. É também o único cuja luta pessoal com a própria fé é registrada na narrativa. Gideão era da tribo de Manassés, o “menor de sua casa” (Jz 6:15), talvez isso desse a impressão de que ele era rejeitado pela própria família por não compartilhar de sua idolatria. Vivendo sob opressão dos midianitas, o povo de Israel se escondia, e Gideão não se tratava de um homem marcado por grande fé ou coragem, malhava trigo no lagar para não ser visto. Foi chamado por Deus enquanto estava escondido. Um anjo lhe apareceu e o chamou de “homem valente” (Juízes 6:12).

Apesar de seus receios, Gideão pediu sinais, ele não possuía fé suficiente para confiar que Deus cumpriria Suas promessas. O gesto de “pôr a lâ ao relento” tornou-se conhecido nos meios religiosos como uma forma de pedir a Deus direção, estabelecendo condições específicas que Ele deveria cumprir. O pastor Wiersbe conta que, ao longo de seu ministério, conheceu pessoas que se complicaram por adotar essa prática: algumas esperavam um telefonema em certo momento para decidir se deveriam agir de determinada maneira; outras, aguardavam uma mudança no clima como sinal de que deveriam seguir outro caminho.

No entanto, esse tipo de prova não é um método bíblico para discernir a vontade de Deus. É, antes, uma abordagem usada por pessoas, como Gideão, que carecem de fé para confiar nas promessas divinas. O fato de Deus ter atendido à fraqueza de Gideão apenas comprova Sua graça e profundo conhecimento de nossas limitações (Sl 103:14). Afinal, quem somos nós para impor condições a Deus, especialmente quando Ele já nos revelou Sua vontade em Sua Palavra? Tal prática não só revela incredulidade, mas também orgulho: a ideia de que Deus deve obedecer às nossas exigências para que, então, obedeçamos às d'Ele.

Assim, mesmo depois de ver, no primeiro dia, a lâ molhada e o chão seco, e, no segundo, a lâ seca e o chão molhado, Gideão ainda precisava amadurecer em sua confiança no Senhor. Então, não restava outra coisa a fazer, acabou aceitando o chamado para confrontar o inimigo e confiar em Deus para ser vitorioso.

Deus reduziu seu exército de milhares para apenas 300 homens. Gideão tocou a trombeta e reuniu trinta e dois mil homens. Mas que chance teriam contra cento e trinta e cinco mil inimigos, além de incontáveis camelos (Jz 7:12)?

Essa é a primeira menção bíblica do uso de camelos em combate, e certamente seus cavaleiros possuíam velocidade e mobilidade superiores no campo de batalha. Os israelitas eram minoria, e a derrota parecia inevitável — não fosse o fato de o Deus Todo-Poderoso estar ao lado deles e já lhes ter prometido a vitória. Com estratégias divinas, venceram os midianitas sem sequer usar a espada. Após a vitória, Gideão recusou ser rei, mas cometeu o erro de confeccionar um ídolo com os despojos de guerra, o que se tornou tropeço para Israel (Juízes 8:27).

Infelizmente, o próprio homem de fé acabou conduzindo o povo à idolatria. Gideão mandou confeccionar uma estola sacerdotal, e o povo “se prostituiu ali após ela”, ou seja, abandonou a devoção sincera ao Senhor e passou a tratar a estola como um ídolo. Na Bíblia, a idolatria é frequentemente retratada como prostituição espiritual (Is 50:1-3; 54:6-8; Jr 2:1-3; 3:1ss; Os 2; Tg 4:4; Ap 2:4).

É possível que Gideão tenha criado a estola como uma representação de Jeová, com a intenção de ajudar o povo na adoração. No entanto, uma boa intenção não justifica um ato ofensivo, e ele sabia que a fabricação de ídolos era proibida (Êx 20:4-6). A trajetória de Gideão é marcada por um paradoxo: ele começa como um homem de pouca confiança em si mesmo e termina como um juiz respeitado, mas com falhas que custaram caro à nação. Seu chamado não ocorreu em um campo de treinamento ou em um palácio, mas num lugar escondido, lugar de medo e sobrevivência. Isso nos mostra que Deus frequentemente escolhe pessoas comuns, em cenários improváveis, para cumprir tarefas extraordinárias.

O diálogo entre o Anjo do Senhor e Gideão é revelador. Enquanto ele se via como o menor e mais incapaz, o Senhor o via como um libertador em potencial. Essa diferença de perspectivas é a essência de muitos chamados divinos. Deus frequentemente escolhe “as coisas fracas do mundo” para realizar grandes feitos para Sua glória. É justamente nessa aparente fraqueza que se revela a sabedoria divina. Ele seleciona o que o mundo considera fraco, desprezível ou insignificante para mostrar que o verdadeiro valor não reside em títulos ou conquistas, mas na graça recebida. Assim, ninguém pode se orgulhar diante dEle.

Essa verdade não só encoraja os humildes, como também repreende a soberba: no Reino de Deus, o critério não é aparência, influência ou poder humano, mas a total dependência dEle. Gideão é um exemplo vivo disso — não foi sua força, fama ou posição que o qualificaram, mas o chamado e a capacitação de Deus (1 Co 1:26-29).

Deus não se prende à fotografia do presente, mas ao filme completo que Ele mesmo já escreveu. Quando Gideão questiona e pede provas, não está apenas buscando confirmação; está revelando um coração humano, cheio de inseguranças, mas ainda disposto a obedecer quando convencido pelo Senhor. A escolha de Gideão demonstra que, assim como na igreja primitiva e também em nossos dias, Deus continua a chamar aqueles que o mundo subestima, para que toda a glória seja atribuída somente a Ele.

A redução do exército é outro ponto central. Humanamente, seria melhor contar com mais soldados, mas Deus queria que a vitória fosse atribuída exclusivamente

ao Seu poder, não à força militar. A tática das tochas, cântaros e trombetas não apenas confundiu o inimigo, mas também fortaleceu a fé do próprio Israel. Esse episódio ecoa até hoje como um lembrete de que as batalhas espirituais são vencidas mais pela obediência e confiança em Deus do que pela força bruta ou estratégias humanas.

GIDEÃO PODE SER VOCÊ

Quanto de nós nos escondemos da nossa missão por medo ou baixa autoestima? Gideão é símbolo do discípulo que precisa de sinais, mas que aceita o chamado mesmo tremendo. A vitória com 300 homens mostra que não é a quantidade que define o sucesso, mas a obediência.

Mesmo que sua fé comece tímida, Deus a usa. A história de Gideão mostra que o Senhor não despreza pequenos começos. Ele molda nossa confiança através de experiências, confirmações e, muitas vezes, desafios que nos obrigam a sair do esconderijo. É nesse processo que a fé cresce, e nossa visão de Deus se expande. E mesmo os vencedores devem se manter humildes: o erro de Gideão ao final alerta sobre o orgulho e os desvios espirituais pós-vitória. Muitas quedas acontecem não durante a batalha, mas depois dela, quando a sensação de conquista nos faz baixar a guarda. O coração que se mantém humilde e vigilante após a vitória preserva não apenas a própria integridade, mas também o testemunho diante dos outros.

Você já duvidou do que Deus disse sobre você? Já se sentiu pequeno demais para a missão? Gideão mostra que fé verdadeira não é ausência de medo, mas coragem para obedecer apesar do medo. Quando aceitamos o chamado, mesmo com as mãos trêmulas, o Senhor transforma nossas limitações em vitórias que glorificam Seu nome. Assim, a pergunta que ecoa hoje é: você está disposto a sair do lugar e assumir o lugar para o qual Deus o está chamando?

A FÉ COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO

Gideão é mencionado em Hebreus 11:32 como herói da fé. Sua história revela a soberania de Deus em escolher o improvável (1 Coríntios 1:27), quebrando os padrões humanos de seleção de líderes e mostrando que o critério divino é a disponibilidade e não a capacidade aparente. A narrativa também evidencia a paciência de Deus com nossas limitações (Juízes 6:17–23). Em vez de repreender severamente as dúvidas de Gideão, o Senhor lhe concede sinais concretos para fortalecer sua confiança. Esse detalhe teológico é precioso: a fé, embora necessária, nem sempre começa madura; ela pode crescer na caminhada, à medida que obedecemos e experimentamos a fidelidade de Deus em cada passo.

O uso de trombetas e tochas (Juízes 7:20) simboliza mais do que uma tática militar engenhosa — representa a vitória pela estratégia divina, que confunde o inimigo e exalta o poder de Deus. Ao invés de espadas afiadas e números avantajados, o

Senhor escolheu instrumentos improváveis para demonstrar que a verdadeira força não está nos recursos humanos, mas na Sua intervenção sobrenatural.

Teologicamente, a trajetória de Gideão nos ensina que Deus molda guerreiros a partir de corações quebrados. Ele transforma a insegurança em ousadia, a timidez em liderança, e o medo em fé. Isso confirma que o chamado divino não é uma recompensa por já estarmos prontos, mas um convite para sermos transformados enquanto obedecemos. Assim, a fé deixa de ser apenas um conceito e se torna um instrumento vivo que redefine nossa identidade e missão.

Ao final, a história de Gideão aponta para um princípio imutável: Deus é o protagonista das vitórias espirituais. Nós somos apenas cooperadores que, pela fé, aceitam entrar no campo de batalha confiando que a estratégia e o resultado estão em Suas mãos.

VIVENDO COMO GIDEÃO NOS DIAS DE HOJE

O mundo em que vivemos não é muito diferente do cenário de Israel no tempo de Gideão. As “opressões midianitas” de hoje podem não ser exércitos físicos, mas se manifestam em pressões emocionais, crises espirituais, desafios financeiros e lutas interiores que nos fazem querer nos esconder. A pergunta é: vamos permanecer no lugar, escondendo-nos, ou vamos atender ao chamado de Deus para agir?

Gideão nos mostra que o chamado divino não se restringe a grandes líderes ou pessoas de destaque social. Ele se estende a qualquer um que esteja disposto a ouvir a voz de Deus, mesmo que essa voz interrompa a rotina mais comum. Na vida diária, atender ao chamado pode significar servir na igreja, restaurar relacionamentos quebrados, iniciar um projeto missionário ou simplesmente viver de forma íntegra em meio a um ambiente corrupto.

A estratégia de Deus para Gideão — trombetas, tochas e cântaros — nos lembra que Ele não precisa de recursos grandiosos para realizar obras extraordinárias. Nos dias de hoje, nossas “tochas” podem ser dons e talentos que julgamos pequenos, mas que, colocados nas mãos do Senhor, podem iluminar vidas e mudar histórias. O que importa não é o tamanho do recurso, mas a disposição em usá-lo para a glória de Deus.

Também precisamos atentar para o alerta final da vida de Gideão: o perigo da autossuficiência e do orgulho pós-vitória. Muitos começam sua caminhada com humildade e dependência total de Deus, mas, ao experimentar conquistas, passam a confiar em sua própria força. O resultado quase sempre é o desvio de propósito e a perda do foco espiritual. A história de Gideão nos adverte a permanecer firmes, vigilantes e conscientes de que tudo o que conquistamos é fruto da graça divina.

Portanto, viver como Gideão nos dias de hoje é aceitar que Deus nos chama em meio às nossas limitações, obedecer mesmo quando o medo nos cerca, usar os recursos que temos com fé e, após a vitória, manter um coração humilde e grato. É confiar que, assim como Deus transformou um agricultor inseguro em um líder

vitorioso, Ele pode nos transformar em instrumentos poderosos para Sua obra, onde quer que estejamos.

Após grandes vitórias, o coração humano tende a relaxar na vigilância espiritual. A história de Gideão também revela tensão. Em Juízes 8:22-27, depois de libertar Israel, o povo quis coroá-lo rei. Contudo, mesmo recusando formalmente o trono, Gideão construiu um éfode de ouro, o que se tornou objeto de idolatria em Israel. Esse episódio nos mostra o contraste entre o servo fiel e o líder que ceda à vaidade. O mesmo homem que um dia se escondeu no lagar agora tropeça no brilho do ouro. A fé que um dia venceu o medo precisou enfrentar um inimigo ainda mais perigoso: o orgulho.

A graça de Deus, porém, continua a se manifestar, não por causa da fraqueza humana, mas apesar dela. O Senhor usa vasos imperfeitos para cumprir seus propósitos perfeitos. Em Gideão vemos tanto o poder de Deus que transforma o fraco em valente, quanto o aviso de que toda glória pertence somente a Ele.

Assim, a vida de Gideão nos ensina que a fé não é um estado permanente de perfeição, mas uma jornada de dependência constante. Deus não procura heróis impecáveis, mas corações rendidos.

DEUS AINDA CHAMA VALENTES: O LEGADO DE GIDEÃO PARA NOSSA GERAÇÃO

Talvez hoje Deus esteja chamando alguém que se sente o menor, escondido. Mas Ele não erra no chamado. O mesmo Deus que viu um guerreiro em um homem tímido, vê valor em você. Gideão não foi perfeito, mas foi fiel. Sua vida nos ensina que a fé é uma jornada e Deus caminha conosco, mesmo quando trememos.

O legado de Gideão vai muito além de uma vitória militar registrada nas páginas de Juízes. Ele nos ensina que o Deus que chama é o mesmo que capacita, e que não há limitação humana capaz de impedir o cumprimento do Seu propósito. A vida de Gideão prova que a fé não é um sentimento constante de coragem, mas uma decisão de obedecer mesmo quando o medo ainda bate à porta.

Para nossa geração, tão marcada pela pressa, pelo imediatismo e pela busca de resultados visíveis, Gideão nos convida a um caminho diferente: o da confiança processual. Ele nos lembra que as maiores vitórias não vêm da força dos números, mas da fidelidade em seguir a estratégia de Deus. Não importa se os recursos parecem insuficientes; quando o Senhor está no comando, cada detalhe coopera para o triunfo.

Seu exemplo também alerta para os perigos que seguem a conquista. A vitória não é o fim da jornada, mas o início de uma nova etapa que exige ainda mais vigilância. Muitos tropeçam não na batalha, mas no descanso pós-batalha, quando o coração se envaidece e se afasta de Deus. O erro final de Gideão é uma lição gravada nas Escrituras para que não transformemos a bênção em tropeço.

Assim, o legado de Gideão para nós é duplo: de um lado, a esperança de que

Deus pode transformar qualquer pessoa, não importa o quão pequena ou insegura ela se sinta; de outro, a advertência para permanecermos humildes e fiéis mesmo depois das vitórias.

Talvez hoje Deus esteja chamando novos “Gideões” — pessoas comuns, escondidas atrás de suas inseguranças, mas que, com um simples “sim”, podem se tornar instrumentos de libertação e transformação. E a pergunta final que ecoa através dos séculos é: você vai continuar no lugar ou vai se levantar para cumprir o propósito para o qual foi chamado?

Em suma, que aprendamos como Gideão que a fé não é ausência de medo, mas a coragem de avançar com as mãos, confiando no Deus que luta por nós.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2011.

CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Hagnos, 2012.

HEBRON, R. Heróis da Fé: Lições de Vidas que nos Inspiram. Publicações Esperança, 2019.

LLOYD-JONES, Martyn. Homens que Abalaram o Mundo. PES, 2001.

STOTT, John. A Bíblia Toda, o Ano Todo. Editora Ultimato, 2006.

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume II, Histórico / Warren W. Wiersbe; traduzido por Susana E. Klassen. - Santo André, SP: Geográfica editora, 2006.

SOBRE O AUTOR:

Gilberto Cipriano do Nascimento, é historiador (Universidade Estácio de Sá), especialista em Educação de Jovens e Adultos (Universidade Estácio de Sá) e em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo (IFRN). Possui também especialização em Filosofia (FAVENI) e em Teologia e Educação Cristã (FASU). É formado em Liderança Cristã pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Concluindo a especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (FACIBE). Mestre em Teologia pelo Instituto de Formação Acadêmica (FATEB). Mestrando em Educação pela Ecumenical World University Estado da Flórida – EUA. Atua como professor, pastor, escritor, palestrante e líder com experiência na área de Educação, com ênfase em formação cristã.

Livros publicados pelo autor:

- As Sequelas do Escravidismo no Brasil Contemporâneo. 1ª ed. Ponta Grossa – PR: Aya Editora, 2025. 100p.
- A Educação Cristã no Brasil e a Escola Pública do Século XXI. 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2024. 47p.
- Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA. 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 73p.
- Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA. 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 72p. (edição alternativa)
- Desafios da educação na contemporaneidade 7 - Educação no Brasil e a cultura digital - Gilberto Cipriano do Nascimento. Capítulo 27; Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 424p.
- Saberes Tecnológicos para Práticas Pedagógicas. Capítulo 1 – Organizador. 1ª ed. Rio de Janeiro: AG Publicações, 2021.

Jefté: Uma Nova História Livre da Rejeição

Ailton Fernandes

Como reagimos quando somos rejeitados e desprezados pelas pessoas que deveriam nos amar e nos acolher? Como nos sentimos quando somos abandonados e esquecidos por quem deveria simplesmente nos abraçar? Você já se sentiu rejeitado, descartado, posto de lado? Já experimentou o desprezo de seus pais, dos colegas da escola, da namorada, do esposo, dos irmãos? A dor da rejeição é uma das piores dores que alguém pode sentir e sofrer na vida, e foi exatamente o que Jefté sofreu. Mas como ele reagiu? Quais foram as atitudes que ele teve? E o que ele conquistou tendo uma postura correta diante das pessoas que o rejeitaram? Com toda certeza, a história de Jefté vai nos levar a fazer algumas reflexões que serão muito importantes em nossas vidas, no que diz respeito a saber reagir corretamente diante da rejeição, que é um sentimento negativo que tem afetado e destruído a muitas pessoas em nossos dias. A sua história vai nos ajudar a entender melhor algumas questões relacionadas à rejeição: O que é, o que causa e como pode ser superada. Você está disposto a escrever com Deus um novo tempo, um final feliz para a sua história?

E QUE MAIS DIREI DE JEFTÉ?...

“Era então, Jefté, o gileadita, homem valente, porém filho de uma prostituta; Gileade gerou a Jefté. Também a mulher de Gileade lhe deu filhos, os quais, quando já grandes, expulsaram Jefté e lhe disseram: Não herdarás na casa de nosso pai, porque és filho de outra mulher. Então, Jefté fugiu da presença de seus irmãos e habitou na terra de Tobe, e homens levianos se juntaram com ele e com ele saíam. Passado algum tempo, pelejaram os filhos de Amom contra Israel. Quando pelejavam, foram os anciãos de Gileade buscar Jefté na terra de Tobe, E disseram a Jefté: Vem e sê nosso chefe, para que combatamos contra os filhos de Amom. Porém Jefté disse aos anciãos de Gileade: Porventura, não me aborrecestes a mim e não me expulsastes da casa de meu pai? Por que, pois, vindes a mim, agora, quando estais em aperto? Responderam os anciãos de Gileade a Jeftér: Por isso mesmo, tornamos a ti. Vem, pois, conosco, e combate contra os filhos de Amom, e sê o nosso chefe sobre todos os moradores de Gileade. Então, Jefté perguntou aos anciãos de Gileade: Se me tornardes a levar para combater contra os filhos de

Amom, e o Senhor mos der a mim, então, eu vos serei por cabeça? Responderam os anciãos de Gileade a Jefté: O Senhor será testemunhas entre nós e nos castigará se não fizermos segundo a tua palavra. Então, Jefté foi com os anciãos de Gileade, e o povo o pôs por cabeça e chefe sobre si; e Jefté proferiu as suas palavras perante o Senhor, em Mispa. (Jz 11: 1-11).

AS MARCAS DA REJEIÇÃO

A rejeição é uma das feridas emocionais mais comuns. Sentir-se rejeitado, jogado na lata de lixo, é algo que machuca e deixa marcas. Essas, normalmente, perseguem-nos ao longo dos anos, condenando-nos a um estado permanente de medo, tristeza e revolta. Não há quem não tenha passado por alguma experiência de rejeição. Contudo, para determinadas pessoas, isso constitui-se em algo fortemente traumático. E passa a representar um sério problema para sua estima e seus relacionamentos. Jefté era rejeitado e aparentemente marcado pelo destino para ser infeliz. Seu pai era muito importante, possuía riquezas e projeção social. Essas são as primeiras informações que a Bíblia apresenta a respeito de Jefté. Parece tratar-se de um israelita privilegiado. Entretanto o texto logo se encarrega de colocar as coisas nas suas reais perspectivas: “Era então Jefté o gileadita, valente, porém filho de uma prostituta; Gileade gerou a Jefté.” (V. 1).

“Porém” é uma palavra bem pequenina, mas com grandes implicações. Muitas vezes ela aparece como um estraga-prazeres, jogando por terra nossos sonhos e anulando todas as disposições que nos eram favoráveis. Existia um porém no caminho de Jefté. Existe algum no seu?

Jefté era um homem valoroso, filho de um cidadão influente, porém sua mãe era prostituta. Portanto seu nascimento não estava nos planos de nenhum de seus pais. Pelo contrário, representava um verdadeiro transtorno para ambos. Ainda no ventre de sua mãe ele carregava o estigma de ser um filho ilegítimo e isso deveria acompanhá-lo até seu último dia na face da terra. Mesmo antes de vir à luz, já fora rejeitado. O nome Jefté significa: “Deus abre” ou “Deus livra”, mas também admite algumas outras traduções que sugerem “O Senhor proporciona” ou “O Pai perdoa”. Trata-se de um nome cujas interpretações giram em torno da capacidade que Ele tem de abrir possibilidades aos homens, tanto em questões matérias objetivas, quanto no caminho espiritual da Fé. Há ainda a referência ao grandioso amor de Deus demonstrado pelo perdão.

Além de ser rejeitado pelos pais e pela sociedade antes mesmo do seu nascimento, Jefté atravessou mais um momento difícil. Quando seu pai Gileade morreu, Jefté tinha aproximadamente 17 anos, era um jovem sem muita sabedoria. Seus irmãos os “filhos legítimos” de Gileade, se aproveitaram disso, e assim expulsaram Jefté de Gileade, ele foi escorraçado pelos seus próprios irmãos, pelo que ele partiu para Tobe. Ninguém moveu uma palha para intervir em seu favor. Aos traumas antigos somavam-se os novos. Era rejeição sobre rejeição, empurrando Jefté na direção perigosa de uma vida dominada pela revolta. Nesse tempo quando

os amonitas se levantaram contra Israel, os anciãos de Gileade foram procurar Jefté, e obviamente isso tinha a ver com a sua fama de um guerreiro de valor. A opressão do povo de Amom sobre Israel era muito dolorosa e durou cerca de dezoito anos.

Isso explica o fato de os líderes dos israelitas terem ido implorar ajuda de Jefté. O filho de uma prostituta que foi rejeitado por seus irmãos, passou a ser visto como o homem capaz de libertar Israel do jugo dos amonitas. Inclusive, é bem provável que seus irmãos estivessem entre os anciãos que foram pedir que Jefté os liderasse. Naquela ocasião, Jefté lembrou o fato de ele ter sido odiado e expulso da casa de seu pai pelos gileaditas. E Jefté também percebeu que eles só tinham ido procurá-lo porque estavam em grande aperto.

Os anciãos de Gileade, no entanto, admitiram que dependiam de Jefté para o combate contra os amonitas. Eles também prometeram que Jefté seria o líder sobre todos os moradores de Gileade. E dessa forma Jefté concordou em voltar para Gileade e foi reconhecido pelo povo como seu novo líder. (Jz 11: 11).

Em Mispá, Jefté enviou mensageiros ao rei de Amom lhe questionando sobre o motivo de os amonitas estarem em guerra contra Israel. O rei de Amom alegou que Israel havia tomado o seu território depois que saiu do Egito.

Então Jefté explicou ao rei de Amom como Deus agiu poderosamente em favor dos israelitas no passado, desde a sua saída do Egito. Nesse ponto Jefté se mostrou familiarizado com a Escritura, embora tivesse estado longe nos últimos tempos.

A Bíblia diz que o rei de Amom não deu ouvidos às palavras de Jefté, tornando o conflito inevitável (Jz 11: 28). Contudo, naquele contexto o autor do livro de Juízes diz que “o Espírito do Senhor veio sobre Jefté, e atravessou por Gileade e Manassés; porque passou até Mispá de Gileade até aos filhos de Amom” (Jz 11: 29). Após ter derrotado os amonitas, Jefté ficou como juiz em Israel por mais alguns anos. Durante esse tempo Jefté ainda teve que lidar com um conflito contra os efraimitas. O povo da tribo de Efraim acusou Jefté de deixá-los de fora do conflito contra os amonitas. Mas parece que isso não era verdade, pois Jefté tinha chamado os efraimitas antes da batalha e eles o ignoraram (Jz 12: 1). Mas Jefté reuniu todos os homens de Gileade e lutou contra os homens de Efraim e Manassés (Jz 12: 4). Contra os efraimitas, Jefté conseguiu outra vitória. Os efraimitas foram dispersados e os que tentaram retornar a Efraim através dos vãos do Jordão acabaram mortos pelos soldados de Jefté que fizeram um teste de pronúncia. Todos que quisessem passar por ali tinham de pronunciar a palavra “Chibolete”. Quem pronunciasse a palavra de forma errada, no caso “Sibolete”, era preso e, consequentemente, morto. Aquele conflito gerou um massacre tão grande que a Bíblia diz que quarenta e dois mil efraimitas foram mortos naquela ocasião (Jz 12: 6). Por fim, a história de Jefté termina com o texto bíblico informando que ele liderou Israel durante seis anos. Depois disso Jefté morreu e foi sepultado na cidade de Gileade. O texto bíblico não fornece qualquer detalhe sobre as circunstâncias da morte de Jefté.

Mais tarde o profeta Samuel lembrou o livramento que Deus deu a Israel através de Jefté (I Sm 12: 11). No Novo Testamento Jefté é mencionado na carta aos Hebreus como um dos nomes da galeria dos Heróis da Fé (Hb 11: 32).

AS CONSEQUÊNCIAS DA REJEIÇÃO

Geralmente, quem sofre algum tipo de rejeição acaba por rejeitar-se a si mesmo e também aos outros. A Bíblia diz que Jefté fugiu para a terra de Tobe, um principado aramaico situado a leste do rio Jordão e ao norte de Gileade. Parece que o lugar que ele escolheu para viver refletia bem o estado do seu coração. Tobe era um deserto, um lugar árido, inóspito, selvagem, solitário. Não é interessante como muitas vezes tornamos o local em que vivemos num retrato exato de nossa alma? Várias pessoas, ao sentirem-se rejeitadas, abandonam a família, os amigos e a Igreja, passando a frequentar lugares perigosos e deprimentes, como que dizendo no seu interior: “Eu não mereço coisa melhor”.

Os sucessivos golpes haviam transformado Jefté num revoltado. O texto sagrado conta que “homens levianos se juntaram a ele e com ele saíam” (v. 3). Ele enveredou pelo caminho do crime! Formou um bando com outros tão amargurados quanto ele, no meio dos quais se sentia bem. Juntos passaram a assaltar as caravanas, os viajantes e os pequenos povoados, espalhando o medo e o terror por onde iam. Ali Jefté podia não ser amado, mas certamente era respeitado e temido! Essa era sua resposta à sociedade, aos pais, aos irmãos, e a todos que o haviam rejeitado, que o haviam feito sofrer. Era a sua vingança. “O coração conhece a sua própria amargura, e da sua alegria não participará o estranho”, diz a Palavra de Deus (Pv 14: 10).

As nossas ruas estão cheias de “Jeftés”. Gente que foi desprezada, magoada, ferida e que fez da revolta e da rebeldia o seu jeito de sobreviver. Adolescentes e jovens que tentam, através das drogas, das gangues e da delinquência, dar o troco ao mundo e mostrar-lhe o quanto os fez sofrer.

As marcas da rejeição o têm empurrado na direção da amargura e da revolta? Jefté estava tomando o rumo suicida de tantos outros que, rejeitados pela família e pela sociedade, afundam-se num mar de autopiedade, de mágoa, ressentimento, violência e dor. Eles pensam assim:

Todos me rejeitaram – rejeitarei a todos!

Deus me rejeitou – rejeitarei a Deus!

E é claro que, agindo dessa maneira, vão se tornando cada vez mais infelizes...

O maravilhoso, no entanto, é que a situação de Jefté alterou-se radicalmente. De fora da lei passou a ser herói nacional, de bandoleiro, a juiz de Israel, com direito a figurar na seleta galeria dos Heróis da Fé do Velho Testamento (Hb 11: 32). Ele quebrou as algemas da rejeição e descobriu o seu verdadeiro valor. O nosso Deus é aquele que joga por terra todas as previsões, diagnósticos, prognósticos, expectativas e profecias dos homens. As circunstâncias da vida de Jefté e o modo como ele reagiu a elas o haviam condenado a uma vida triste e recalcada, mas o Senhor rasgou esse veredito e decidiu escrever uma nova história com um final que Jefté jamais imaginava. E assim como ele, todos os que se sentem rejeitados podem modificar a sua situação com a ajuda divina.

“tudo quanto não puder ser,
Tudo quanto os homens ignoravam em mim,
Disso fui digno diante de Deus,
Cujas rodas amoldaram o vaso”.

Rab Bem Ezra

RESPOSTAS À REJEIÇÃO

O filósofo Jean-Paul Sartre disse certa vez:

“Não importa o que os outros fizeram de você; o que importa é o que você fez com o que os outros fizeram de você”.

Só quando assumimos a responsabilidade por nossa vida podemos passar de vítimas a agentes. Aí damos a volta por cima e apresentamos à rejeição uma resposta diferente daquela que é oferecida pela mágoa e pela revolta, e que acaba nos conduzindo à autodestruição.

O Deus eterno possui a resposta para os questionamentos daqueles que se sentem rejeitados, postos de lado, ou discriminados.

A resposta à rejeição dos pais é o fato de que estávamos nos planos de Deus. Antes de sermos concebidos no ventre materno, fomos gerados no coração de Deus. O Senhor “nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Tm 1: 9). Desde a eternidade Ele nos conheceu, chamou-nos pelo nome, quis que existíssemos, sonhou conosco, planejou grandes coisas para a nossa vida, providenciou o sacrifício do próprio Filho para a nossa redenção! Talvez você não estivesse nos planos de seus pais, mas certamente estava nos planos do Senhor.

A resposta à rejeição dos homens é o fato de que Jesus também conheceu a rejeição. O amoroso e perfeito Filho de Deus foi rejeitado por seus contemporâneos e ainda hoje é rejeitado por muitos. “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso”. (Is 53: 3). Então, preste muita atenção: a rejeição nada tem a ver com o nosso verdadeiro valor! As origens e as razões dela não estão em quem é rejeitado, mas naquele que rejeita. Cristo não foi rejeitado por defeitos que porventura tivesse, mas por causa da dureza do coração dos homens. De modo semelhante, você é uma pessoa de muito valor, e se alguém o rejeitou, esse alguém tem problemas – e não necessariamente você.

O remédio para as marcas deixadas pela rejeição é o fato de que Deus pode transformá-las em benção. Parece incrível, mas isso é um milagre da Graça recicladora do Senhor. Essa transformação pode ser observada na própria experiência de Cristo: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos”.

(Sl 118: 22,23). Nossas experiências de rejeição, nas mãos de Deus, podem tornar-se instrumentos poderosos para uma vida útil e vitoriosa. Afinal foi graças ao seu treinamento nas batalhas do deserto que Jefté veio a ser o israelita mais capacitado para conduzir seu país numa guerra de libertação. Como bandoleiro, ele aprendera a lutar. Por isso os anciãos de Gileade o convidaram para ser seu líder. E foi assim que ele derrotou o exército dos amonitas. Como lhe foram valiosos, agora, aqueles anos passados na terra de Tobe! E quem poderia imaginar que aquela fase tão difícil da sua vida lhe seria útil mais tarde? Ninguém, nem ele próprio; apenas o Senhor. “O caminho de Deus é perfeito; a Palavra do Senhor é provada; ele é escudo para todos os que nele se refugiam”. (Sl 18: 30). De bandoleiro a juiz, de lixo a tesouro, Deus pega o que os homens rejeitaram, recicla e transforma, para a nossa alegria e para a glória do seu Santo nome.

10 LIÇÕES SOBRE A VIDA DE JEFTÉ:

1º. Não deixe o “porém” te parar

De acordo com Juízes 1 – 11, “Jefté era um homem valente, “PORÉM”, filho de uma prostituta. Perceba que no meio das qualidades de Jefté havia um bloqueio, desta forma entendemos que sempre haverá um porém na vida de quem tem um chamado. O “porém” de Ana era sua esterilidade; O de Abraão, além de Sara ser estéril, o casal já estava com a idade avançada. Saiba que entre você e a Vitória sempre haverá um obstáculo, mas não pare diante de qualquer que seja o obstáculo.

Traumas do passado, problemas sem fim e vícios são alguns “PORÉNS” que devemos enfrentar na força do Espírito Santo. Então, seja um cristão valente e jogue por terra os “PORÉNS” que já foram vencidos por Jesus na cruz do calvário. De acordo com Hebreus 11: 32, faltaria tempo para falar sobre Jefté e outros heróis que venceram seus “PORÉNS”.

2º. A rejeição estará na rota de quem é chamado

A princípio não tem como ser aceito sem antes ser rejeitado. Mas fique tranquilo porque a rejeição dos homens não anula a escolha de Deus. De nada adiantou expulsar Jefté, porque até na cidade de Tobe, ele continuou exercendo as habilidades de liderança. A rejeição não para os separados por Deus. Tentaram fazer o mesmo com José, com Moisés, Davi e até com o próprio Jesus, mas não adiantou. O céu sabe quem somos e para quê estamos aqui. A oposição torce o nariz, despreza a sua pregação e seu ministério, porém na hora da batalha, terão que chamá-lo como um Jefté de Deus. Afinal, a rejeição funciona como adubo para o seu crescimento.

3º. Não ignore as qualidades de ninguém

Primeiramente, a Bíblia destaca as qualidades de Jefté. De acordo com Juízes 11: 1, “Jefté” era valente e valoroso, porém filho de uma prostituta...” Os

irmãos de Jefté ignoram as qualidades e focam no defeito. Um defeito foi o bastante para ele ser expulso da família. Jesus edificou a sua Igreja como um corpo com membros ligados uns aos outros. De acordo com João 17: 23, “devemos andar em unidade, assim, o mundo conhecerá que Cristo foi enviado pelo Pai...” Perceba a responsabilidade que está sobre os nossos ombros

A nossa união é o fator vital para que o mundo conheça que Jesus é o enviado pelo Pai. Uma Igreja amável, acolhedora, unida e cheia do Espírito Santo, fará o mundo testificar que Cristo vive e reina dentro dela. Então funcione como o Corpo de Cristo, não maximizando os defeitos e ignorando as qualidades uns dos outros. Afinal, não existe convivência pacífica onde os defeitos do outro são supervalorizados.

4º. Não se vitimize

Conforme os versículos 2 e 3 do capítulo 11 de Juízes, os irmãos de Jefté o expulsaram de sua casa e tiraram a herança dele. Em seguida, os homens levianos (que eram os barras pesadas da cidade de Tobe), se juntaram a Jefté e ele se tornou chefe dos homens de má reputação. Perceba que a vida de Jefté não parou, Jefté não entrou na caverna da lamentação por causa da rejeição. Jefté tinha tudo para ser uma pessoa derrotada, sem vida, sem sonhos, sem projetos e sem esperança. Então, não escolha a postura de uma pessoa desanimada, derrotada e vitimizada, por causa do abandono. Há um futuro lindo pela frente te esperando, e você não viu suas qualidades. Continue, sua vida precisa fluir na Presença de Deus.

5º. Não é onde você nasceu que determina o que você vai ser

Podemos dizer que Jefté, por ser filho de uma prostituta, já nasceu no prejuízo. Seu pai, Gileade, tinha apenas uma esposa, mas acabou gerando um filho de seu relacionamento com uma prostituta. Pelo menos Gileade, pai de Jefté, assumiu a paternidade. Semelhante a Jefté, muitos herdam uma difícil herança familiar. Enquanto, uns herdam um bom nome e nascem em um lar repleto de amor e cuidado, outros não têm a mesma sorte. Porém, independente do ensinamento que você recebeu de seus pais, de sua realidade e origem familiar, DEUS é rico em graça e misericórdia para te acolher, te capacitar e fazer uma reviravolta em sua vida. Jefté pode até ser filho de uma meretriz, mas o pai de Jefté, é Deus.

6º. Nem sempre os melhores estarão do seu lado

De acordo com o versículo 3 de Juízes 11, “os homens levianos se juntaram a Jefté”. Esses homens eram pessoas de má fama e mal vistos pela sociedade. Da mesma forma, o ministério de Jesus também não foi diferente, pois em seu grupo de discípulos havia um Pedro complicado, um Judas traidor e um Tomé incrédulo. Pessoas com diversas dificuldades e que precisavam ser lapidadas. Conforme 1 Samuel 22: 2, “na caverna de Adulão, juntaram-se a Davi todos os que estavam em dificuldades, endividados, descontentes; e ele se tornou o líder deles. Do mesmo modo, pessoas de todos os tipos se aproximam de nossas vidas. Deus conta

conosco para levá-las a um encontro verdadeiro com JESUS, afim de que sejam transformadas. Então, se a pessoa quer ser ajudada, faça sua parte.

7º. Não tente agir na força de seu braço

Assim que Jefté foi expulso de sua própria casa, ele não tentou resolver nada na força do braço. Por muito pouco, muitos teriam brigado, discutido ou montado uma rebelião contra seus opositores. Mas Jefté fez o que devemos fazer, entregou nas mãos do Senhor. Quando assumimos o controle, onde não deveria, Deus sai de cena. Então, evite desgastes desnecessários e entregue tudo nas mãos de Deus.

8º. Você não precisa de padrinhos, só precisa de Deus

No versículo 6, do capítulo 11 de Juízes, os mesmos que rejeitaram Jefté, souberam que tinha uma grande habilidade e unção de Deus para liderar, e tiveram que chamá-lo para que ele liderasse o grupo e os ajudassem a vencer o inimigo. Que Benção! Está claro que as pessoas fecham e é Deus quem abre a porta, pois na vida do cristão não existe a história de padrinho. Assim, quem te planta na empresa é Deus, as pessoas são apenas canais pelos quais Deus opera. Não precisamos brigar ou fazer politicagem, pois na hora certa, o próprio Deus fará um caminho.

9º. A precipitação custa muito caro

No versículo 31, de Juízes 11, ele se precipitou ao fazer um voto a Deus. Se tivesse vitória, sacrificaria o primeiro que saísse na porta e fosse ao seu encontro dele, porém, infelizmente, sua filha saiu ao seu encontro. De acordo com alguns teólogos este texto é bem controverso. Os estudiosos sugerem que, pelo fato de Jefté estar familiarizado com a prática de sacrifícios humanos das nações pagãs, ele sacrificou sua própria filha, mesmo Deus não aceitando o voto. De acordo com Levítico 18:21, está claro que Deus abomina tal atitude. Uma outra linha de raciocínio fornece uma observação interessante: Se Jefté sacrificasse sua filha, ele jamais entraria para lista dos Heróis da Fé em Hebreus capítulo 11. Então, não se precipite, espere e ore, pois a precipitação leva-nos ao abismo. Afinal, é melhor esperar um pouco do que beber águas amargas.

10º. Não dê o que Deus não te pediu

A princípio, Deus não pediu nada a Jefté. Isso nos ensina a não tentar surpreender o coração de Deus através de sacrifícios, pois a obediência vale mais. Conforme o Salmo 51: 17, “Deus se agrada de um espírito quebrantado, um coração quebrantado e contrito, e não sacrifícios”. É Deus quem determina o que vamos lhe dar.

REFLEXÕES

“A rejeição pode ser superada cultivando o amor próprio, aprendendo com os erros e transformando as experiências negativas em força para crescer”.

Augusto Cury

“Não fomos chamados para sermos aceitos, somos chamados para glorificar a Deus.”

Paul Washer

“O que nos torna especiais não é apenas o nosso corpo, mas a assinatura de Deus em nossa vida.”

Max Lucado

“A rejeição realmente é muito dolorosa, mas nem sempre está relacionada à nossa ação; entender e aceitar que não controlamos o desejo do outro é o melhor a se fazer.”

Jerônimo Bento de Santana Neto

“O medo da rejeição é um sentimento um tanto irracional, porque é como perder uma corrida onde você tem 50% de chance de vencer, por nem tentar”.

Mateus Rian

“A sua linguagem corporal é uma porta para a aceitação, rejeição ou abstenção.”

Uemerson Florencio

“Os seres humanos têm uma baixa tolerância à indiferença devido à sensação de exclusão, rejeição e desvalorização que isso provoca, resultando em desconforto emocional.”

Jerônimo Bento de Santana Neto

BIOGRAFIA

Ailton Fernandes, brasileiro, 61 anos, natural de Duque de Caxias, RJ, casado com Leila Isacksson Fernandes, uma mulher incrível e muito especial, o grande amor da sua vida! (Sempre juntos). Pai da Maria Eduarda, uma filha linda e muito amada, um presente de Deus! Filho de Fidêncio Fernandes e Estelina Vieira Fernandes, seus pais queridos! Irmão de Ciléa e Licéia Fernandes e juntos fazem parte de uma família incrível e muito abençoada por Deus. Foi Líder de jovens, Dirigente de Louvor e Pastor auxiliar na Igreja onde se converteu e começou a sua caminhada Cristã, onde também foi separado para o Ministério e Ordenado a Pastor juntamente com sua esposa em 2002, atualmente, é Pastor Presidente do Ministério Apostólico Amar – Projeto Amar em Duque de Caxias, uma Igreja de irmãos e amigos maravilhosos, e onde o Amor de Deus é a nossa marca! Formado em Bacharel em Teologia pela FAECAD (Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia da CGADB. Capelão e Juiz de Paz, formado pela FATUN (Tecnologia e Educação). Terapeuta em Dependência Química, Ministro de Louvor, Adorador e compositor. Um servo a serviço do Reino de Deus.

Sansão: Força, Fraqueza e Fé

Aluísio Moreira da Silva Junior

Figura ímpar na história de Israel, detentor de uma força descomunal em vários momentos sui generis, filho de crentes obedientes e fiéis aos dogmas da cultura dos hebreus, nascido milagrosamente de uma mulher estéril, Sansão, o pequeno sol (significado do seu nome, o que me leva a afirmar já de início, que este homem nasceu para brilhar), é merecidamente citado pelo escritor aos Hebreus (Capítulo 11 v.32) na Galeria dos Heróis da Fé.

Herói, segundo o dicionário, é uma pessoa de grande coragem, autora de grandes feitos, ou ainda, aquele que possui atributos físicos ou morais muito positivos / expressivos.

As conceituações supracitadas definem muito bem o porque introduzir Sansão nessa famosa plêiade bíblica. Ainda que não haja um detalhamento sobre seus feitos grandiosos na referida Epístola, a simples menção do seu nome ali, sem dúvida, faz dele um símbolo marcante dentre tantos outros homens levantados por Deus ao longo da narrativa das Sagradas Escrituras. O versículo em referência expõe a razão pela qual não se relata as proezas desse bravo herói. A razão diz o escritor, foi o fator tempo, um impedimento para que fossem catalogados os atos heróicos deste juiz de Israel oriundo da tribo de Dã. Isto é, levaria muito tempo para resumir em breves palavras, principalmente em se tratando de uma carta / epístola, o tamanho e quantidade de façanhas do filho de Manoá, nome de seu pai. Entretanto, os fatos que levaram a incluir Sansão naquela lista tão célebre, estão registrados no livro de Juízes, capítulos 13 a 16, onde podemos nos deparar com manifestações únicas nas páginas da Bíblia Sagrada. Na historicidade do povo hebreu, o ofício de JUÍZ não tinha a mesma conotação preponderantemente jurídica que temos hoje. Naquela altura a ideia conceitual deste tipo de “jugador”, era de um líder político, libertador e que por vezes, também agia como conciliador de conflitos internos. Uma configuração bem mais ampla da que conhecemos em nossos dias, e certamente mais contextualizada com as demandas de uma época desprovida de autoridades concernentes ao poder público, uma vez que Israel ainda não havia ainda se constituído em Reino, o que só aconteceria anos depois quando o último juiz, Samuel, que também era profeta e sacerdote, unge a Saul como primeiro REI de todo Israel.

Isto posto, vamos abrir nossa análise sobre a vida desse herói com uma comparação muito fascinante. Guardadas as devidas proporções, porém, levando em consideração que todos os protagonistas do Velho Testamento, de alguma forma são biotipos e protótipos do Messias, gostaria de apresentar um paralelo de similaridades, e também alguns antagonismos bem interessantes, entre Sansão e Jesus. Tais similaridades neste caso, demonstram o quanto podemos aprender e decidir, observando dois modelos diferentes. O mesmo se aplica ao observar também os antagonismos.

S I M I L A R I D A D E S

- Ambos tiveram o nascimento anunciado por um anjo
- Ambos foram gerados de maneira extarordinária e sobrenatural
- Ambos foram separados, consagrados para uma missão
- Ambos foram implacáveis contra seus inimigos
- Ambos foram juízes
- Ambos agiram de forma excepcional na força e poder do Espírito
- Ambos morreram de braços abertos
- Ambos conquistaram a maior vitória na morte

A N T A G O N I S M O S

Sansão

Nunca liderou um exército.
(outros)

Trabalhou isoladamente

Não tinha seguidores

Não fez nada em prol do povo

Ignorou seu destino

Orou só por si mesmo

Sua morte não salvou ninguém

Não deixou legado
sangue

Nasceu por propósito e não cumpriu

Não respeitou seus limites de homem
humanos

Não podia beber álcool, mas bebeu

Cristo

> Liderou 12 (e os capacitou a liderar

> Trabalhou coletivamente

> Era seguido por multidões

> Fez tudo em prol do povo

> Focou seu destino

> Orou até por seus oponentes

> Sua morte garantiu a salvação do mundo

> Deixou um Novo Testamento no seu

> Nasceu para um propósito e cumpriu

> Entendeu e respeitou seus limites

> Podia evitar o cálice, mas não evitou

Imagino que o escritor de Hebreus, ao colocar Sansão na lista oficial dos maiores homens de fé do Velho Testamento, tenha se valido de elementos determinantes para tal. Inclusive, acredito que os exemplos negativos da vida de Sansão, fazem parte desta sábia e justa decisão que levou a inserção de seu nome naquela galeria singular, pois é comum dizer e reconhecer, que aprendemos, ou deveríamos aprender, com os erros dos outros, afinal, é infinitamente menos traumático. Penso ter sido relevante considerar que a incapacidade emocional diante das investidas de Dalila, também são fatores a serem observados, exatamente para que nós possamos dar atenção suficiente as nossas próprias fraquezas. Sem dúvida, precisamos vigiar, ou mesmo blindar nossas fragilidades contra as astutas ciladas do inimigo. Isso me faz lembrar, mesmo sendo uma ficção, que até o “Homem de Aço” não está imune a tudo, seu ponto fraco é a kryptonita (um tipo de mineral de origem extraterrestre com propriedades tóxicas que enfraquece o Superman). E de fato, todos nós sempre temos um calcanhar de Aquiles. Somos humanos!

Contudo, embasado nos registros bíblicos devidamente reconhecidos pela arqueologia e pela história dos povos, gostaria de destacar quesitos e parâmetros elegíveis, que nos ajudarão a enxergar os fatos pedagogicamente, extraindo lições essências desta rara biografia.

NINGUÉM É HERÓI SEM FAMÍLIA

Nossa primeira lição é destacar que Sansão tinha família, tinha pais crentes dedicados e fervorosos. Tanto que foram cuidadosamente escolhidos por DEUS para gerar e criar nas bases de uma cultura referendada por conceitos e valores imperiosos, um predestinado a cumprir propósitos divinos no meio de seu povo. Ele tinha em sua própria casa um modelo, um espelho para vida toda.

Um outro significado que o dicionário nos apresenta é que herói é um modelo. Sansão deveria ser modelo de uma geração sem modelos. E família é modelo, é a instituição que promove como nenhuma outra as marcas mais profundas no ser humano. Como sempre costuma dizer o Reverendo Josué Gonçalves, escritor, terapeuta familiar e palestrante, “família é a oficina do caráter”. Família é lugar de formação de gente. Herói também é gente! E o nosso Deus quer se relacionar e trabalhar com gente! Seus pais eram pessoas que tinham o sadio hábito da oração, sabiam o que era ter discernimento espiritual, deram provas e testemunho da dependência de Deus diante das eventualidades daquela geração, e Sansão cresceu vendo todos os exemplos de uma família tradicional e estribada nos princípios austeros e pontuais da lei Moisés.

“Manoá orou ao Senhor, pedindo que o homem de Deus que havia se apresentado à sua mulher voltasse para dar instruções sobre como cuidar do filho que estava por nascer.” (Juízes 13 v.8)

Falando de exemplos, a indústria cinematográfica produtora dos filmes de super-heróis (especialmente os clássicos, digo, aqueles oriundos de histórias em quadrinhos e desenhos), apresenta vários casos fictícios, porém, verdadeiros retratos da vida real, dignos da nossa observação aqui. Casos onde podemos detectar a grande influência positiva e benigna no seio de uma família tradicional. Vejamos:

BATMAN

Presenciou o assassinato dos seus pais quando era criança; desde então o mordomo Alfred foi seu bom tutor, e na sabedoria de um ancião, forja o caráter do seu pequeno patrão e ajuda-o a conviver com o trauma que o acompanharia pra sempre. Assim, o jovem canaliza ou transforma sua dor em uma incrível autodeterminação e disposição de lutar pelo bem-estar da sociedade.

SUPERMAN

Seus pais biológicos o enviaram pra Terra quando ele era um tenro bebê. Ao longo dos anos seus pais adotivos se dão conta dos poderes do kryptoniano, e com sensatez o ajudam a crescer e se adaptar ao estilo terreno de viver. Sua educação combinada com seus super poderes fazem dele um paladino na defesa da humanidade.

SPIDERMAN

Criado pelos tios, o homem-aranha desenvolve e entende bem o senso de ser e ter família. Isso mesmo, ser e ter são noções de responsabilidades distintas. Todavia, as cenas com esses seus pais de criação revelam um pertencimento emocionante, e são a demonstração que suas raízes afetivas, o fazia também ter uma forte consciência e responsabilidade com seu meio social.

Inclusive, as palavras salientadas em negrito citadas anteriormente são basilares e propositais. Dignas de ênfase nesta crítica , caráter, educação e pertencimento formam o pano de fundo introdutório destas personagens “hollywoodianas”. E diga-se de passagem, nosso titã bíblico Sansão não é uma personagem ou figura mitológica, mas alguém de carne osso que viveu entre nós. Note-se que seus pais tinham clareza no papel educativo a ser empregado, além de um ingrediente especial, um diferencial supertônico, que é a vida de oração. A influência desse costume parece ter ficado codificado na alma de Sansão, que num momento de fortíssima orou assim...

Senhor Deus, peço-te que te lembres de mim, e fortalece-me agora só esta vez, ó Deus, para que de uma vez me vingue dos filisteus, pelos meus dois olhos. (Juizes 16 v.28)

Se raciocinarmos com atenção, veremos que sua maior vitória veio de uma sincera e convicta oração. Sim, ao se posicionar entre as colunas centrais do templo de Dagom, ele suplicou ao SENHOR pedindo forças, e pasmem, Sansão recebeu outra vez forças divinas para se vingar de seus inimigos, embora tenha morrido com eles no desabamento causado no seu último movimento sobrenatural de esplendorosa robustez.

“Foram, então, os seus irmãos e toda a família do seu pai para buscá-lo. Trouxeram-no e o sepultaram entre Zorá e Estaol, no túmulo de Manoá, seu pai...” (Juízes 16 v.31)

No verso 31 notamos algo que diz muito a respeito de quem é família. No fim da vida de Sansão, sabe quem se encarrega dos protocolos funerais e decidir tudo que envolvia as tratativas do seu enterro? Não foi Dalila. Dalila não assumiu essa duríssima responsabilidade, aliás, não há nenhum registro de que ela tenha ficado de luto ou chorado pela morte do seu “amado”, ou na condição de viúva comparecido no velório. Dalila desaparece de cena pra sempre. No entanto, esse delicado papel de organizar todo cerimonial foi abraçado, coordenado e solenizado por seus irmãos. A Bíblia faz questão de registrar o último ato da história de Sansão, citando o envolvimento de todos de sua casa presentes ao sepultamento. Fico a pensar na emoção de lágrimas sinceras ali, onde seus irmãos prantearam a perda irreparável não somente de um herói nacional, mas de um consanguíneo, um vocacionado criado ao lado deles. Em vista disso, a lição moral é: Valorize permanentemente sua família! Não abra mão da sua família em hipótese alguma! É a família que vai até o fim com você. Ninguém é herói sem família!

NINGUÉM É HERÓI SEM EXPERIÊNCIAS

Penso que seja extremamente relevante dizer que as “Proezas de Sansão”, não são tão lembradas quanto sua queda. Contudo, não se pode depreciar ou minorar seus prodígios ante ao fato passional que mancha sua carreira. A propósito, em linhas atrás, menciono exatamente isso como justificativa para o autor aos Hebreus integrar o homem mais forte do mundo entre os heróis da fé. A galeria não é composta de pessoas impecáveis ou perfeitas, mas ali figura gente notável por suas atitudes de manifestar uma fé virtuosa, corajosa e regada pela esperança em Deus a despeito de problemas gigantescos enfrentados por cada um deles. As experiências moldam o caráter, e na ideia de listar os épicos “Heróis da Fé”, não há um intento de esconder os pecados dos selecionados ali, mas, exaltar as posturas ainda que limitadas, de quem não desistiu nem se rendeu diante das adversidades impostas por esta vida fugaz. E com Sansão não foi diferente. Esse grande e vigoroso danita, apesar de ingênuo, precipitado e impulsivo, adquiriu experiências positivas e negativas que o tornaram um renomado líder. Uma prova incontestável de que ninguém é perfeito. A liderança de Sansão é absolutamente transparente (isso é um fato), e salienta que viver experiências com Deus são oportunidades úteis e proveitosas, por vezes dolorosas, e ao vivê-las iremos reproduzir o quanto

de Deus está em nós. E como diz meu caro amigo Pr. Dr. Silmar Coelho: “Você pode aprender com a obediência ou com a experiência. A diferença é que com a experiência dói.

Resumidamente, eis algumas Experiências de Perdas devido seu pecado

1. A perda da Confiança dos pais 14.3
2. A perda do Autodomínio 16:1
3. A perda da condição de nazireu 16:17
4. A perda da força Divina 16:19
5. A perda da sua visão 16:21
6. A perda da sua liberdade 16:21
7. A perda da sua vida 16:30

Resumidamente, eis algumas Experiências portentosas deste nosso herói:

1. Matou um leão apenas com as mãos (Isto é, desarmado) > 14 vs.5-6
2. Massacrou 30 homens de Asquelom > 14 v.19
3. Capturou 300 Raposas e incendiou a seara dos filisteus > 15 vs.4-5
4. Segundo massacre > 15 v.8
5. Com a queixada de um jumento matou 1000 homens > 15 v.16
6. Arrancou os Portões de Gaza, e levou até Hebrom > 16 v.3
7. Destruiu o templo (pagão) de Dagom > 16 vs.29-30

Indiscutivelmente, está claro que as experiências fortalecem o nome dos heróis. Sejam elas positivas ou negativamente frustrantes, vitórias ou fracassos. Elas são essenciais, mesmo que deixe cicatrizes externas ou internas. Além do mais, cicatrizes são lembranças que de forma autêntica nos marcam, mas não nos matam. Há algumas delas que são mais importantes do que medalhas e troféus. Os campeões geralmente têm cicatrizes, sinais que apontam suas superações diante dos obstáculos e adversários. Sem sombra de dúvidas, ninguém é herói sem experiências.

NINGUÉM É HERÓI SEM PRINCÍPIOS

O que faz a nossa história não é o que a gente ouviu, mas o que a gente decidiu. E nossas decisões revelam quem realmente somos. Nossas decisões são o fruto daquilo que semeamos em nossa humanidade racional, emocional e espiritual. Daí surge a manifestação dos nossos conceitos e valores, e do nosso interior as crenças e princípios. E princípios norteiam nossos passos, planos, ações e reações. Não tenho a menor dúvida que Sansão foi doutrinado em princípios cristalinos. Sua criação é prova disso. Não obstante seja explorado por uma parte dos pregadores apenas a queda provocada por Dalila, não se pode deixar de levar em consideração

que a cultura hebraica era firme no doutrinário hábito de catequizar seus filhos na fé de Abraão, Isaac e Jacó, sendo que o direito à liberdade individual também era cultivado nos mesmos termos, portanto, cada um era responsável por suas escolhas. Sansão teve algumas escolhas impetuosas e desequilibradas, e outras sensatas e exitosas, mas a verdade é que ambas são efeitos de seus princípios. Princípios regem nossos atos.

Já que Dalila veio à baila, e para alguns não é possível falar de Sansão sem referir-se a Dalila, aproveito para refletir na Lei Mosaica que proibia o namoro desigual (Deuteronômio 7 v.3) plenamente em vigor no tempo de Sansão. Certamente era notório de todo povo tal conhecimento, inclusive do titânico juiz do povo óbvio, sendo que, esse fortíssimo homem, tudo indica, tinha uma fraqueza por mulheres... Tendência diagnosticada por seus inimigos, e explorada a ponto de enfraquecê-lo através de uma armadilha tramada para (e digo isso metaforicamente) “flechá-lo” no seu miocárdio (parte musculosa do coração).

Tudo que um adversário precisa é descobrir o ponto fraco do seu rival. Com essa arma nas mãos dos oponentes, abreviou-se então o curso de vitórias do épico líder de Israel, pois, sua quebra do princípio do sigilo, bem como do princípio do voto de nazireu, foram cruciais na interrupção da epopeia desse homem de Deus. Assim que Dalila cumpriu sua parte no contrato, ela sai de cena e os militares do povo arquirrival, os filisteus, vem e dominam o até então indomável hebreu. Logo, a lição aqui é não se vulnerabilize, expondo particularidades, segredos e intimidades a quem não é confiável. Dalila representa a falsidade, a mentira e a ilegalidade que nos rodeia querendo extrair nossas forças, e sorrateiramente golpear nossos pensamentos, sentimentos e planejamentos que devem estar concentrados na missão que temos a cumprir. Lição moral: Nunca abra mão de princípios, sobretudo, os princípios bíblicos. Eles são inegociáveis!

O senso ético é uma importantíssima faceta contida neste capítulo, que permeia não só a história de Sansão, mas de todos os outros heróis da fé. A ética é uma filosofia presente em toda construção moral bem sucedida, e no caso do homem mais forte do mundo tal preceito foi desnortado mais de uma vez por ele. A moralidade se manteve inflexível diante da conduta antiética do referido juiz de Israel, e todos nós sabemos que imoralidade é incompatível a figura de um árbitro, que por sua vez não se impõe nem é respeitado sem a prática vivaz de princípios. Afinal, ninguém é herói sem princípios.

CONCLUSÃO

Presumo que nossa geração careça muitíssimo de exemplos de força moral. A contradição entre a força física e a força moral de Sansão, deixa-nos um ensino tremendo sobre a necessidade de modelos. Assim como espelhos refletem nossa imagem, os heróis da fé são modelos de carne e osso, gente de verdade, com virtudes e fragilidades, para que possamos nos espelhar e, assimilar as lições expostas no 11º capítulo da epístola aos Hebreus, onde o escritor escalou um timãoço

catalogando seus êxitos e palpitações frente a combates e reveses na jornada da vida, pois ninguém é herói sem essas coisas. E conforme nos diz o psiquiatra Dr. Augusto Cury: “Ninguém é digno do oásis se não aprender a atravessar seus desertos”.

As vitórias são precedidas pelo surgimento de problemas, desafios e batalhas. Inclusive, muitas batalhas ocorrem mais dentro da pessoa, onde o peso emocional se não for administrado, invariavelmente se sobrepuja as estratégias. Sansão se deixou dominar pelo calor das emoções e foi traído pela autoconfiança dando vazão as inclinações da sua carne. Ainda que paradoxal, a verdade é que sua fé era tão gigante quanto sua força física, entretanto, sua carne era fraca. Esse desequilíbrio traz a nós um aprendizado notável. Embora Sansão fosse um homem revestido de unção e autoridade, sua postura licenciosa deu margem para insensibilidades que o levaram a um final de vida lamentável. Seu flerte comportamental com o pecado provocou impactos indesejados na condição de líder nacional, mas, ainda que tais acontecimentos provocaram infortúnios pessoais, por outro lado, não foram descartados pela biografia dos juízes de forma proposital. Afinal, a descrição dos atos de Sansão levaram o escritor aos Hebreus a identificar e declarar categoricamente esse nazireu como um legítimo herói da fé, e mostra que ser ungido, escolhido ou vocacionado, não anula a vigilância, não abre exceção as regras, e nem isenta ninguém da obediência a Deus. A propósito, foi esse mesmo Deus que susteve e fortaleceu o pecador Sansão na realização de suas proezas já devidamente aludidas aqui. O mesmo Deus que não tolerou a desobediência de Sansão, foi o mesmo Deus que o abençoou inigualavelmente, tornando-o um dos mais icônicos juízes de Israel. Pense nisso!

Samuel: Do Clamor a Coroa: Lições de Samuel para uma Vida de Obediência

Isaac Rúben Almeida Sales

INTRODUÇÃO

É com sincera alegria e profunda gratidão ao Senhor que dou início a este capítulo, com o coração disposto a conhecer mais de perto a trajetória do profeta Samuel. Meu desejo é aprender com os passos que ele trilhou, com as escolhas que fez e com as mensagens que Deus transmitiu por meio de sua vida, para que essas lições preciosas possam servir como direção segura para os nossos próprios caminhos e decisões. Não escrevo estas palavras como alguém que se considere sábio ou conhecedor de grandes segredos espirituais. Pelo contrário, apresento-me como um simples servo, alguém que tem sede de aprender mais sobre o Senhor e que deseja, com humildade, compartilhar aquilo que tem recebido do Senhor ao meditar nas Escrituras. O que aqui registro não nasce de títulos, diplomas ou estudos eruditos, mas de um coração que anseia ouvir a voz de Deus nas páginas da Sua Palavra, e aplicar cada ensinamento à vida diária, com submissão e fé.

Samuel foi um homem separado desde a infância para servir a Deus, e sua trajetória nos mostra lições preciosas de obediência, fidelidade e coragem em meio a um povo que muitas vezes se afastava do Senhor. Ao olhar para sua vida, encontro alguns espelhos para minha própria caminhada: suas lutas, seus dilemas e, principalmente, sua entrega total ao chamado divino.

Este projeto literário tem como objetivo resgatar os principais acontecimentos de sua história e extrair princípios espirituais que continuam vivos e necessários para nós hoje. Mais do que um relato histórico, desejo que seja um convite à reflexão pessoal: assim como Samuel ouviu a voz de Deus e respondeu “Eis-me aqui”, eu também quero aprender a dizer esse mesmo “sim” em cada área da minha vida.

Portanto, o que você encontrará nestas páginas é fruto de estudo, oração e desejo sincero de ser transformado pela Palavra. Não escrevo para ensinar, mas para caminhar lado a lado, aprendendo com Samuel e, ao mesmo tempo, deixando que sua vida inspire a minha e a sua. Que este projeto seja, acima de tudo, para a glória de Deus, e que cada lição aqui compartilhada encontre espaço em corações que, assim como eu, desejam viver preparados para toda boa obra, como está escrito em 2Tm2:21.

Ao longo destas páginas, vamos acompanhar muitos passos da sua trajetória: desde a oração persistente de sua mãe, Ana, até a sua morte como líder, juiz e profeta de Israel. Vamos contemplar como Deus trabalha na vida de um homem que se dispõe a obedecer e ouvir a Sua voz.

O foco desta obra não será apenas “o que Samuel fez”, mas “quem Samuel foi diante de Deus”.

Se você está disposto a aprender com a vida de um profeta que viveu para agradar o coração do Pai, prepare-se para uma jornada de fé, disciplina e transformação. Samuel foi um presente de Deus para Israel e será um exemplo precioso para você. Vamos nessa.

Este é um convite para uma autoavaliação: quais características, posturas e atitudes fizeram de Samuel um servo tão útil para Deus? Que tipo de coração ele possuía para ouvir a voz do Senhor ainda criança? Como manteve sua integridade diante de pressões, tentações e responsabilidades tão grandes?

O CÉU OUVI O CLAMOR

Você já esteve diante de uma situação que parecia impossível, mas algo no seu coração dizia: “Eu não vou desistir de buscar a Deus”? São momentos como esse em que a nossa fé é forjada. Não se trata apenas de obter uma resposta, mas de permitir que o Senhor molde o nosso caráter enquanto esperamos. A história de Samuel começa no coração de sua mãe, Ana, uma mulher que, mesmo na dor, aprendeu a transformar lágrimas em oração e desespero em fé.

No tempo dos juízes, Israel vivia espiritualmente distante de Deus. A liderança espiritual estava enfraquecida, a corrupção atingia até o sacerdócio, e a “Palavra do Senhor era rara”, como está escrito em 1Sm3:1. Nesse cenário, um pequeno drama familiar se desenrolava: Elcana tinha duas esposas — Penina, que tinha filhos, e Ana, que era estéril. Penina constantemente a provocava, tornando sua dor ainda mais amarga, exposto em 1Sm1:6-7. Em uma das idas ao tabernáculo em Siló, Ana, com a alma profundamente angustiada, orou ao Senhor e fez um voto: “Se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva não te esqueceres, mas lhe deres um filho homem, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida”, 1Sm1:11. O Senhor ouviu o clamor de Ana, e ela deu à luz um filho a quem chamou Samuel — “pedido a Deus” ou “Deus ouviu”, 1Sm1:20.

Ana não pediu um filho para mostrar algo a Penina ou para satisfazer um desejo pessoal. Ela pediu para consagrá-lo totalmente a Deus. Isso nos ensina que

as orações mais fortes não vêm da busca por reconhecimento ou interesse próprio, mas de um coração alinhado com a vontade do Senhor. Quando oramos assim, a resposta de Deus não abençoa apenas a nossa vida, mas também gera impacto na vida de muitos. Essa verdade eu aprendi vendo o ministério do meu pastor, Anthony Pontes, que sempre nos lembra de uma frase do pregador TB Joshua: “Se Deus te der uma visão, e essa for contrária à do homem, permaneça na visão e tenha fé em Jesus Cristo”. Essa frase representa bem a visão da Igreja Batista Tempo de Avivar - PB, onde congrego, e que tem vivido muitos milagres e impactado muitas vidas por meio da subordinação a Deus.

UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL COM DEUS

Em 2017, eu e minha esposa passamos por uma grande prova com nosso filho do meio, Daniel, que ainda bebê recebeu o diagnóstico de leucemia. A médica hematologista chegou a nos dizer que seria necessário iniciar o tratamento com quimioterapia e realizar mais transfusões de sangue. No entanto, mesmo diante desse cenário tão difícil, o Espírito Santo nos consolava e sussurrava ao nosso coração: “Confie e prepare-se para o culto de ações de graças”. Foram dias de oração silenciosa e de intensa intercessão da igreja, até que, no tempo certo, Deus realizou o milagre. Hoje, ao olhar para trás, compreendo que a espera foi tão preciosa quanto a resposta. Deus não apenas curou nosso filho, mas também preparou nosso coração para receber a bênção. Daniel hoje tem 8 anos, para a glória de Deus, e nosso coração testemunha com alegria que vale a pena confiar na retidão do Senhor.

Assim como Ana, somos chamados a confiar que Deus nos ouve, mesmo quando não vemos. Ore com propósito, esse é um desafio que deixo para você. Apresente a Deus não só seu pedido, mas também o compromisso de usar a resposta para glorificá-Lo. Talvez a sua oração hoje esteja gerando um “Samuel” espiritual — algo que Deus vai usar poderosamente para impactar vidas. Não desista de clamar, pois o Céu ainda se inclina para ouvir o clamor sincero de um coração quebrantado.

CONSAGRADO DESDE O VENTRE

Você já percebeu que Deus pode preparar alguém para grandes coisas mesmo antes do nascimento? E que a formação de um servo fiel depende de disposição para servir desde cedo, mesmo quando as circunstâncias ao redor são difíceis ou corruptas? A vida de Samuel nos mostra que o coração dedicado desde a infância se torna terreno fértil para que Deus plante Seu chamado e propósito.

Após o cumprimento da promessa e o nascimento de Samuel, Ana demonstrou sua honestidade a Deus levando o menino ainda pequeno ao templo em Siló, como escrito em 1Sm1:27-28. Ela não voltou atrás em sua palavra, mesmo sendo mãe de primeira viagem e sabendo da dor de deixar o filho, porque entendia que ele

não era apenas dela, mas pertencia ao Senhor. No templo, ele ficou aos cuidados do sacerdote Eli, que, embora tivesse falhado em corrigir e orientar seus próprios filhos, foi usado por Deus para dar a Samuel instrução e acesso ao serviço sagrado. Enquanto Hofni e Fineias desrespeitavam a santidade de Deus e transformavam o sacerdócio em vergonha, como está escrito em 1Sm2:12, Samuel seguia um caminho diferente, dedicado com pureza e integridade. Ele crescia em sabedoria e graça diante do Senhor, conforme 1Sm2:18-21, mostrando que Deus, que conhece o coração, estava moldando sua vida desde cedo. Ele não apenas foi preservado em meio a um ambiente de corrupção espiritual, mas também foi preparado como um instrumento íntegro, sensível à voz de Deus e pronto para assumir o chamado profético.

A vida desse homem de Deus nos ensina que caráter e constância não dependem apenas da autoridade humana ou de estar em um ambiente perfeito, mas nascem da escolha diária de servir ao Senhor. Mesmo cercado de exemplos ruins dentro da própria casa sacerdotal, ele decidiu permanecer firme em alinhamento com Deus e ouvir atentamente, aprendendo do que vinha de Deus. Essa atitude mostra que não é o ambiente que define quem somos, mas a forma como escolhemos responder a Ele. Essa lição me leva a refletir profundamente sobre minha própria vida: em vez de justificar falhas por causa das circunstâncias difíceis, sou desafiado a olhar para Samuel e escolher permanecer fiel. Ele nos inspira a confiar que, mesmo quando tudo ao redor parecer contrário, Deus ainda trabalha em nosso coração, nos preparando para algo maior e para cumprir Seus propósitos eternos.

Hoje, reflita: você está disposto a se consagrar ao serviço de Deus desde agora, mesmo em pequenas tarefas ou em momentos em que ninguém observa? Deus forma os Seus servos passo a passo, e a confiança nas pequenas coisas prepara para as grandes missões. Assim como Samuel foi dedicado desde o ventre ao Senhor, somos chamados a permitir que Ele molde nosso coração e caráter para que possamos ser instrumentos de honra, coragem e ousadia em Suas mãos.

A VOZ DE DEUS QUE DESPERTA O CHAMADO

Você já parou para pensar como reconheceria a voz de Deus se Ele falasse com você? E mais... será que você teria coragem de responder “Eis-me aqui” sem saber o que Ele iria pedir?

Samuel ainda era um menino quando viveu uma das experiências mais marcantes de sua vida. Dormia no templo, perto da arca de Deus, quando ouviu seu nome ser chamado. Pensando que era o sacerdote Eli, correu até ele e respondeu: “Eis-me aqui”. Isso aconteceu três vezes, até que Eli percebeu que era o Senhor quem chamava Samuel. Ele então orientou o menino a responder: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve”, conforme 1Sm3:9. A partir daquele momento, ele começou a ouvir e transmitir as mensagens de Deus com dedicação, ganhando respeito em toda Israel como porta-voz do Senhor.

Muitas vezes Deus quer falar conosco, mas estamos distraídos demais com as vozes ao nosso redor — preocupações, opiniões alheias, ruídos da vida. Samuel

estava no lugar certo (na presença de Deus) e, mesmo sem saber que era o Senhor, seu coração estava disposto a responder. O verdadeiro chamado não começa com grandes missões, mas com um coração sensível e obediente à voz divina.

Precisamos puxar o freio de mão. Escolha silenciar as distrações e criar um ambiente onde você possa ouvir a voz de Deus. Reserve um tempo de oração e, antes de pedir qualquer coisa, apenas diga: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouviu”. Prepare-se, pois quando Ele fala, Ele também capacita para cumprir Sua vontade.

SAMUEL, O PROFETA ESTABELECIDO POR DEUS

Quando Deus chama alguém, Ele não apenas fala, mas confirma diante dos homens o valor do chamado. Samuel, ainda jovem, passou a ser reconhecido não por sua idade, mas pela veracidade das palavras que saíam de sua boca. O texto de 1Sm3:19 declara: “Crescia Samuel, e o Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra.” Essa é a marca de um verdadeiro profeta: falar não por si mesmo, mas como porta-voz fiel do Senhor.

Após ouvir a voz de Deus, Samuel começou a transmitir mensagens proféticas que se cumpriam fielmente. Isso fez com que todo Israel reconhecesse que ele era profeta constituído pelo Senhor. Diferente dos filhos de Eli, que profanavam o sacerdócio, ele se firmou como um instrumento puro, obediente e totalmente dedicado à vontade de Deus. Sua vida era um contraste diante da corrupção religiosa de sua época, mostrando que o Senhor sempre levanta homens fiéis para preservar Sua verdade.

Deus não nos chama para sermos apenas ouvintes ou marionetes, mas transmissores da Sua palavra. Em um mundo onde muitos usam a boca para mentiras e interesses próprios, somos desafiados a ser como esse ungido de Deus — pessoas cujas palavras refletem a vontade de Deus. Isso significa viver de forma íntegra, deixando que nossa conduta confirme aquilo que professamos. Com toda certeza é desafiador, mas com a convicção de Quem está conosco é maior do que o que está no mundo, é encorajador para nos mantermos persistentes.

Você tem deixado que suas palavras caiam por terra ou tem buscado viver de forma que cada palavra sua esteja alinhada com a verdade do Senhor? Sempre decida ser um Samuel em sua geração: alguém que fala com autoridade não por causa de sua posição, mas por causa da presença de Deus em sua vida.

SAMUEL, INTERCESSOR E LÍDER DE UM POVO EM CRISE

A liderança espiritual verdadeira não se mede por títulos, mas pela capacidade de conduzir o povo a buscar a Deus nos momentos mais críticos. Samuel, já reconhecido como profeta, agora surge como líder e intercessor de Israel diante da ameaça dos filisteus. Seu papel foi crucial, pois ele não confiou em armas humanas, mas na força da oração e no poder do Senhor.

Em 1Sm7, o povo de Israel estava oprimido pelos filisteus. Samuel orienta o povo a abandonar os ídolos e voltar-se exclusivamente ao Senhor. Durante a batalha em Mispa, enquanto ele oferecia holocaustos e intercedia, Deus trovejou com grande estrondo contra os inimigos, confundindo-os e dando vitória a Israel. Depois, Samuel ergueu uma pedra e a chamou de Ebenezer, que significa “até aqui nos ajudou o Senhor”, como está escrito em 1Sm7:12. Esse marco foi mais do que um memorial histórico: foi um testemunho da providência de Deus em resposta à oração.

Nosso tempo também é de crises — familiares, espirituais, sociais e até ministeriais. Muitas vezes nos sentimos cercados, sem força própria para vencer. O exemplo desse profeta nos ensina que a vitória não vem da força do braço, mas da rendição diante de Deus. A intercessão abre portas para milagres e transforma derrotas em testemunhos de vitória.

Você tem enfrentado batalhas em que parece estar em desvantagem? Lembre-se: Samuel não buscou estratégias humanas, mas recorreu ao altar de Deus. O convite é que você levante o seu “Ebenezer”, reconhecendo que só até aqui o Senhor já te ajudou, e crendo que Ele continuará a guerrear por você.

SAMUEL, JUIZ ITINERANTE E GUARDIÃO DA JUSTIÇA DE DEUS

Além de profeta e intercessor, Samuel exerceu também a função de juiz sobre Israel. Esse cargo não se resumia a decidir conflitos civis; significava ser um instrumento de Deus para guiar o povo em santidade e justiça. Ele percorreu diversas cidades, liderando com imparcialidade e temor ao Senhor, tornando-se referência de integridade em meio a uma geração marcada por idolatria e instabilidade.

Conforme 1Sm7:15-17, Samuel julgava Israel durante toda a sua vida. Ele fazia um circuito anual entre Betel, Gilgal e Mispa, ouvindo o povo, orientando e aplicando a justiça conforme a Lei de Deus. Depois, voltava a Ramá, onde residia e onde erigiu um altar ao Senhor. Seu papel foi essencial para manter a ordem social e espiritual, pois não havia rei em Israel, e cada um fazia o que achava certo, como está escrito em Jz21:25. Samuel, portanto, foi um elo entre o período dos juízes e o início da monarquia.

Vivemos dias em que a justiça humana é falha e muitas vezes parcial. Porém, como Samuel, somos chamados a viver e praticar a justiça de Deus em nossa casa, no trabalho e em todos os ambientes. A liderança cristã exige integridade: ser justo mesmo quando isso contraria interesses pessoais. O juiz Samuel nos lembra que a autoridade verdadeira não vem do cargo, mas do caráter moldado pelo Senhor.

CONCLUSÃO

Samuel é uma das figuras mais marcantes da história bíblica, um homem cuja vida inteira foi moldada pela oração, pela consagração e pela submissão ao Senhor. Seu nascimento já carregava uma dimensão espiritual profunda, pois ele veio ao mundo como resposta à súplica de sua mãe. Desde o início, ele não pertenceu a si mesmo nem à sua família, mas ao Deus vivo que o chamou ainda criança no templo em Siló. Essa chamada inicial marcou o destino de Samuel: ser profeta, sacerdote e juiz em um período de transição na história de Israel, conduzindo a nação do tempo dos juizes para o estabelecimento da monarquia.

Espiritualmente, o legado de Samuel está fundamentado na sua lealdade e na sua disposição de ouvir e obedecer a voz de Deus, ainda que isso o colocasse em situações de confronto e incompreensão. Em meio a um povo instável, que frequentemente oscilava entre servir ao Senhor e adorar ídolos, Samuel foi uma voz firme, chamando Israel ao arrependimento e à santidade. A vitória contra os filisteus em Mispa, obtida por meio da intercessão desse profeta, mostrou que o poder do Senhor era o verdadeiro escudo e sustento da nação. Sua vida de oração e sua intercessão constante se tornaram marcas de sua liderança espiritual.

O momento em que Israel pediu um rei foi talvez um dos maiores desafios pessoais e espirituais de Samuel. A rejeição não foi apenas contra sua liderança, mas contra o próprio Deus, que reinava sobre o povo. Ainda assim, ele não se deixou levar pelo orgulho nem pela amargura; buscou ao Senhor em oração e recebeu a direção para atender ao desejo do povo. Assim, ungiu Saul como o primeiro rei de Israel. Porém, como profeta fiel, não se calou diante dos erros e desobediências de Saul. Com coragem, declarou a sentença divina, afirmando que a obediência vale mais do que o sacrifício e que o Senhor rejeitara Saul por sua rebeldia. Essa postura mostra o coração espiritual de Samuel: mais preocupado em agradar a Deus do que em manter alianças humanas.

Em seus últimos anos, Samuel viveu como um homem respeitado, uma referência espiritual e moral para toda a nação. Mesmo com idade avançada, permaneceu ensinando, julgando e intercedendo. Sua honradez se estendeu até o fim, sem se corromper, sem buscar glória pessoal e sem ceder à tentação de usar sua posição em benefício próprio. Sua morte foi sentida por todo Israel, que chorou a perda de um líder que havia sido um guia espiritual, um conselheiro e um exemplo de integridade.

O desfecho espiritual da vida de Samuel aponta para algumas verdades preciosas. Primeiro, ele nos mostra que uma vida dedicada ao Senhor desde a infância pode produzir frutos eternos. Segundo, evidencia que a verdadeira grandeza espiritual não está em posições de poder, mas em obedecer fielmente à vontade de Deus. Terceiro, revela que a missão de um servo do Senhor não é agradar aos homens, mas permanecer firme como voz profética, ainda que incomode ou confronte. Samuel não viveu para si mesmo; viveu o propósito de Deus, e por isso sua vida foi plenamente cumprida.

Ao ungir Davi, Samuel participou do plano divino que culminaria, séculos depois, na vinda do Messias, Jesus Cristo. Assim, sua trajetória não termina apenas em sua morte, mas se estende no cumprimento da promessa maior de Deus. Samuel foi o elo entre o período dos juízes e a monarquia davídica, e sua fidelidade foi parte essencial do cumprimento da história da redenção. Seu desfecho espiritual é o de um homem que terminou sua carreira em paz, reconhecido não apenas pelos homens, mas sobretudo pelo Senhor, que o chamou desde a infância e o sustentou até o fim. Samuel nos inspira a sermos fiéis em toda a jornada, lembrando que o maior legado que podemos deixar não é material, mas espiritual: uma vida de observância e intimidade com Deus.

Davi: Do Pasto ao Trono

A Jornada do Improvável

Paulo Francisco Mota

DAVI: O HOMEM SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

Davi, o homem segundo o coração de Deus, não poderia ficar de fora desta galeria de heróis da fé. Sua trajetória é marcada por eventos que, aos olhos humanos, pareciam improváveis e até impossíveis. Em várias fases de sua vida, tudo indicava para o fracasso — mas Deus transformou cada situação em vitória.

Pergunta para reflexão: O improvável pode acontecer na vida do servo fiel ao Senhor?

ORIGEM E JUVENTUDE

Davi nasceu em Belém, na região de Judá, por volta de 1040 a.C. Filho mais novo de Jessé, cresceu como pastor de ovelhas e exímio tocador de harpa. O Salmo 51:5, escrito por ele, diz: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (ARA).

Alguns estudiosos interpretam esse texto como referência ao pecado original herdado por toda a humanidade; outros sugerem que Davi poderia ter sido fruto de um relacionamento ilícito. Se essa hipótese fosse verdadeira, talvez explicasse por que Jessé não o apresentou inicialmente a Samuel quando o profeta pediu para ver todos os seus filhos.

Independentemente disso, o fato é que o improvável aconteceu: o filho mais novo foi ungido rei diante dos irmãos mais velhos. Desde cedo, Davi demonstrava um coração voltado para Deus, expressando isso em louvor e adoração.

A UNÇÃO E A IDADE DE DAVI

Quando Samuel o ungiu, Davi tinha provavelmente menos de 15 anos. A Bíblia relata (1Sm 17:12-13) que três irmãos mais velhos já estavam na guerra, e a Lei (Nm 1:3) exigia idade mínima de 20 anos para servir no exército. Isso significa

que Davi e outros quatro irmãos mais novos ainda não tinham atingido essa idade, sendo Davi o caçula.

Além disso, antes mesmo de enfrentar Golias, Davi já havia matado um leão e um urso para proteger seu rebanho, evidenciando coragem e determinação incomuns para um adolescente.

O SERVIÇO AO REI SAUL

Após a desobediência de Saul, o Espírito do Senhor se retirou dele, e um espírito maligno o atormentava. A desobediência ocorreu em dois momentos. O primeiro, descrito em 1 Samuel 13, foi quando ele ofereceu sacrifício a Deus, um ato reservado aos sacerdotes, sem esperar o profeta Samuel. O segundo, relatado em 1 Samuel 15, foi a falha em não destruir totalmente os amalequitas, ordem dada por Deus, poupando o rei e os bens. Por causa disso, seguindo o conselho de seus servos, Saul pediu que trouxessem um músico talentoso para acalmá-lo com harpa. Davi foi escolhido para essa função, entrando no ambiente real muito antes de assumir o trono.

A BATALHA CONTRA GOLIAS

O episódio mais marcante da juventude de Davi foi o confronto com o gigante Golias. Por quarenta dias, o filisteu desafiou e afrontou o exército de Israel, sem que nenhum soldado se dispusesse a enfrentá-lo — mesmo com a promessa de riquezas, casamento com a filha do rei e isenção de impostos para sua família.

Enviado por seu pai para levar mantimentos aos irmãos, Davi presenciou a afronta de Golias e se incomodou. Para ele, a afronta não era só à nação de Israel, mas ao próprio Deus. Ele acreditava que podia vencer o gigante, pois Deus já o havia livrado do urso e do leão que conseguiu matar, e se ofereceu para lutar contra Golias. Saul, desconfiado por causa de sua pouca idade, tentou vesti-lo com armadura, mas Davi recusou, preferindo sua funda e cinco pedras retiradas do riacho.

A Bíblia menciona a existência de cinco gigantes filisteus naquela época, em 1 Crônicas 20:5 e 2 Samuel 21:20-22, e alguns estudiosos interpretam que cada pedra representava um desafio futuro — uma pedra para cada gigante — mostrando a preparação e confiança de Davi. Sua segurança não estava em sua habilidade, mas no Senhor: “Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos” (1Sm 17:45).

Com um único disparo, Davi derrubou Golias, cortando-lhe a cabeça com a própria espada do gigante. O improvável aconteceu mais uma vez: um simples pastor de ovelhas, com pouca idade, venceu um Gigante guerreiro experiente, e toda Israel testemunhou que a vitória vem do Senhor.

A PERSEGUIÇÃO DE SAUL CONTRA DAVI

Após derrotar Golias, Davi ganha prestígio e fica mais próximo da família real de Saul. Davi já sabia que seria Rei, mas não passou por cima dos seus princípios para alcançar o trono, pois reconhecia a autoridade de Saul.

Samuel ungiu Davi como rei em segredo. Contudo, com o tempo, evidências circunstanciais começaram a revelar o futuro de Davi. Sua crescente popularidade, desempenho militar e a rejeição de Saul por Deus devido a sua desobediência contribuíram para que Saul percebesse a mudança de favor divino e o futuro destino de Davi. Isso ficou percebido nas canções das mulheres que exaltavam Davi, como citado na Bíblia: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares". Saul, então, questionou: "na verdade, que lhe falta, senão só o reino?" (1Sm 18:8b).

Movido de inveja, Saul tenta matar Davi em vários momentos e, em todos eles, vimos a mão de Deus agindo em favor de Davi. O desfecho mais provável seria a sua morte, mas quando Deus tem um plano para a nossa vida, nada pode impedir o seu cumprimento, mesmo que se levante gigantes e até mesmo alguém próximo a nós. Isso é exemplificado na relação de Davi com Saul, que era como um pai para ele, além de ser o pai de seu amigo Jônatas, e de Mical, sua esposa.

Além disso, Davi tinha um profundo respeito por Saul, pois sabia que era o ungido do Senhor. Saul, por sua vez, tinha ódio e medo de Davi porque Deus estava com ele e porque já sabia que o seu reino não iria perdurar depois da sua desobediência. Assim, Davi foge de Saul e é perseguido pelo Rei. E, por duas vezes, Davi tem oportunidade de matar Saul: na primeira ocasião, Saul entrou na caverna para se aliviar, segundo o texto de 1 Samuel 24:3, ele entrou na caverna a cobrir os seus pés, sem saber que Davi e seus homens estavam escondidos lá no fundo. Os homens de Davi, então, disseram que era a oportunidade para matá-lo e o incentivaram a agir. No entanto, Davi não o fez, apenas cortou secretamente um pedaço da capa de Saul para provar que o havia poupado.

Em uma segunda ocasião, Saul, enquanto perseguiu Davi, parou para descansar e adormeceu. Aproveitando a oportunidade, Davi pegou a lança e o jarro de água do rei, que estavam próximos à sua cabeça. Nessas duas vezes, parecia que Saul não iria mais perseguir e matar Davi, mas isso não aconteceu. Mesmo com os seus homens aconselhando-o para aproveitar a oportunidade e matar Saul, Davi fez o improvável: não quis antecipar, pelas suas mãos, o seu acesso ao trono. Ele optou pelo caminho correto, ele confiava em Deus, pois sabia que, mais cedo ou mais tarde, o trono lhe seria entregue sem que precisasse sujar suas mãos. Quantas vezes, na busca por nossos sonhos e promessas, quebramos princípios e desagradamos a Deus? Tentamos antecipar etapas, agindo conforme a nossa própria vontade e não a de Deus, impacientes, sem esperar no Senhor.

O exemplo de Davi é colocado em contraste com o contraexemplo de Saul, que poupou as ovelhas dos amalequitas, dizendo que faria um sacrifício ao Senhor, quando a ordem de Deus não era para poupar nada e ninguém. 1 Samuel 15:22 diz: "Porém Samuel disse: Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos

e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.”

DAVI E SEUS VALENTES NA CAVERNA DE ADULÃO

Davi recrutou homens rejeitados, endividados, amargurados, insatisfeitos e com problemas, como está escrito em 1 Samuel 22:1,2: “Então Davi se retirou dali, e escapou para a caverna de Adulão; e ouviram-no seus irmãos e toda a casa de seu pai, e desceram ali para ter com ele, e ajuntou-se a ele todo o homem que se achava em aperto, e todo o homem endividado, e todo o homem de espírito desgostoso, e ele se fez capitão deles; e eram com ele uns quatrocentos homens.”

Davi trabalhou com esses homens e os transformou em valentes, notáveis, guerreiros habilidosos e corajosos. E, mais uma vez, o improvável acontece na vida de Davi. Com isso, aprendemos que a sua condição não determina o seu destino, você pode estar amargurado, desacreditado, endividado, mas há um Rei que acredita em você e quer te levantar. Aqueles homens passaram pela caverna de Adulão, um lugar de refúgio e não de sepultamento, apenas um período de transição para prepará-los para coisas extraordinárias. Eles reconheceram a autoridade de Davi e foram recompensados, tornaram-se um poderoso exército, conhecidos para sempre como os valentes de Davi.

DAVI EM ZICLAGUE

Fugindo de Saul, por duas vezes, Davi procurou Aquis, Rei dos Filisteus. No primeiro encontro, ele fingiu loucura para evitar ser reconhecido como inimigo: riscando as portas da Cidade e deixando escorrer saliva pela barba. Aquis, então, disse aos seus conselheiros, “Vejam este homem! Ele está louco! Por que trazê-lo aqui?” então deixou-o ir embora. No segundo encontro, Davi foi recebido pelo Rei Aquis, que atendeu ao seu pedido de ceder uma cidade para que ele ficasse com seu exército e suas famílias. A cidade de Ziclague foi dada a Davi, e Saul, avisado de que Davi tinha fugido para Gate, não cuidou mais em o buscar.

Em Ziclague, onde viveu durante um ano e quatro meses, Davi dizia que estava atacando cidades da Judéia. Porém ele, na verdade, saqueava os gesuritas, girzitas e amalequitas. Quando os filisteus organizaram um ataque contra Saul, Aquis confiava em Davi e seus homens a sua retaguarda, porém, os outros príncipes filisteus não queriam que Davi fosse para batalha, não acreditando que Davi fosse lutar contra o seu próprio povo. Assim, Aquis dispensou Davi e seus homens, instruindo-os a voltar a Ziclague para que não irritasse os outros governantes filisteus.

Ao obedecerem a ordem do rei, e partirem para Ziclague, Davi e seus homens encontraram a cidade queimada, e suas famílias (incluindo as duas esposas de Davi) levadas como cativas pelos amalequitas. Os homens de Davi ficaram tão

desesperados que falavam em apedrejá-lo. Contudo, Davi se fortaleceu no Senhor. O futuro rei consultou a Deus através do sacerdote Abiatar, e a resposta foi para que ele perseguisse os invasores, pois certamente os alcançaria. Davi encontrou os amalequitas e os atacou, recuperando tudo o que havia sido roubado, incluindo suas duas esposas e todos os seus bens. Davi, então, estabeleceu que a parte do despojo fosse igual para aqueles que lutaram e para os que ficaram com as bagagens, algo que se tornou lei em Israel.

Na caverna de Adulão, Davi recebeu aqueles homens desacreditados, trabalhando com eles para resgatar sua autoestima e formar um grupo forte de guerreiros. Já em Ziclague, essa formação continuou: ele encontrou um local de proteção e teve práticas de guerra que forjaram ainda mais esses valentes. A experiência em Ziclague nos ensina duas lições essenciais. A primeira é que Deus pode transformar o terreno do inimigo em um lugar de paz e sossego. A segunda é a importância de proteger nossa família, algo que Davi poderia ter reforçado. Contudo, mesmo quando os seus liderados queriam apedrejá-lo, ele teve equilíbrio e optou pela melhor escolha: que foi buscar e consultar a Deus.

Quantas vezes, quando nossa família é atacada e somos abandonados até por amigos que querem nos apedrejar, ficamos sozinhos, nos desesperamos e tomamos decisões erradas? É nessas horas que precisamos ter a mesma atitude de Davi: não revidar, não reclamar, mas buscar a resposta de Deus para agir da forma correta. Precisamos lutar pela nossa família, resgatá-la e jamais abandoná-la. Muitas pessoas preferem abandonar tudo, desistir das amizades e não perdoar. Além da sua fé, Davi se mostrou um líder por excelência ao ser justo, dividindo igualmente o despojo de guerra com os dois grupos.

O VALOR DA AMIZADE - DAVI, JÔNATAS E MEFIBOSETTE

Enquanto Davi lidava com as consequências do ataque dos amalequitas a Ziclague, os Filisteus estavam guerreando contra os israelitas. Nesse combate, morreram Saul e também seu filho Jônatas, grande amigo de Davi. Essa amizade pôde ser demonstrada por esses dois homens enquanto Jônatas, mesmo sabendo que seria o legítimo herdeiro do trono de seu Pai, não agiu da mesma forma que Saul. Ele percebeu que os motivos de tanta perseguição a Davi contrariavam a vontade de Deus. Saul, por sua vez, não queria ver seu filho sem a coroa. Apesar de saber que perderia o trono aos olhos humanos, Jônatas honrou sua amizade com Davi e o ajudou a escapar da perseguição de seu pai.

Da mesma forma, Davi demonstrou o valor da amizade de maneira prática. Quando já estava no trono, como rei, buscou saber se tinha algum descendente de Jônatas ainda vivo. Logo, foi informado sobre Mefibosete, que era aleijado e estava esquecido em Lodebar. Davi, então, mandou chamá-lo para abençoá-lo. Podemos imaginar o que se passava na cabeça de Mefibosete, pois ele sabia que, como potencial herdeiro, seria um alvo — normalmente, quando uma nova dinastia surgia, os novos reis eliminavam as pessoas que poderiam reivindicar o Trono.

Mefibosete talvez tenha imaginado que estava sendo chamado para morrer. Na verdade, Davi mostrou o valor real de uma amizade: mesmo após a morte de seu amigo, demonstrou favor e cumpriu a aliança de amizade que tinha com Jônatas.

Ademais, Davi restituiu as terras do avô de Mefibosete, proveu-lhe farta renda e o acolheu como um filho, dando-lhe a honra de morar no Palácio real e de assentar-se à mesa com ele e seus filhos. Assim, o extraordinário aconteceu na vida de Davi através de sua relação com Jônatas e da graça estendida a Mefibosete.

Com isso, podemos aprender o valor real de uma amizade, como nos ensina Provérbios 18:24: “Quem tem muitos amigos pode chegar à ruína, mas existe amigo mais chegado que um irmão”. Essa passagem descreve um amigo verdadeiro que oferece um apoio e uma ligação tão forte que transcende os laços de sangue. Podemos aprender também com Mefibosete, que via a si mesmo como um “cão morto”, mas foi distinguido por Davi como um príncipe.

Quantas vezes estamos esquecidos, tristes, doentes, endividados e duvidosos sobre o futuro? O Rei Jesus pode transformar toda maldição em bênção, como Davi fez com Mefibosete, restaurando a dignidade que foi perdida em Lodebar. Este episódio nos ensina que, nas adversidades, a fidelidade de Deus permanece como uma âncora segura. Ele usa pessoas e situações, muitas vezes de maneiras inesperadas, para manifestar seu cuidado e cumprir suas promessas.

A história de Mefibosete nos encoraja a confiar na fidelidade de Deus, lembrando-nos que Ele está presente e atuante, mesmo quando as circunstâncias parecem desfavoráveis. Assim, a promessa feita a Mefibosete ecoa como um lembrete para todos nós: Deus é fiel e sua bondade e misericórdia nos acompanham mesmo nas adversidades mais profundas. Este entendimento não apenas nos oferece conforto, mas fortalece nossa fé, incentivando-nos a confiar em Deus e em seu plano divino para nossas vidas, mesmo diante dos desafios.

A CHEGADA AO TRONO

Davi assume o trono de Israel em duas etapas principais: primeiro, após a morte do rei Saul, foi coroado rei sobre a tribo de Judá em Hebrom. Posteriormente, após sete anos e meio e depois da morte de Isbosete (filho de Saul), as outras tribos de Israel uniram-se a ele em Hebrom. Ele foi, então, ungido rei sobre todo o Israel, reinando por trinta e três anos adicionais em Jerusalém.

Sua ascensão ao trono foi marcada pela espera e pelo amadurecimento, sem que precisasse levantar a mão contra Saul e seus filhos. Isso nos mostra que não precisamos nos voltar contra ninguém para alcançar aquilo que Deus já nos reservou.

O PECADO DE DAVI

A história de Davi e Bate-Seba, relatada na Bíblia (2Sm 11-12), narra o adultério do Rei Davi com Bate-Seba e a subsequente morte de seu marido, Urias, para encobrir o ato. Após ser repreendido pelo profeta Natã, Davi se arrependeu, mas sofreu as consequências do seu pecado, incluindo a morte do filho que Bate-Seba esperava e tumultos em sua família.

Um dia, enquanto caminhava pelo telhado do palácio, Davi viu Bate-Seba, esposa de Urias — um de seus fiéis soldados — tomando banho. Davi mandou buscá-la e teve relações sexuais com ela. Bate-Seba engravidou de Davi.

Davi tentou ocultar seu pecado chamando Urias da guerra e esperando que ele fosse para casa com a esposa. Seu objetivo era dissimular a paternidade do filho. Urias, no entanto, recusou-se a ir para casa enquanto seus companheiros estavam em guerra. Diante da recusa, Davi ordenou a Joabe, seu comandante do exército, que colocasse Urias na frente da batalha mais intensa, garantindo sua morte. Urias foi morto em combate e, após o luto, Davi tomou Bate-Seba como sua esposa.

Deus enviou o profeta Natã a Davi para repreendê-lo por sua iniquidade. Natã contou a Davi uma história sobre um homem rico que tirou a única cordeira de um homem pobre para alimentar um visitante. Ao ouvir a história, Davi ficou indignado e disse que o homem merecia a morte. Natã então o confrontou: “Tu és este homem”.

Como resultado do pecado, o filho que Bate-Seba esperava morreu e Davi chorou e se arrependeu de seus atos, descrito de maneira sincera no Salmo 51:1-2 (ACF): “Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado.”

Mesmo com esse pecado, Davi foi considerado por Deus como o homem segundo o seu coração, conforme Atos 13:22b (ARA): “Achei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda minha vontade.” Ele realmente pecou e, para os olhos humanos, pecados graves, mas podemos ver que Davi se arrependeu verdadeiramente. Além disso, não podemos esquecer de suas qualidades, como: fidelidade, humildade, obediência, sinceridade, confiança em Deus, submissão e adoração.

Em 1 Crônicas 3:5 vemos que Davi coloca o nome de um de seus filhos com Bate-Seba de Natã, o nome do profeta que o repreendeu, mostrando que diferentemente de outros reis que executavam profetas que o repreendiam, Davi se mostrou humilde e agradecido por Deus em corrigi-lo.

Não devemos questionar como Davi pôde ser considerado um Homem segundo o coração de Deus com esses pecados. Devemos, sim, ter confiança: se Davi foi considerado por Deus com essa qualidade, nós também podemos ser.

Dessa forma, podemos ver o improvável, mais uma vez, acontecendo na vida de Davi — quando considerado por Deus o homem segundo o seu coração. Isso nos mostra que Deus não o escolheu por causa de suas habilidades e performance

— seja com instrumentos musicais, composições, lutas ou beleza. Davi foi escolhido por causa de seu coração. A base para alcançarmos os sonhos e a realização dos projetos de Deus está, de fato, intrinsecamente ligada à condição do nosso coração.

INCESTO E HOMICÍDIO NA FAMÍLIA

As consequências do pecado de Davi foram a perda da alegria e comunhão com Deus, o sofrimento pessoal e emocional, a morte de quatro filhos e o enfraquecimento do Reino. O pecado afetou não só ele, mas sua família e o reino, levando a conflitos e uma guerra civil que ameaçou a monarquia de Israel.

Davi perdeu a alegria da comunhão com Deus, como é falado por ele no Salmo 51:12 (ARA): “Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário”. O pecado causou profundas feridas na alma, manifestadas em vários salmos de lamento. É possível perceber no Salmo 51 um profundo clamor por misericórdia, perdão e arrependimento — uma oração sincera pedindo purificação e restauração espiritual. O salmista buscava um coração puro e um espírito renovado para ser reconciliado com Deus. Esta é a principal razão de Davi ser reconhecido como um homem segundo o coração de Deus: mesmo após graves pecados, ele se arrependeu e confessou para Deus de maneira sincera.

As consequências familiares haviam sido profetizadas pelo profeta Natã quando ele repreende Davi por seu pecado: “Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa, porquanto me desprezaste e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser sua mulher” (2 Sm 12.10 ARA).

O primeiro filho de Bate-Seba com Davi morreu no sétimo dia, após adoecer gravemente. Davi clamou e jejuou muito pelo bebê. Contudo, após receber a notícia do falecimento, ele lavou-se, ungiu-se, mudou de vestes, entrou na casa do Senhor e adorou. Só depois disso voltou para casa, pediu pão e se alimentou. Essa atitude nos mostra o compromisso e a dependência de Davi em Deus. Ele não ficou revoltado, mas foi adorar a Deus, revelando a atitude correta do servo de Deus diante de uma perda dolorosa, mesmo sabendo que era consequência do seu pecado.

A tragédia mais forte na família de Davi aconteceu com três de seus filhos: Amnom, possível herdeiro do trono, Tamar, sua meia irmã e Absalão. Amnom cobiçou e abusou de Tamar. Amnom, com a ajuda e orientação de seu primo Jonadabe, finge estar doente para atrair Tamar até ele. Após o ato, o amor superficial de Amnom se transforma em ódio ainda maior, e ele ordena que Tamar seja expulsa, sem compaixão por ela. Tamar, então, vai para casa de Absalão, que prometeu consolo, mas esconde sua intenção de vingança.

Dois anos após o incidente, Absalão decidiu vingar a irmã mandando matar o seu irmão. Para isso, ele convidou todos os filhos do rei, incluindo Amnom, para uma festa. Absalão deu a ordem para que seus servos matassem Amnom quando este estivesse embriagado com vinho. Após o assassinato, os outros filhos do rei fugiram em suas mulas. A notícia inicial para Davi foi que todos os seus filhos

havia sido mortos, o que o levou a um profundo luto. No entanto, o sobrinho de Davi, Jonadabe, informou-o que apenas Amnom fora morto e que Absalão tinha um plano desde o dia em que Tamar foi violentada. Como consequência, Absalão fugiu para terra de seu avô materno, o Rei Gesur, onde permaneceu por três anos.

A REBELIÃO DE ABSALÃO

Após isso, Absalão rebelou-se contra o próprio pai por ambição e vingança, usando sua beleza e carisma para conquistar o apoio de Israel e se proclamar rei em Hebrom. Absalão cativou o povo, prometendo justiça e atendimento às suas necessidades, que não encontravam no rei. Ele se autodeclarou rei em Hebrom, o que levou à adesão de vários israelitas. Por isso, Davi foi forçado a deixar Jerusalém, fugindo para o monte das Oliveiras e, posteriormente, atravessou o rio Jordão, estabelecendo-se em Maanaim.

A rebelião acabou em uma batalha na floresta de Efraim, onde o exército de Absalão foi derrotado. Ele ficou preso pelos cabelos e foi morto por Joabe, comandante do exército de Davi, apesar da ordem de Davi para que seu filho fosse poupado. Davi lamentou profundamente a morte do filho, mesmo após suas ações rebeldes, e a sua morte entristeceu o povo.

SUCESSÃO DO TRONO PARA SALOMÃO

Em idade avançada, Davi presenciou ainda outra tentativa de disputa pelo seu trono com outro filho. Adonias proclamou-se rei e convidou príncipes e poderosos do reino para apoiá-lo, buscando alianças com o General Joabe e o sumo sacerdote Abiatar. A tentativa foi frustrada pela recusa de outros membros da corte, incluindo o sacerdote Zadoque, Benaia, o profeta Natã e a guarda especial de Davi.

O profeta Natã e Bate-Seba, mãe de Salomão, alertaram o rei Davi sobre as ações de Adonias, e Davi ordenou que Salomão fosse coroado rei em seu lugar, garantindo a sucessão. Ao ouvir o barulho da festa e a aclamação de Salomão, Adonias e seus convidados fugiram com medo de serem punidos. Adonias buscou refúgio no Tabernáculo, agarrando-se às pontas do altar para buscar o perdão de Salomão, que não o puniu com a morte. O atual rei permitiu que Adonias ficasse em casa, com a condição que se comportasse de maneira justa. Mais tarde, após a morte de Davi, Adonias tentou se casar com Abisague, uma concubina de Davi. Essa atitude foi vista por Salomão como uma nova tentativa de reivindicar o trono. Por isso, Salomão ordenou que Adonias fosse executado.

A espada não se apartou da casa de Davi, mesmo após a sua morte, estendendo-se até o falecimento do seu quarto filho, como consequência do seu pecado. Entretanto, podemos ver mais uma vez o inesperado acontecendo no final da vida de Davi, que tinha várias esposas: Salomão, filho justamente de Bate-Seba, a mulher com quem havia cometido adultério, foi escolhido e confirmado por Deus como o sucessor do trono. Esta escolha evidencia que Deus perdoou Davi.

Isso nos mostra que servimos a um Deus misericordioso, que sabe das nossas fraquezas e está pronto para nos perdoar e nos restaurar, quando confessamos e nos arrependemos dos nossos pecados. Ele nos surpreende e nos deixa constrangidos com grande amor e graça para conosco.

Salomão sucedeu Davi como rei e, mais tarde, construiu o templo do Senhor, que Davi havia sonhado em construir. Por fim, Jesus Cristo nasceu como descendente de Davi, como diz Mateus 1.1(ARA): “Livro da genealogia de Jesus, filho de Davi, filho de Abraão”, maior honra possível ao Rei Davi. Com isso, cumpriu-se a profecia de 2 Samuel 7 (ARA): “Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e firmarei o seu reino. Ele edificará casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre”. Essa promessa é cumprida em Jesus Cristo, o Rei eterno, cujo reinado não terá fim.

CONCLUSÃO

O improvável pode acontecer na vida do servo fiel do Senhor? Através da vida de Davi, podemos concluir que sim. Deus exalta os humildes e levanta o improvável para realizar seus planos, como fez na vida de Davi, escolhido por Deus para ser rei de Israel. A coragem nasce da confiança em Deus, não da ausência do medo. Não é errado ter medo, mas a melhor maneira de vencê-lo é enfrentando-o e confiando no poder de Deus. Os soldados de Israel ficaram paralisados diante do gigante Golias, mas um jovem pastor, movido pela fé, mostrou que o Senhor pode fazer quando alguém se dispõe a lutar pelo seu nome. Mesmo sendo ungido rei, Davi manteve-se obediente a seu pai, cuidando das ovelhas e servindo a Saul — uma atitude que abriu portas e o preparou para o propósito de Deus.

Sua liderança por excelência levou homens tristes, endividados e desacreditados, prováveis derrotados na vida, a se tornarem grandes guerreiros vitoriosos. A fidelidade na amizade foi demonstrada na sua aliança com Jônatas, um amigo mais chegado que um irmão, e pelo favor para com Mefibosete, filho de Jônatas. Por fim, seu arrependimento e perdão, mostram o amor de Deus para aqueles que verdadeiramente confessam e se arrependem dos seus pecados.

Assim, Davi é um herói da fé, merecidamente presente na lista de Hebreus 11, porque viveu acreditando que Deus é maior do que qualquer desafio. Sua vida, desde a juventude até o trono, é a prova de que o Senhor transforma pastores em reis e meninos em guerreiros. Do improvável para o provável, que sua história nos inspire a enfrentar nossos “gigantes” com a mesma ousadia e dependência de Deus.

Baraque: Uma História de Fé e Superação

Rivaldo Firmino dos Santos

A história de Baraque, um dos líderes de Israel, é relatada na Bíblia, nos capítulos 4 e 5 de Juízes. Esse líder recebeu as orientações da juíza e profetisa Débora (Jz 4: 7-10 - ARA), e ambos, acompanhados do esquadrão ordenado pelo Senhor, a partir da profecia revelada por Débora, conseguiram derrotar o exército inimigo, que, embora mais numeroso e mais bem preparado, não resistiu aos ataque.

Em princípio, a opressão gerada pelos cananeus, que já durava 20 anos, mostrava-se um período de grande sofrimento para Israel. As terras montanhosas das tribos do norte de Israel, Naftali e Zebulom, eram disputadas pelos cananeus, cujo povo controlava as regiões dos vales. A história nos conta que, após a morte de Eúde (segundo juiz de Israel), os israelitas voltaram a pecar, e Deus os entregou nas mãos de Jabim, rei de Hazor, cidade ao norte de Canaã (Jz 4: 1-2 - ARA). Jabim possuía um exército forte, com muitas carruagens de ferro, e seu general, Sísera, impunha a escravidão a Israel.

Depois de 20 longos anos de sofrimento, Deus, em sua eterna misericórdia, decidiu pôr fim àquele ciclo e trazer a Israel um plano de libertação que exigiria disciplina e obediência. A concordância e o propósito de unidade foram necessários para estabelecer um novo ciclo na história de seu povo. A Bíblia nos relata que isso se inicia com a chamada de Deus ao guerreiro Baraque, conforme apontado. Nascido por volta de 1200 a.C. na cidade de Quedes, tribo de Naftali, ele viveu grande parte de sua juventude durante a opressão de seu povo por Jabim II e Sísera, sendo este o comandante do exército poderoso que oprimiu Israel.

Baraque, por não se ver capacitado, teve dificuldade em aceitar a convocação divina e, por isso, viveu um período de hesitação. Deus suscitou uma juíza e profetisa chamada Débora, uma mulher que recebia mensagens de Deus e as revelava ao povo. Os juízes atuavam como mediadores, libertadores, árbitros e administradores das questões públicas, sendo ela, portanto, uma peça importante no projeto de libertação do sofrimento causado por Jabim II. Segundo a Bíblia, a juíza atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel (Jz 4: 4 - ARA). Dessa forma, os combatentes Baraque e Débora sacramentam a aliança e seguem firmes no propósito a que foram direcionados (Jz 4:9 - ARA).

No dia da batalha, Deus enviou uma tempestade gigantesca. O chão ficou

tão encharcado que impediu a movimentação dos pesados carros de guerra do general Sísera e, assim, eles foram derrotados pelas tropas de Baraque e Débora, que arrebanhava mais de dez mil homens (Jz 4:14 - ARA). O general Sísera fugiu e buscou abrigo na casa de Jael, esposa de Héber e aliada de Israel, que preparou uma surpresa desagradável. Vendo que ele estava cansado e desorientado, Jael ofereceu-lhe leite e descanso, e, quando ele dormia, cravou-lhe um prego na têmpora e o matou (Jz 4: 17-21 - ARA). Quando Baraque se aproximou da tenda em que estava o corpo desfalecido do comandante de Jabim, “Jael lhe saiu ao encontro e lhe disse: vem, e mostrar-te-ei o homem que procuras” (Jz 4: 22 - ARA).

Uma profetisa e juíza, um general, uma mulher comum e um pequeno exército foram suficientes para a concretização do projeto de libertação do povo de Deus.

O CÂNTICO DE DÉBORA E BARAQUE

Após a vitória, Débora e Baraque entoaram um cântico ao Senhor, exortando os ouvintes e convocando os reis e príncipes ao momento de aceitação de que a vitória havia sido do povo de Deus:

Porquanto os chefes se puseram à frente de Israel, porquanto o povo se ofereceu voluntariamente, louvai ao Senhor. Ouvi, reis; dai ouvidos, príncipes; eu, eu cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor, Deus de Israel. O Senhor, saindo tu desde o campo de Edom, a terra estremeceu; até os céus gotejaram águas. Os montes se derreteram diante do Senhor, Deus de Israel. (Jz 5: 1-4 - ARA).

O cântico, dessa forma, revelou o poder de Deus, se o povo resolver obedecer às instruções enviadas por Ele por meio daqueles a quem ele chamou, preparou e capacitou. Segundo a Bíblia, após um trabalho de união e fé, pereceram todos os inimigos do Senhor, brilharam como o sol em seu esplendor quem amava e seguia o Deus de Israel e, por fim, a terra ficou em paz por quarenta anos. (Jz 5: 32 - ARA).

APRENDIZADOS DA GUERRA TRAVADA POR BARAQUE E DÉBORA

1. Os israelitas caíram em si e, arrependidos, clamaram pela intervenção divina. Deus respondeu ao clamor de seu povo de forma especial, mostrando-lhes seu favor divino. Segundo a Bíblia, “porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (I Jo 5:4 - ARA). Uma fé que experimenta o poder de Deus e, por meio dela, supera o adversário. As experiências dos guerreiros cheios de crenças reais não nos permitem vacilar
2. A história de Baraque e Débora é um exemplo de fé e submissão a Deus. Por vezes, necessita-se de tomada de decisões difíceis, crer no invisível,

crer na palavra profética e, mesmo estando em menor número, sair para a batalha esperando o milagre divino. Hebreus 11 fala sobre o legado de fé das heroínas e dos heróis bíblicos, quando o apóstolo Paulo escreve que “a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não se veem” (Hb 11: 1-2 - ARA).

3. Liderança e coragem são fatores determinantes para triunfar sobre as adversidades. Por isso, é importante seguir alguns passos: acreditar que se pode vencer as adversidades, ter fé firme e constante, obedecer a Deus em toda e qualquer situação, fazer alianças de fé com o profeta de Deus, enfrentar as dificuldades com ousadia, não procrastinar, trabalhar em equipe para superar desafios, trabalhar os pontos fortes das equipes estipuladas para as guerras e dispor dos auxílios necessários para a vitória, sejam eles humanos ou recursos físicos.
4. Nem sempre se fará tudo sozinho. É importante, por isso, o apoio da família, dos amigos, da igreja, de intercessores, diáconos, pastores. Cada pessoa possui uma inteligência e perspicácia diferentes. Deus as convocará segundo os critérios estabelecidos por Ele mesmo.
5. Deus sempre revelará ao seu povo o poder e o amor dEle. O libertador das cadeias humanas será, em todo o tempo, convocado: Jesus Cristo, Senhor Eterno, o Salvador de toda a eternidade. A ação da divindade corrige injustiças, protege os oprimidos e pune a maldade dos cruéis opressores de seus filhos. Ele também capacita o povo para agir. Logo, a ação dos escolhidos mais a providência divina, trabalhando juntas, formam a dupla perfeita para a vitória contra os cananeus. Deus age no povo para que este possa reagir bem. Ele inspira e fornece a graça dEle (o Espírito Santo), configurando uma aliança vencedora.

LIÇÕES PARA AS BATALHAS DO DIA A DIA

- Lição 1: deve-se apoiar e incentivar os que seguem a mesma linha de combate, sabendo que, às vezes, eles se mostrarão inseguros.
- Lição 2: será necessário liderar pelo exemplo, dispor-se a enfrentar as lutas com a equipe, família e amigos reunidos. Isso é coragem vencedora.
- Lição 3: a vitória do todo é o resultado da contribuição individual, isto é, todos deverão fazer aquilo para que foram preparados.
- Lição 4: Deus pode realizar grandes feitos na vida do seu povo, independentemente da atuação social, força ou do gênero de quem por Ele for escolhido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período dos juízes foi um tempo de grande apostasia do povo escolhido. A opressão imposta pelos cananeus levou o povo a fazer o que era mau perante o Senhor. Essa infidelidade foi crucial para que Deus os entregasse a Jabim, o rei de Canaã, que reinava em Hazor. Este rei, com seu exército poderoso, levou Israel a 20 anos de dominação.

Deus chamou Débora e Baraque, uma profetisa e juíza, para a mudança de ciclo na nação. Era o começo, uma renovação, uma nova chance, uma esperança para um viver de acordo com os valores de forte fé. Deus lhes traria paz, restauração, cura e o convite: “vamos reiniciar nossa comunhão e prevalência sobre os algozes do povo”. Uma nova história. Aleluia! Uma nova história faz parte do plano eterno de Deus para nos resgatar. É importante lembrar, entretanto, que a operação de resgate já foi consumada em Cristo. Por isso, não devemos ser prisioneiros, pois pertencemos a Ele e nele estamos seguros. As bênçãos conquistadas por nós, por meio de Cristo, trazem-nos paz interior e a possibilidade de uma vida próspera e sem os fardos do passado.

Gilberto Cipriano do Nascimento

É historiador (Universidade Estácio de Sá), especialista em Educação de Jovens e Adultos (Universidade Estácio de Sá) e em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo (IFRN). Possui também especialização em Filosofia (FAVENI) e em Teologia e Educação Cristã (FASU). É formado em Liderança Cristã pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Concluindo a especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (FACIBE). Mestre em Teologia pelo Instituto de Formação Acadêmica (FATEB). Mestrando em Educação pela Ecumenical World University Estado da Flórida – EUA. Atua como professor, pastor, escritor, palestrante e líder com experiência na área de Educação, com ênfase em formação cristã.

Livros publicados pelo autor:

- **As Sequelas do Escravismo no Brasil Contemporâneo.** 1ª ed. Ponta Grossa – PR: Aya Editora, 2025. 100p.
- **A Educação Cristã no Brasil e a Escola Pública do Século XXI.** 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2024. 47p.
- **Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA.** 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 73p.
- **Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA.** 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 72p. (edição alternativa)
- **Desafios da educação na contemporaneidade 7 - Educação no Brasil e a cultura digital - Gilberto Cipriano do Nascimento.** Capítulo 27; Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 424p.
- **Saberes Tecnológicos para Práticas Pedagógicas.** Capítulo 1 – Organizador. 1ª ed. Rio de Janeiro: AG Publicações, 2021.

Aluísio Moreira da Silva Junior

Escritor. Pastor da Igreja Batista Belém - RJ. Mestrado em Teologia com especialização em Ministério Pastoral pelo Luther Rice Seminary (Atlanta/USA). Pós-Graduando em Psicologia Pastoral pela FATIN (Faculdade de Teologia Integrada). Professor do Seminário Teológico Evangélico Batista Nacional do RJ (CBN). Professor do Seminário Bíblico Batista do RJ (CBB). Ex-Presidente da CBN-RJ (Convenção Batista Nacional RJ)

Livros publicados pelo autor

1. VISÃO DIRECIONADA - de olho no X da questão. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2015. 96 páginas.
2. AUTORIDADE ESPIRITUAL Você vai entender! Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2015. 128 páginas.
3. PRINCÍPIOS INCONTESTÁVEIS DA LIDERANÇA. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2016. 128 páginas.
4. O PODER TRANSFORMADOR DO COACHING. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2018. 156 páginas.
5. OS DOZE - Ensinaamentos dos Discípulos. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2020. 192 páginas.
6. HUMANAMENTE. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2020. 320 páginas.

Paulo Francisco Mota

É formado em Matemática, licenciatura (Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ), com Mestrado profissional para Educação Básica -Profmat (UERJ). Possui também o Curso básico em Teologia pelo STEBAN (Seminário Teológico Evangélico Batista Nacional) , aposentado como técnico de Operação Pleno na Petrobras , com 33 anos de serviço e atualmente Professor de Matemática na Rede Municipal do Rio de Janeiro.



AYA EDITORA

2025